

# **Imatura & Escandalosa**

**Geyme Lechner Mannes**  
**Romance**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Imatura & Escandalosa

Geyme Lechner Mannes  
Romance

Copyright © 2014 by Geyme Lechner Mannes

Capa: © okalinichenko

Diagramação: MLM

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião

---

**Geyme Lechner Mannes**  
**Imatura & Escandalosa: Romance**

---

**Brasil, 2014**

Título Original: *Imatura & Escandalosa*

Copyright © 2014 by Geyme Lechner Mannes

Todos os direitos reservados © Geyme Lechner Mannes

**[www.geyme.com](http://www.geyme.com)**

Não está permitida a reprodução total ou parcial deste livro, nem a transmissão de nenhuma forma ou por qualquer meio, seja eletrônico, manual, por imagem, registro ou outros métodos sem a permissão prévia e por escrito do autor.

---

**“O mais escandaloso dos escândalos é que nos habituamos a eles. Não se nasce mulher: torna-se.”**

Simone de Beauvoir

## Prefácio

Margarete foi a última filha, um bebê entre irmãos adultos, um descuido do Sr. e Sra. Brandão que nos últimos anos antes de chegar à terceira idade, costumavam brincar sem preservativos ou anticoncepcionais baixo lençóis de seda, certos de que o prazo para procriar havia vencido. A Sra. Brandão tinha quase cinquenta anos quando foi fecundada pela quarta e última vez. Uma gravidez de risco, levada até o final por uma mulher que já tinha idade para ser avó (ou bisavó, considerando os tempos modernos).

“Margarete”, e não *Margaret ou Margareth*, batizada com “e” ao final do nome, pois brasileiro não consegue pronunciar nada que termine com consoante (sem colocar uma vogal no final) dizia o pai dela, fluentíssimo no inglês. Até as palavras mais ordinárias em inglês quando ditas por brasileiros são adaptadas ao Tupi: *Big* para *Bigui*. *And* para *andi*. *But* para *buchi*... Constatava inconformado. O nome de sua caçula com “e” no final foi em virtude da Dama de ferro *Margaret Thatcher*, primeira ministra do Reino Unido. A mãe de Margarete não entendia sobre política, mas gostava dos títulos de Lady e Baronesa que a Dama de Ferro possuía. A pequena Margarete (brasileira) por sua vez, achava seu nome antiquado e burlesco. Era a única Margarete com menos de setenta anos que conhecia.

Muito perspicaz para sua idade delincente, Margarete assustava os próprios pais com sua oratória avançada. Seus movimentos inesperados e ideias absurdas costumavam chocar quem estivesse por perto. Tinha o dom de falar refinado quando queria, mas também conhecia todo o vocabulário vulgar de palavras que raramente pronunciava na presença dos pais.

Em seu diário escrevia com letras bem elegantes:

Todos nós achamos que somos normais, que temos o poder de sermos nossos próprios psicólogos. *Psicólogos?* Porra nenhuma! Tudo que não parta de nossa própria psicologia (barata ou não), geralmente não passa de uma grande babaquice! Psicólogo, terapia, psiquiatria... Tudo isso não é normal e corrente como querem nos fazer aceitar. Só procura terapia quem tem problema. Ponto final. E todo mundo tem problema! Mas poucos são aqueles com condições de bancar um terapeuta babacão e assumir que são problemáticos pacas. Ok. Todos nós temos problemas. Fato consumado. Mas por que fingir que **não** se tem problemas quando se faz terapia? É o que as pessoas costumam dizer: “Vou lá só para conversar...”. Ainda existe um tabu tão grande para aceitar a psicologia que as pessoas precisam inventar balelas do tipo: “Ah, é normal, todo mundo faz!”.

*Normal* é fazer cocô todo dia. O resto é invenção! E nós, *normais*, diagnosticados pelo *Dr. Eu*, somos muito convencidos para aceitar qualquer tipo de sanidade insana. Os bêbados não consideram que bebem demais. Outros, que bebem mais que eles é que são alcoólatras. Todo bêbado acredita que consegue largar a bebida à hora que quiser (o mesmo acontece com os fumantes) porque nenhum deles admite (ou reconhece) que precisa dessas substâncias para viver. Aí o cara que não admite porra nenhuma vai procurar a psiquiatria, terapia, a tal psicologia de merda, para provar a si mesmo que não tem problema algum, inclusive com as drogas lícitas da qual é dependente, mas diz que não é. O povo é burro demais para compreender que existe solução para qualquer tipo de problema, menos para o problema que é o ser humano em sua própria existência. Ser humano não tem cura. É irremediável e contagioso. Não existe solução para isso, não! Dizem que só para a morte não tem solução, quando na verdade a morte é o único remédio. Ela resolve tudo! Os espancadores de mulheres, em geral, não acham que suas esposas apanham à toa, elas sempre dão motivos plausíveis para levarem pelo menos um tapa na cara. Os infelizes sem causa aparente, sempre encontram uma boa razão para estarem mal humorados e insatisfeitos. A infelicidade para alguns é a única oportunidade de ser feliz, a única fonte de prazer e satisfação plena.

Louco é o cara que dirige com o pé no acelerador, que acha que deve aproveitar os vinte por

cento a mais no limite de velocidade para dar uma atolada. Loucos são os outros, que não somos nós! Qualquer um que faça uma babaquice diferente daquela que nós mesmos faríamos. Aqueles que perpetram tudo distinto (geralmente muito pior) ao que nós (os caras normais e bacanas) faríamos. Que se acham super-homens quando depois de tomar uns gorós, saem por aí dirigindo feito imbecis, sentindo-se com peitinhos de aço.

Eu nunca disse que era santa, que era uma boa pessoa, que assumiria de bom grado ser saco de pancadas e humilhações... A reação da vítima, em alguns casos, pode ser muito mais violenta do que a do agressor. É bom ter cuidado com o que se pensa e o que se faz; ter um filtro entre a boca e a massa cefálica. Apesar de eu não ter... Sempre me condeno por isso, mas afinal, também sou um ser humano, contaminada de erros bizarros.

Minha mãe me manda sorrir e minimiza meus problemas de forma frequente. "Isso não é nada, Margarete! Existem coisas piores!". "Esqueça isso, não vale a pena!". "O tempo apaga tudo...". Por sorte (ou por ser inteligente), ela não me manda à terapia. Parece que no mundo da minha mãe, até sofrendo é preciso sorrir. Se você cair na frente de um público estranho, deve levantar rápido e sorrir. O ralado a gente aguenta, uma vergonha, mesmo que passageira perante pessoas que nunca vimos, não! Ela não está nem aí para as dores do mundo. O que importa para ela de verdade é ser elegante mesmo que para isso seja preciso fingir pra valer. Ela finge o tempo inteiro, nem se importa mais, porque já se acostumou com aquele teatrinho da chiqueza. *Mamãe, eu sorrio sempre, mesmo se tiver diarreia na casa do embaixador!* Ela teria um derrame se me ouvisse falando assim. Invente uma desculpa para justificar sua burrice, sua tristeza, sua hemorroida, mas nunca ande por aí, choramingando suas infelicidades e idiotices no ombro errado.

Não é sensato compartilhar problemas com amigos se eles não sofrem também. Dois desgraçados em comum é mais conveniente do que apenas um infeliz. Não esqueçam que nosso "eu" é sempre o melhor amigo e confidente. Ele não o julga nem o condena, apesar das piores burradas que você possa fazer.

Falando em burradas, a paixão é a maior delas, principalmente quando se é imaturo...

# Imatura



# Um

Com hormônios em fogo, sentiu-se instigada pelo filho do jardineiro. Edir trabalhava com o pai no jardim, exibindo seus músculos hábeis e brutais enquanto lidava com a enxada e olhares predadores de uma garota faminta.

Em uma tarde de calor infernal, o garoto foi trabalhar sozinho. Seu pai precisou cuidar de um jardim em outra rua do condomínio, confiando-lhe a responsabilidade de cortar a grama, cuidar das plantas e podar os arbustos da família Brandão. Os pais de Margarete não estavam em casa quando ela chegou do cursinho pré-vestibular ao meio-dia; apenas o filho do jardineiro, trabalhando sem camisa com os bíceps indecentes à mostra, provocador, abaixo do escaldante sol de janeiro.

– Edir, preparei um refresco para você! – Ela o chamou desde a porta da cozinha. Ao ver que, desconfiado, ele procurou em suas mãos vazias o refresco, adiantou-se em dizer: – Acabei de colocar gelo na limonada! Já deve estar trincando!

O rapaz largou a enxada, passou o braço na testa para limpar o excesso de suor que escorria e vestiu a camisa pendurada no portão de ferro. Ainda parecia desconfiado, não das intenções da garota, pois ela não passava de uma menina, mas porque jamais entrou naquela casa pela porta social. Era muito azar que justamente no primeiro dia que seu pai lhe confiara fazer o serviço sozinho, acabasse aprontando por conta de Margarete. Tanto os pais dela quanto o seu, certamente ficariam furiosos se soubessem que tomara um refresco na cozinha, na companhia da filha mais jovem dos donos da casa.

Receoso, parou na porta de entrada sem dar mais um passo, e avisou:

– Vou beber aqui mesmo.

– Ora, com esse calor que está fazendo aí fora? Entre, seu bobinho, aqui ninguém morde! – Ela sorriu, enchendo dois copos de suco até a boca.

Ele emborcou o refresco em cinco grandes goladas, mas estava gelado demais para liquidá-lo em uma única vez. Sua garganta congelou antes de chegar à metade do copo e precisou esperar. Margarete ficou entorpecida, analisando cada movimento da boca do garoto enquanto bebia, seus dedos grossos e a digital dos lábios dele que iam vagarosamente carimbando a borda do copo.

Extremamente constrangido com os olhos curiosos que o espreitavam diretamente, Edir limpou a boca com o dorso da mão, emborcou o resto do suco e entregou-lhe o copo vazio.

– Quer mais? – Ela perguntou.

– Não, obrigado, preciso voltar ao trabalho. – Negou rápido e firme. Se tivesse que passar por mais um momento constrangedor como esse (onde o silêncio e a tara de uma garota dominavam o ambiente), preferiria ignorá-la para sempre.

– Você é sempre assim tão tímido? – Os olhos de Margarete continuavam fixos nos dele, embora Edir parecesse um animal acuado que não conseguia (ou não queria) seguir seu jogo. Desviava a mirada para o chão e para os lados, seguindo a linha dos azulejos na parede da cozinha, disfarçando o mal estar que seus olhares causavam-lhe.

– Eu não quero levar bronca do meu pai, muito menos da sua mãe. – Disfarçou o mal estar com uma desculpa esfarrapada, porém, justificável o suficiente para ela compreender a situação e deixar de importuná-lo.

– De mamãe? – Ela soltou uma gargalhada. – Mamãe é um amor! Jamais brigaria com você; muito pelo contrário! Tenho certeza que se soubesse o trabalho que tive, preparando uma limonada para nós dois, ficaria orgulhosa de mim. Ela sempre diz que devemos prestar atenção aos desfavorecidos.

Edir levantou a mirada do chão e a encarou nos olhos, com uma das sobrancelhas levemente levantada:

– “Desfavorecidos”? O que você quer dizer?

A sobancelha levantada de Edir e a expressão contrariada em sua face deixavam-no ainda mais irresistível. Margarete suspirou para dentro, tentando camuflar a incrível atração que sentia por ele.

– Não me interprete mal, Edir; quis apenas dizer que você estava trabalhando sem chapéu, nesse calor dos infernos que faz aqui no interior de São Paulo. Comparando nossas situações nesse exato momento: eu aqui dentro de casa refrigerada, e você aí fora trabalhando, parece que o termo “desfavorecido” é apropriado, não?

– Não, não é, mas seja como for, preciso voltar ao serviço.

Margarete tentou argumentar um pouco mais, porém ele saiu apressado, deixando-a com um olhar de desprezo e um pensamento que certamente dizia: “Que menina idiota e arrogante!”.

Margarete não teve mais oportunidades de ficar a sós com Edir, e seus intuitos de chamar a atenção com amabilidades, sanduíches e refrescos, foram categoricamente rejeitados, tanto pelo pai de Edir quanto pelo próprio Edir que parecia não vê-la mesmo se ela ficasse fluorescente.

Precisava agir de forma mais efetiva antes que o inverno chegasse e o calor diminuísse.

**Com um biquíni fio dental** por baixo da canga transparente, seus óculos de abelha e os cabelos presos no alto da cabeça por uma fita de cetim vermelha, já o esperava deitada em uma das poltronas ao redor da piscina, quando pai e filho chegaram para trabalhar. Protegida atrás das lentes grandes e escuras dos óculos, Margarete simulava ler uma revista, espreitando Edir sorrateiramente. Tirou a canga e se virou na poltrona com o bundão apontado para cima, deixando o sol invadir suas obscuridades. Era branquíssima, pois nunca tomava sol; detestava o calor, praia, e há anos não entrava na piscina.

Abominava o calor que fazia fora, longe do ar condicionado de sua casa, e apenas sofria desse jeito abaixo do sol porque Edir era uma causa que valia a pena. Suas duas amigas mais chegadas, Renata e Tatiana, foram também prestar um pouco de apoio moral e exibição gratuita de corpos jovens em biquíni. O corpo das duas não intimidava Margarete, pois eram magras como bengalas, enquanto ela já tinha um corpo bem definido, uma bunda grande como a lua, seios medianos e uma cinturinha de pilão de colocar inveja em qualquer garota, das bulímicas as anoréxicas. Margarete podia espremer a bunda, colocá-la para dentro do corpo que nem um furinho de celulite em suas nádegas aparecia. Orgulhava-se de sua genética favorecida e proporcional.

– Re, passa bronzeador nas minhas costas?

Enquanto Renata lambuzava as costas de Margarete com bronzeador, Tatiana voltou da cozinha com uma garrafa de champanhe gelada, que a anfitriã deixou antecipadamente preparada. Após encher três taças e fazer o primeiro brinde, Renata chacoalhou a garrafa e começou a molhar as amigas com o espumante que estalou de dentro do vidro. As três começaram a correr ao redor da piscina, gritando e rindo ao mesmo tempo. Margarete lutou contra si mesma para não olhar nem mesmo com o rabinho do olho para Edir. Sabia que estava chamando a atenção dele; não era necessário correr o risco de ter seu show desmascarado. Se ele não estivesse ali não haveria banho de champanhe em biquíni com garotas descaradas. Aliás, se ele não estivesse ali, sequer haveria convidado Tatiana e Renata para pintar o nariz de vermelho junto com ela. Quando a algazarra terminou, Margarete pegou sua taça em cima da mesa e caminhou até Edir, aproveitando-se do momento que o Silva, pai dele, deixou-o sozinho para cuidar do quintal da frente.

– Quer um pouco de champanha, Edir? Está geladinha!

– Não, obrigado. – Respondeu secamente, largando a tesoura e olhando-a como se estivesse aborrecido. – Se você não percebeu, estou trabalhando.

– Nossa, que grosseria! Você é sempre assim tão rude?

– Não, com os outros não, apenas com você.

Margarete sentiu vontade de espatifar a taça no chão e sair correndo. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas disfarçou pensando em azul, em areia e pedra; substantivos abstratos ajudavam-na evitar o

choro.

– O que eu fiz para merecer sua brutalidade?

– Você quer saber mesmo? – Ele perguntou hesitante, como se dissesse: “Você não gostará do que tenho a dizer”. Ao ver o sinal afirmativo que Margarete fez com a cabeça, continuou: – Para começar, você está se aparecendo com suas amigas e isso me irrita. Banho de champanhe? Ou melhor: “Champanha”? Por que você gosta de ser tão metida?

– Eu estava apenas me divertindo, e ninguém aqui tem o direito de me julgar! Quem é você para falar que sou metida?

– Eu sou o filho do jardineiro que ganha um salário mínimo e meio por mês de trabalho, alguém que não quer nada com uma garota mimada, desesperada para chamar atenção como você.

– Você é um bronco! Um pobretão, despeitado, só porque eu posso me dar ao luxo de tomar banho de champanhe enquanto você precisa ficar aqui ralando!

Edir balançou a cabeça em sinal de concordância, como se pela primeira vez Margarete tivesse falado algo coerente.

– É isso mesmo! Agora você entendeu porque me parece tão perverso esses sucos com folhas de hortelã, seu banho de champanhe com amigas, seus sanduíches de caviar. Ora bolas! “Caviar”? Você tem mesmo coragem de me oferecer sanduíches, enchendo a boca para dizer que são de “caviar?”.

– Eu só quis ser gentil, seu grosseirão! Dá próxima vez vou oferecer sanduíches de sardinha! Tentei apenas impressioná-lo; em nenhum momento tive más intenções, não quis demonstrar ser superior a você. Eu sinto muito...

– Olha Margarete, esqueça o que eu disse, e vamos esquecer também essas ofertas quando estou trabalhando. Eu e meu pai viemos aqui para prestar serviço, e não para comer quitutes esquisitos, e muito menos para assistir seus espetáculos.

– Parece que o “superior” aqui é você. Eu só tentei ser sua amiga, mas você é burro demais para perceber isso.

– Obrigado outra vez, mas eu já tenho amigos.

– Vá se foder, Edir! – Margarete virou as costas para ele e saiu a todo vapor, marchando frente às amigas que tomavam banho de piscina, sem olhar para elas.

**Tatiana bateu na porta do quarto** de Margarete e entrou antes de receber permissão. Margarete estava deitada em cima da cama de bruços, afogando as lágrimas em duas almofadas cor de rosa, com a cabeça metida entre elas.

– Vamos Marga, ânimo! Esse garoto não merece suas lágrimas. Eu o conheço desde que era pequeno, ele não passa de um arrogante.

Margarete deu uma fungadinha antes de desentocar a cabeça das almofadas.

– Você o quê?

– Ele é meu vizinho. Quer dizer, não vizinho de porta, mas mora na minha rua.

– Mas por que você não me disse que já o conhecia?

– Eu só soube que o famoso “Edir” de quem você tanto fala é o “Edir” que mora na minha rua quando o vi hoje na piscina, mas não tive chance de contar, pois você subiu para o quarto correndo. Sexta-feira haverá um showzinho de pagode no meu bairro, talvez o Edir esteja lá... Quer ir?

Os olhos tristes e molhados de Margarete, de repente, brilharam de euforia:

– Ah, Tati, não conta nada para Renata, mas eu já disse que você é minha melhor amiga?

## Dois

**Margarete nem teve tempo** de terminar sua pergunta.

– A resposta é não! – Decretou sua mãe categoricamente ao mesmo tempo em que escolhia guardanapos de pano branco bordados para colocar na mesa.

– Mas mãe, o irmão da Tati estará lá e os pais dela nos buscarão antes da meia-noite!

– Pode esquecer o assunto! Aliás, você deveria escolher melhor com quem se mistura! Não me agrada nadinha que circule por aí à noite, em lugares perigosos, e menos ainda com essas amizades duvidosas. Ora, o que é isso, show de pagode? Pode tirar seu cavalinho da chuva!

Bem no fundo Margarete também tinha dúvidas se a amizade que Renata e Tatiana demonstravam por ela era verdadeira, mas como as amigas paparicavam-na, sempre servis ao seu dispor, desconsiderava a questão; se queriam apenas aproveitar-se de sua condição favorecida, que o fizessem! Finalmente, era ela quem sempre tinha a palavra derradeira, os privilégios e mimos. Podia até ser verdade que o amor que lhe ofereciam não passava de uma farsa, mas ela o queria mesmo assim. Se alguém estava vendendo algo ali, então, ela era a compradora e tinha pleno direito de usufruir de sua mercadoria. Algumas pessoas (como sua mãe) diziam que Margarete era boba, que se deixava enganar por “gente interesseira”; mas o que elas não sabiam é que a maior interesseira poderia ser ela mesma, que em troca de uma amizade de quem podia abusar, permitia-se ser “explorada” com migalhas que não lhe afetavam em absolutamente nada. Qual era o problema em pagar a entrada no clube às amigas, a bebida em discotecas, o lanche no shopping ou a entrada no cinema? Esse trocado que pagava para ter a amizade incondicional das duas, sem dúvida alguma valia a pena. Margarete se aproveitava da situação de ter mais dinheiro que suas amigas para estabelecer sua dominação, e dessa forma ser mais adorada e protegida (pelo menos, aparentemente, mas como a *aparência* é tudo o que importa, manteria o status até se cansar dele). As pessoas afirmam temerem a inveja, quando na verdade adoram ser invejadas (mais por seus bens materiais do que por suas virtudes). Margarete adorava ser invejada por suas amigas, pois além de estabilidade financeira, possuía um futuro promissor do qual, fizesse o que fizesse, conforto e bem estar estariam garantidos até seu último suspiro. Essa posição confortável era exclusivamente sua, suas amigas não a teriam jamais, não importando o tamanho da inveja ou do interesse que destinassem a ela. Margarete gostava de ser a preferida dos pais, desfrutava do ciúme dos irmãos em relação a sua posição privilegiada de caçula na família, de ter sua amizade constantemente disputada nos grupos sociais que desde a infância participou: na escola, no clube de lazer, no curso de balé, na classe de inglês e nos outros cursos de idiomas que fazia...

Fingindo-se ofendida, Margarete levantou a voz:

– A senhora não tem o direito de interferir nas minhas amizades! O que há de errado com pagode? É melhor que sertanejo, não? Ou a senhora gostaria que eu fosse a rodeios laçar bois, depois de ter dançado dois pra lá dois pra cá de chapéu e bombacha com um caipira calçando bota sete léguas?

– Ora, não seja impertinente, você vai de um extremo a outro. Por que você não convida Marta para ir ao teatro no sábado?

– Porque quero ir ao show de pagode!

– Se você insistir com essa história, vou deixá-la sem mesada e bloquear seu cartão do clube!

– Clube, clube, clube... Pode bloquear esse cartão, só vou lá mesmo por insistência sua!

– Você fala isso agora, apenas porque está ansiosa para se misturar com essa gentinha da zona sul! – Disse a mãe sem alterar o tom em sua voz ou a tranquila expressão do rosto, enquanto molhava o cordeiro no forno com vinho e o salpicava com hortelã. – Você deveria escolher melhor suas amizades, sim! Em breve estará no ponto de casar; e ao contrário de pensar em pagode, deveria começar a se comportar como uma senhorita de classe, instruindo-se com pessoas cultas e refinadas...

– A senhora fala como se eu fosse uma banana verde. Que conversa é essa de “ponto de casar”, mamãe? Estamos no século dezesseis ou o que? O que a senhora espera que eu faça? Curso de crochê e bordado? Nem morta! Aprender outras línguas não foi suficiente para minha cota de cultura? Por que a senhora se importa tanto com isso, afinal, eu já avisei que vou *ficar pra titia*, não foi?

– MARGARETE! Às vezes eu acho que não a criei feito uma menina! Nós nascemos para sermos amados incondicionalmente, entendeu? E isso só um bom marido pode fazer!

– A senhora está de brincadeira comigo, né? O máximo que um “bom marido” pode fazer por mim é enfiar dois galhos na minha cabeça. Como podemos viver pelo *amor incondicional* se o ódio, a repulsa, a falta de atração e todo tipo de antipatia pelo semelhante, está muito mais presente na genética do ser humano?

– Não me interrompa, menina! Você está cada vez mais impossível! Eu deveria tê-la colocado em um colégio de freiras quando tive oportunidade.

– Para aprender a rezar?

– Não, para aprender bons modos e disciplina!

– Então, por que não tentou o exército?

– Margarete... – Sua mãe fez aquela típica expressão de estar sem paciência para gracinhas.

– Tá bom, posso ir ao pagode, então?

– Acabei de lhe dar um sermão; você escutou algo do que eu disse? Entenda de uma vez por todas que essas festas no gueto não a levarão a lugar algum!

– E o teatro, me levará?

– Não seja mal criada, Margarete Brandão! Você está lendo o livro que lhe demos?

– Claro que sim! – Mentiu Margarete que trocou “O mundo de Sofia” (presente dos pais), por “O prazer de Pecar” de Cassandra Rios, adquirido em um sebo. – Achei que devíamos cuidar dos desfavorecidos; ao menos é isso que a senhora sempre diz...

– “Cuidar dos desfavorecidos” não significa nos envolver física e emocionalmente com eles.

– Mas “cuidar bem” significa envolvimento, ou do contrário não é cuidar. – Constatou Margarete logicamente. – Acho que se cada rico casasse com um pobre, por exemplo, o problema da desigualdade social estaria resolvido, a senhora não acha?

Sua mãe colocou a mão no coração, sobressaltada. Jamais escutara tamanha bobagem.

– Você enlouqueceu, minha filha? Ficou tantã? Não entendeu nada do que eu ensinei, foi isso? É claro que devemos praticar o bem, mas para caridade basta assinar um cheque, fazer doações; ou no máximo trabalhar em mutirões de sopa. “Caridade” significa dinheiro à distância, entendeu? Nunca, amor!

– Então, o intuito da caridade não é ajudar o próximo, mas a si mesmo!

– Você não foi a primeira pessoa a descobrir isso, mas admito que foi bastante perspicaz ao chegar a essa conclusão sozinha.

– Sozinha não... Precisei antes ouvir o discurso de uma pessoa “caridosa”, e só então conclui.

– Não se faça de engraçadinha! Ano que vem você estará na Universidade. Já está na hora de amadurecer!

Margarete ficou no mesmo lugar, calada. Se sua mãe imaginasse que tinha uma queda de Niágara pelo filho do jardineiro, era capaz de enfartar ou morrer diretamente. Como causa de morte em seu atestado de óbito, constaria: “Desgosto” ou “vítima de disparate” ou mais claramente: “Vítima de Margarete, sua filha tantã”. Por prudência, era melhor manter o bico fechado.

Sua mãe dava-lhe muitos conselhos gabando-se sempre do “maravilhoso” que era Margarete tê-los grátis. No entanto, por mais *maravilhoso* que esses conselhos pudessem ser, ela não se sentia privilegiada por recebê-los gratuitamente. Aliás, se pudesse, pagaria para sua mãe não dá-los nunca mais. Antes ela pudesse ser subornada... Investiria todas suas economias para comprar o silêncio dela e o

fim de seus conselhos.

Sua mãe era uma pessoa enérgica, ativa e dominadora, apesar de ter nascido com o dom para afazeres domésticos e muitas vezes ser confundida como uma indefesa e inocente dona de casa. Era mãe e esposa nas vinte e quatro horas do dia, e podia tanto ser carinhosa e gentil com seus filhos e empregados quanto liderá-los com punho muito firme. Também podia assustar pessoas que não a conheciam direito quando as encarava diretamente nos olhos, desafiadora, ou afrontava-as com perguntas onde a resposta não existia.

Quando era mais jovem, Dona Alissa costumava provocar seu marido com assuntos bobos que acabavam se tornando uma pequena briga. Ele a deixava muito tempo sozinha. Quando chegava a casa só falava em trabalho. Ela trocava o assunto por algo supérfluo, como a confirmação na data de um exame médico agendado, pelo cardápio do jantar no clube, para reclamar de algum empregado. Não aguentava mais os mesmos temas que variavam apenas de local e nome, mas que seguiam constantemente uma linha comum e previsível. Quando mostrou abertamente esse desinteresse pelos assuntos do escritório, seu marido, o Dr. Brandão, passou a falar menos. Já não existia assunto; ele não sabia mais o que dizer. O silêncio a incomodava ao ponto de tirar seu sono e fazê-la chorar. Deprimia-se com o silêncio, com as brigas causadas pela falta do que dizer, por reconhecer que ou cedia e o escutava falar sobre o escritório ou não o escutaria falar sobre nada. Irritava-se muitíssimo, mas suportava o enfado valentemente. Enfim o silêncio chegou para ficar e acostumou-se com o intruso. Não havia mais assuntos de escritório, tampouco brigas. Ela já não se irritava com o marido pelo silêncio, pois o adorava em todos seus aspectos. Dado à bela imagem que projetavam quando estavam juntos, o sucesso nos negócios, as obras sociais e benfeitorias que levavam à comunidade através de projetos não governamentais e os muitos anos de casamento, eram um modelo de matrimônio a ser seguido, embora o segredo para terem atingido essa estabilidade não revelassem jamais: Silêncio!

Margarete fez as contas: os pais completariam quarenta e cinco anos de casados em breve, e certamente (embora não conversassem mais), ainda transavam. Sua mãe, embora fingisse desconhecer os prazeres carnis, deveria copular como louca. Ruborizava ao pensar na relação sexual deles, mas ao mesmo tempo imaginava de que jeito e a que horas do dia faziam, em que dia da semana, em qual lugar da casa. Imaginar os pais transando é quase uma perversão, mas Margarete não conseguia evitar, afinal, sua mãe engravidara pela quarta vez com quase cinquenta. Os pais não são assexuados como a maioria dos filhos pensa; muito menos os dela (que apesar de quase meio século juntos) ainda davam uma fornicadinha. Como alguns casais conseguem transar com a mesma pessoa durante anos a fio sem perder o interesse no outro é o maior segredo da humanidade. O mesmo corpo, manias, posições, tamanhos... com a única diferença na textura na pele de ambos durante o passar do tempo, cedendo vigor à flacidez, ao pinto mole, aos seios caídos.

Margarete observou-a preparar a janta em salto alto, com um avental personalizado de cozinha por cima de um vestido elegante (quase para uma festa de gala), sorrindo educadamente sem mostrar os dentes, enquanto dizia que suas amigas eram “bandidas”. Permaneceram em silêncio. Enquanto sua mãe espetava a carne de cordeiro no forno, Margarete esperava que ela mudasse de ideia e cedesse ao seu pedido. Para matar tempo, observava que os cabelos da mãe (perfeitamente escovados), não se mexiam. Como ela conseguia cozinhar de cabelos soltos sem perder nenhum fiozinho na comida era um segredo que apenas o laquê francês podia explicar.

– Vá se aprontar. – Sugeriu a mãe com desvelo. – O jantar será servido em trinta e cinco minutos.

– Trinta e cinco minutos, exatamente? E quantos segundos? Não é mais fácil falar em meia hora?

– Vou fazer de conta que não a escutei. E agora vá logo! E aproveite para arrumar esse batom torto na boca! Você sequer sabe pintar os lábios direito e já pensa em bater perna por aí à noite... Ora, que absurdo!

– Se a senhora não vai me dar permissão para ir ao show, não quero comer. A partir de agora farei greve de fome!

– Está vendo porque não a deixo ir, querida? – Sua mãe disse como se constatasse algo extraordinário, e sorriu triunfante: – Apesar de já ter dezessete anos, você continua sem saber o que diz. Só uma criança marrenta ameaça fazer greve de fome por ter um pedido negado.

– Então a senhora nunca ouviu sobre a reivindicação de presos que fazem greve de fome na cadeia, nem dos militantes irlandeses do IRA...

Dona Alissa sequer permitiu que sua filha terminasse a frase ou citasse mais um exemplo absurdo, e a interrompeu:

– Ao contrário deles, você, queridinha, não luta por qualquer causa aqui. Deixe de ser mimada!

Era a segunda vez na mesma semana que Margarete era chamada de “mimada”. Talvez fosse mesmo, mas a culpa era toda dos pais, principalmente de sua mãe que fazia tudo o que ela queria (quer dizer, quase tudo... menos deixá-la se misturar com a “maloca”).

Margarete revirou os olhos, contrariada. Sua mãe estava velha demais para entender (ou respeitar) suas necessidades. Quanto mais ela lhe colocava contra as pessoas da zona sul, inferiorizando-as, e tentava atraí-la com festas e pessoas da alta sociedade, mais efeito contrário tudo isso fazia. Antes pudesse ouvir os ensinamentos da sábia mãe e segui-los ao pé da letra, mas seu amor por Edir, a amizade com Tatiana e Renata, o carinho pelos empregados, a atração por guetos e pagodes... impediam-na de ser racional como sua mãe desejava.

Recolhida a sua imagem de *ovelha negra* da família, e sem querer mais chamar atenção para o assunto do pagode, evitou discutir com a matriarca:

– Desculpe, mamãe, não quis chateá-la. Posso comer um miojo?

Dona Alissa sorriu vitoriosa, pois trocar seu maravilhoso cordeiro assado por miojo só provava que Marga ainda era sua garotinha.

## Três

O casal Brandão costumava deitar logo após a janta, por volta das nove horas da noite. Margarete esperou até ouvir o barulho da porta do quarto deles fechar para pular pela janela. Seu quarto estava no segundo andar, se calculasse bem, poderia cair diretamente em cima do arbusto e não se machucaria. Não era uma ideia inteligente, pois a possibilidade de errar o alvo era muito grande. Reconsiderou a altura, e principalmente o objeto que amortizaria seu impacto, vendo-o pouquíssimo confiável. Colocou os pés para fora da sacada e se pendurou na grade de proteção. Deixou seu corpo balançar enquanto segurava com as duas mãos, escorrendo pela barra de ferro da sacada. Agora, a distância já não parecia mortal, mas ela ficou com medo. Arrependeu-se. Tentou subir novamente e voltar para seu quarto, mas seus braços não tinham força para erguê-la. “Raios, deveria ter feito musculação” condenou-se. Pensou em gritar pela ajuda dos pais, mas com a porta fechada e o barulho do ar condicionado, eles não a escutariam.

Não tinha coragem para gritar e nem forças para manter-se por mais tempo pendurada. Deveria ter usado a porta normal de saída, mas quis fazer uma grande fuga. Odiou-se nesse momento por ser tão burra; incapaz de sair da própria casa sem uma tragédia. Olhou para baixo, determinada a pular para seu leito de morte quebrando o pescoço. Margarete, nascida e criada para ser uma *lady*, morreria como um frango, cogitou. Sua mãe tentaria acobertar sua morte com uma mentira que não humilhasse tanto a família. Deveria pular protegendo seus órgãos vitais, mas como faria isso? Tinha muitos órgãos vitais! Estava bem em cima do arbusto; considerando que caísse no alvo, teria ele a capacidade de protegê-la? Não havia mais tempo para suposições. Queria fazer o sinal da cruz antes, mas suas mãos estavam ocupadas. Respirou fundo e soltou-se. Sua queda foi rápida e dolorosa.

Caiu não somente em cima do arbusto, como dentro dele, no meio de seus galhos pontiagudos e hostis. Os galhos não pareciam tão perigosos quando eram apenas galhos, parados ali no jardim, sem função alguma. Se não houvesse fechado os olhos teria ficado cega, com o globo ocular perfurado por um braço da árvore. A planta estava molhada pelo sereno da noite. Saiu da moita e limpou-se, verificando se seus órgãos vitais (e outros órgãos menos vitais, porém importantes), seguiam intactos. Estava tudo bem, com exceção de sua blusa branca manchada de verde e sua calça que rasgara bem no meio da perna. Limpou-se com as mãos tentando disfarçar a sujeira, mas percebeu que não podia sair imunda, com um buraco na calça, exatamente no lugar do paraíso. Tirou a chave do bolso e entrou na casa pela porta da frente, usando a ponta dos pés, tentando não fazer barulho. Subiu as escadas até o seu quarto, escolheu uma nova muda de roupa e trocou-se em menos de vinte segundos.

Desceu novamente à surdina, dessa vez como uma dama, saindo pela porta social. Arriscou sua vida em vão, afinal, fez duas saídas em questão de minutos (sendo uma delas como bandida) sem ser flagrada pelos pais.



## Quatro

A rua fora fechada para automóveis. Entre uma esquina e outra, mesas e cadeiras abarrotadas de gente com cerveja na mão, enchiam o lugar. Porções de frango a passarinho, coração e linguiça eram servidas por garçons informais que trabalhavam para o Empório 51, o bar mais movimentado do bairro. As vozes das pessoas se misturavam com a música alta que saía pelas caixas de som. Um espaço adiante foi ocupado pela aparelhagem da banda que começaria a tocar a qualquer instante.

Tatiana, apesar da minissaia azul, usava uma comportada blusa branca de manga longa, discretamente decotada, junto com um saltinho de três centímetros. Margarete a olhou de soslaio. Achou-a bonita e sedutora, mais do que ela mesma (que fez o possível e impossível para se vestir simplesmente, evitando provocar comentários do tipo: “Lá vem a cu doce, amiga de Tatiana”). No entanto, embora todo cuidado e critério ao se vestir, Tatiana estava agora ao seu lado, chamando atenção com seu corpo magrelo através da excelente combinação da saia sem juízo com a blusa ajuizada. Margarete olhou a si mesma, baixando a cabeça do peito aos pés. Estava medíocre! Uma garota sem sal, que apesar de rica, não podia competir com a amiga pobretona ao seu lado. Sentiu-se invisível e envergonhada. Da próxima vez que vissem Tatiana não fariam sobre sua “amiga riquinha metida”, mas sim, sobre: “sua amiga riquinha escolhambada, que não sabe se arrumar e tem joanetes de doer os olhos”.

Avistou Edir com dois amigos logo adiante, mas a presença dele só a deixou ainda mais cabisbaixa e desmotivada. Agora, ao invés de tentar conquistá-lo com um olhar atraente, queria se esconder em um bueiro. Olhou para as garotas do bairro, bundudas, cabeludas e enfeitadas. Nem todas eram lindas, mas todas estavam arrumadas, prontas para desbancar a concorrência. Beleza, aparência, roupas descoladas e atitude, são questões de sobrevivência ou morte para qualquer garota jovem que se ame de verdade.

– Vem comigo, vamos ao banheiro! – Margarete praticamente ordenou Tatiana a segui-la.

– Para que a pressa? Está com vontade de cagar?

Margarete ignorou a piadinha inconveniente e a puxou pelo braço. Ao ver a fila de garotas apertando-se na frente da porta do banheiro, segurou Tatiana pelo ombro e gritou, fazendo uma expressão preocupadíssima:

– Meninas, minha amiga está passando mal!

Tatiana entendeu imediatamente a jogada, e sem pensar duas vezes, fez “cara de cólica”. As garotas, sempre prestativas e humanitárias, abriram espaço e cederam a vez.

Ao entrar no banheiro, as duas seguraram a risada para não chamar a atenção (e a fúria) das garotas na fila. Enquanto Tatiana repassava brilho nos lábios, Margarete rasgou verticalmente a blusa que usava, formando duas pontas de pano que amarrou abaixo dos seios criando uma espécie de top. Bagunçou um pouco os cabelos com as mãos, ficando com uma expressão um pouco mais adulta e selvagem. Tatiana levou um susto prazeroso ao ver Margarete rasgar a própria roupa.

– Boa ideia, sua safadinha! Por que já não veio assim de casa?

– Por que você não me avisou que as garotas aqui sabem se arrumar? O mínimo que eu posso fazer é mostrar o umbigo!

Tatiana passou seu brilho nos lábios de Margarete e deu-lhe um tapa na bunda antes de saírem.

– Dona Alissa teria um AVC se visse a filha dela agora!

– Por quê? Você acha que eu pareço uma puta louca?

– Tá brincando comigo? – Tatiana a olhou dos pés a cabeça e ordenou: – Arrasa o quarteirão, garota! Você está sublime!

Com a barriga ao vento, Margarete se sentiu um pouco mais autoconfiante. Passou pelo bar e pediu duas cervejas bem geladas.

– Copos? – Perguntou o atendente atrás da barra, fazendo pouco caso sobre a idade das duas clientes. Pouco lhe importava se eram menores de idade ou não. Os escândalos mais deliciosos sempre vinham das infantas, que por não conhecerem seus limites com o álcool bebem feito alambiques. Geralmente acabavam a noite abraçadas à privada nojenta dos fundos do bar, vomitando; com a tanga e os peitos para fora da roupa.

– Não se preocupe, vamos tomar na garrafa mesmo!

O atendente deu uma piscadinha de olho conivente. *Com sorte ainda traço uma dessas danadas, hoje!* Pensou animado.

As duas passaram com dificuldade pela muvuca na frente da porta. A banda de pagode já havia começado a tocar; o pessoal estava febril.

Margarete pensou nas festas pomposas de debutantes, bailes de confraternização, jantares dançantes e beneficentes que costumava frequentar com as amigas “classe A”, sempre recatadas e cheias de regras de etiqueta a cumprir. Aquele pagodão sim que era festa! Gente melecada de suor, com cerveja na mão e samba no pé! Alegria pura!

*Putá que o pariu, é hoje que solto a franga!* Refletiu convicta, sem saber onde sua *franga* estava presa, duvidando da origem e significado dessa expressão popular.

– Olha ali o Edir! – apontou Tatiana com seu dedão, ao mesmo tempo em que o cantor desafiou a moçada pelo microfone:

*A garota que dançar melhor em cima da mesa AGORA, vai ganhar uma surpresa!*

Margarete queria levar uma surpresa para casa, e de quebra, chamar a atenção de Edir que ainda não sabia que ela estava ali. Olhou para a mesa ao seu lado, mas uma garota acabava de subir nela. Subiu em outra mesa mais a frente, vendo que mais seis garotas já estavam preparadas em posição de requebrar.

– Você sabe dançar, sua doida? – Gritou Tatiana, logo abaixo.

Ela não teve tempo para responder, pois a banda começou a tocar no mesmo instante.

Margarete repetiu o movimento da garota que dançava na mesa da frente e trançou os pés *joanéticos* repetidas vezes de um lado para outro, tentando desenvolver um molejo ainda maior, jogando os braços para cima e descendo-os pelo contorno de seu corpo. O pessoal assobiava, cantava e aplaudia. Margarete se concentrou em agora em sua performance, sem deixar de imaginar que o alvoraço que escutava, entre assobios e aplausos, era todo para ela.

Colocou as mãos na cintura com um olhar sensual, fazendo um leve biquinho prometedor com os lábios e foi dobrando os joelhos, descendo os quadris até onde suas pernas enferrujadas por falta de exercício, permitiram.

Ao final, quando a música acabou, seu coração (devido ao esforço inabitual) estava tão acelerado, sua respiração tão ofegante, que achou que iria enfartar e morrer ali mesmo em cima da mesa. Manchete do dia seguinte: “Garota de classe alta enfarta em cima de uma mesa de bar no subúrbio da cidade, depois de ser desafiada a dançar um pagodinho”. Agora sim seus pais morreriam de orgulho, teve a irônica certeza, enquanto permanecia em sua posição de estrela, com as pernas separadas uma da outra, as mãos na cintura, tentando não desmaiar, controlando a respiração para não parecer um cachorro velho e asmático. O vocalista da banda incitou o pessoal em aplaudir as garotas, uma por uma:

Margarete e a mulata a sua frente ficaram com as duas maiores saraivadas de palmas e foram desafiadas pelo vocalista da banda a uma nova disputa para ver quem venceria.

“Putá que o meu pariu, só me faltava essa! É agora que eu morro!”

Ela respirou fundo várias vezes antes de voltar a requebrar. Quando a música começou, não conseguiu dar o melhor de si como na primeira vez, e ao invés de requebrar até à superfície da mesa, apenas moveu os pés e rebolou as cadeiras, passando as mãos ao redor do corpo, mantendo-as na cintura sem conseguir evitar mover mais os braços do que os pés.

Sua adversária ficou em primeiro lugar, mas ambas foram chamadas para receber o prêmio diretamente das mãos do vocalista. Quando chegou ao lado dele, Margarete olhou para o público alegre composto pelos habitantes do bairro, e viu Edir nesse exato momento apontar para ela, rindo descontroladamente com dois de seus amigos. O que o cretino estaria dizendo? Imaginou apreensiva.

O dono do bar apareceu com a surpresa: Um “Kit Pileque” para o primeiro lugar, e uma caipirinha para o segundo. “Quase enfartei por isso?”. Margarete sequer tomava caipirinha. Uma nova salva de palmas, gritos e assovios, duraram por uma fração de segundos. Antes tivesse ganhado um cheque no prêmio Nobel de alguma coisa, uma estatueta no Oscar ou um certificado pelo melhor projeto de Ciências do colégio. Mas não! Ali estava ela com seu prêmio alcoólico, ganhado em uma querela de pagode. Saiu com sua bebida, sem encostar o canudo na boca. Ao menos agora enquanto caminhava com Tatiana, os olhares estavam todos em cima dela. Garotos puxavam conversa, tentavam tocá-la, convidavam-na para dançar, mas ela só pensava em Edir, tentando adivinhar o que ele dissera aos amigos quando o viu rir.

– E aí, vai deixar esquentar ou vai beber? – Tatiana perguntou, olhando para o copo na mão de Margarete.

– É toda sua! – Ela estendeu o copo. – Escuta, Tatiana, você acha que eu dancei muito mal? Fiz papel de ridícula? Esse era o espírito da coisa, não? Dançar em cima da mesa...

– Deixe de ser boba! Nem eu sabia que você dançava tão bem! Eu mesma teria subido se não estivesse de saia. Por que você está perguntando isso?

– Porque vi o Edir apontar para mim e rir...

– Não viaja, Marga! Aposto que ele não estava rindo de você!

– Será?

– Claro que não! Mas, falando no diabo... Olha quem está aí...

Margarete atentou na direção onde apontavam os olhos de Tatiana e viu Edir logo atrás. Acabara de desenterrar a calcinha da bunda e por isso corou imediatamente. *Será que ele percebeu?* Foi um ato muito agressivo da parte dela: meter a mão no meio das nádegas para desatolar o tecido que a incomodava. Tentou disfarçar batendo com a palma da mão na bunda, como se estivesse limpando algo em sua calça. Tinha a intenção de confundir quem quer que tenha visto sua falta de modos. Com certeza, a encenação não colaria, mas valia a pena arriscar.

Edir era ainda mais atraente quando vestia camisa, pensou, levemente atordoada pelo cheiro do perfume que sentiu vir dele. Queria beijá-lo no pescoço, arrancar seu aroma com uma fungada infinita que o absorvesse por completo. Sentiu uma vontade incontrolável de colocar a língua na boca dele, de meter a mão por dentro de sua camisa e arrancar-lhe um pelo do peito. Queria pendurá-lo empalhado na parede de seu quarto para poder observá-lo quando bem entendesse (não apenas sua cabeça como caçadores de animais costumam fazer, mas também seu corpo gracioso). Se pudesse, penduraria Edir não como um animal decorativo, mas como o próprio Jesus Cristo na cruz.

As borboletas em seu estômago começavam a se agitar na cerveja (que agora estava quente) e no miojo que comeu antes de sair de casa.

Não quis demonstrar que estava caída de quatro por ele e que suas borboletas debatiam-se atordoadas, lutando para escapar pela boca. A essa altura, depois de um tempo infinito trancando a respiração de maneira involuntária, suas borboletas estavam todas mortas.

– E aí, curtindo muito o pagodão? Não sabia que você sabia dançar desse jeito. Parabéns! Você excitou metade dos homens aqui! – Disse Edir sem deixar transparecer qualquer emoção.

Margarete não sabia se ria ou chorava, se foi uma piada ou um reproche, se deveria esconder-se embaixo da mesa ou gritar, se ele merecia um tapa de mão aberta no rosto ou um beijo na boca. Talvez ele merecesse mesmo um tapa, mas não estava convicta de ter sido insultada. Pensou por um segundo tentando arrumar a tempestade de ideias que rachou seu crânio. Teria sido insultada? Saber que os

homens estavam excitados por sua causa era uma ofensa ou um elogio? E por que apenas “metade”? O que acontecia a outra metade dos homens *não excitados*? Não tinham pinto?

– O que você quer dizer? – Foi tudo que conseguiu perguntar.

– Exatamente o que eu disse.

– E o que você disse é bom ou mal?

– Depende do ponto de vista.

– De qual ponto de vista? Do meu ou do seu? Olha só, explica logo a piada, pois não estou gostando nadinha disso! Você ainda não me viu brava!

– Ah, é? E o que você faz quando fica brava? Dança em cima da mesa ou chama o papai? – Ele cutucou o amigo ao lado e os dois caíram em uma estrondosa gargalhada que fez Margarete ruborizar instantaneamente.

– Retire o que disse agora! – Ela tentou se controlar para não perder a elegância. Se um minuto antes cogitou a possibilidade de dar-lhe um beijo, agora, queria espancá-lo com mão fechada e pontapés. Seu destemperamento diabólico era o primeiro comportamento mais importante de suas “virtudes”. O segundo era saber controlá-lo.

– Para o seu próprio bem, não me tire do sério! – Ela o advertiu.

De fato, não obstante o comentário inconveniente e ininteligível, Edir não queria provocá-la, apesar da curiosidade em descobrir o que aconteceria se a *tirasse do sério*. Pensou em pedir desculpas, mas Margarete estava vermelha, furiosa, dramática demais; era difícil perder tamanha piada. Como poderia pedir desculpas se sequer lembrava o que disse para enfurecê-la assim?

Estava focado nas bochechas dela que passaram de brancas para roxas em uma questão de segundos. Era perceptível que ela tentava se controlar para não explodir, mas e se explodisse? O que sairia de dentro dela? Uma tempestade de vento? Uma praga de minhocas? Acreditava que “vento” e “minhocas” era tudo que Margarete tinha na cabeça.

Por outro lado, não deveria importunar a filha do homem para quem prestavam serviço. O cara que ajudou a criar um dos primeiros condomínios fechados da cidade, o responsável por deixá-los trabalhar ali dentro, onde tiravam o sustento. O Doutor Brandão era reconhecido na sociedade por seu brilhantismo, competência e astúcia nos tribunais; era o primeiro nome que surgia frente a casos pré-sentenciados como impossíveis. Atualmente quem advogava para ele eram seus associados, enquanto o velho aparecia na empresa apenas para meter o nariz em casos que não representaria. Sua presença três ou quatro vezes por semana na corporação, apenas por algumas horas, era suficiente para mostrar aos funcionários que ainda não desistira de brincar de chefe; que a aposentadoria declarada um ano antes era parcial, que o poder de decisão final (do burocrático ao processual) precisava conter sua assinatura e aprovação. Não estava disposto a permitir que as pessoas o confundissem de advogado (e empreendedor) brilhante para velho gagá, incapaz e senil. Em seus tempos mais enérgicos, o Dr. Brandão deveria ter sofrido de hiperatividade, pois ademais de assumir os casos mais difíceis e ter montado sua própria equipe de advogados com escritórios que ocupavam dois andares no edifício de vidro ao lado do fórum, ainda entrava em negócios que nada tinham a ver com a área dele, como o investimento na edificação do condomínio onde morava com a família, em sociedade com a construtora. Se não bastasse casos jurídicos e empreendimentos, o Dr. Brandão ainda fez filhos como um coelho, mas apesar da agenda ocupada, tinha fama de ser ótimo pai.

Por fim, ao lembrar o que sabia do Dr. Brandão, a razão venceu a piada e Edir se controlou:

– Por que você está tão zangada? O que foi que eu disse?

– Não se faça de engraçadinho, isso foi o que perguntei a você! Não entendi o que você disse!

– Disse que você fica bonita dançando em cima da mesa!

– E onde entra a parte da “metade dos homens excitados” por mim?

– Na parte onde eles ficaram excitados, supostamente...

- Você está querendo dizer que sou bonita ou vulgar?
- Um pouco dos dois... – Ele engoliu um sorriso irônico.
- Você está dizendo que sou uma galinha que sai por aí ciscando em cima de mesas?
- “Ciscando” não! Dançando!
- Então, você confirma!
- Confirmo o que eu disse, não suas múltiplas interpretações!
- Ora, você não passa de um ciumento! – Ela olhou para Tatiana, que conversava com desconhecidos, e ordenou: – Tatiana! Pega uma cerveja para mim!

Edir achou escandalosa a ordem que a pirralha deu a outra e mais ainda, ver Tatiana correr para satisfazer o comando da malcriada.

– Ciúmes de você? – Ele a olhou dos pés a cabeça com indiferença, e até mesmo com um pouco de desprezo. – Se enxerga, garota! Você acabou de deixar as fraldas, a única coisa que pode fazer para se sentir viva é sair por aí rebolando em cima de mesas! – O amigo de Edir o cutucou como se dissesse: “Pega leve com a mina”! Mas ao contrário de amenizar, sem conseguir controlar as palavras dentro da boca, continuou: – O que você quer comigo, hein? Não vê que sou apenas o filho do jardineiro que trabalha para seus pais? Por que minha opinião, e o que penso sobre você é tão importante? Aliás, o que você está fazendo aqui no gueto? Está tentando se aparecer à pobretada? Aos “desfavorecidos”?

Margarete e Edir continuaram com o olhar fixado um no outro. Por um lado, Margarete mirava à face do inimigo. Por outro, Edir mirava uma garota miolo mole.

Margarete tremia de raiva. Ela o odiaria para sempre, até o dia de sua morte, o dia que cuspiria no túmulo dele.

Assim que Tatiana voltou com a cerveja gelada, Margarete tomou grandes goladas. Quando tirou a garrafa da boca, soltou um arrote tão grotesco e demorado que até os cabelos de Edir (que estavam com gel) levantaram.

Edir ficou perplexo. Não sabia se tinha imaginado o que acabava de ver e ouvir, ou se a miolo mole realmente tinha soltado um arrote de hipopótamo em seu rosto. Ainda podia sentir o hálito dela; seu bafo ardente impregnou o bairro inteiro.

Nenhuma garota poderia arrotar assim como homem, muito menos uma pirracenta de classe A, de nariz empinado igual Margarete: a tonta. O amigo de Edir, ao contrário de ficar repugnado, precisou afastar-se de perto deles, pois ficou com dor de barriga de tanto rir. Seu peristaltismo foi tão imediato e violento (talvez, devido às risadas junto com cólicas intestinais que já vinha sentindo antes de chegar) que deixou escapar um punzinho (mais um motivo para sair dali).

Margarete olhou para Edir uma vez mais, desafiadora, e sorriu. Virou as costas, sem permitir que seu inimigo lhe desse o troco, que nesse caso, muito provavelmente teria sido chamá-la de: “porca”, “imunda”, “sem educação...”. Não! Simplesmente sorriu de lado sem mostrar os dentes (tal qual sua mãe costumava fazer), descarada com seu brilho labial borrado para fora da boca, e se afastou.

## Cinco

Embora a insistência de Tatiana para Margarete esquecer o episódio e ficar um pouco mais, Margarete chamou um taxi e foi embora. Já dera as costas a Edir e não podia correr o risco de ser afrontada por ele. Seu “grande final” fora marcado por um arrote. Não havia mais espaço para discussões, principalmente porque caso voltassem a discutir, ela poderia levar a pior.

Quando o táxi parou, viu luzes acesas e movimento de pessoas estranhas na entrada do portão de sua casa. Ao imaginar algo terrível acontecendo com seus pais enquanto esteve fora, o coração palpitou forte dentro do peito. Jamais se perdoaria. Passou apressada pela viatura policial que mantinha as luzes da sirene acesas, correndo do portão até a porta de casa. *Viatura policial?* Isso era um péssimo agouro. Segurança privada, homens em carros, motos e acompanhados de cachorros de grande porte, faziam ronda constante no condomínio. Ninguém ali precisava de uma viatura policial se não fosse por um caso extraordinário. Quando cruzou pela porta da sala aberta, encontrou os pais sentados no sofá ao lado de um casal de policiais que os consolava. A governanta (que no último ano passou a trabalhar apenas meio período devido à idade avançada, ao número de empregados na casa ter diminuído, e ter restado apenas uma filha dos Brandão na residência), também estava acordada, preparando café na cozinha.

– O que aconteceu? – Ela gritou, empalidecida ao perceber que os pais estavam vivinhos da Silva, exasperados ao vê-la. – Mamãe, papai, está tudo bem com vocês? Por que esses policiais estão aqui?

– Oh, Margarete, minha filha! – Exclamou a mãe, levantando-se do sofá imediatamente. – Onde você esteve até essa hora? – Que roupas são essas, minha filha? Enlouqueceu, foi?

– Querida, o que aconteceu? – Foi a vez de seu pai inquirir com os olhos lacrimosos e as mãos trêmulas. – Por que você saiu de casa sem nos avisar?

*Upssss... Parabéns para mim!!!* Margarete pensou temerosa, desatando discretamente o nó que fizera na blusa *É agora que vai respingar merda para todo lado...*

– Bem, vejam só... Eu pedi autorização para ir a um evento – usou propositadamente a palavra “evento” no lugar de “pagodão” no intuito de soar um pouco mais elegante – mas mamãe não autorizou. Sou jovem e estou justamente na idade de fazer coisas estúpidas. Meus atos não devem ser condenados de maneira isolada, mas creditados à adolescência, uma fase que se caracteriza pela inconsequência e tolice. Embora esteja inclinada a dizer que não voltarei a ser irresponsável, temo não poder cumprir essa promessa, pois quando uma nova oportunidade surgir, poderei falhar novamente e desapontá-los. Peço perdão pelo transtorno que causei e que Deus me ajude a recuperar a confiança de vocês!

Os policiais ficaram de boca aberta e por isso não conseguiram dizer nada; sequer fizeram as advertências ou deram os conselhos costumeiros para esse tipo de caso.

*Que miserável articulada me saiu essa filha caçula dos Brandão! Quem ela pensa que engana com essa história de “Que Deus me ajude a recuperar a confiança de vocês?”.*

Refletiu um dos policiais que há mais de dez anos fazia a segurança nos eventos particulares proporcionados pelo casal em questão, enquanto percebia o sorriso de vitória no rosto da garota.

Os pais de Margarete ficaram com os olhos marejados de lágrimas e emoção.

– Ora, filhinha venha cá e nos dê um abraço! Você sabe muito bem que mesmo quando erra, só temos motivos para nos orgulhar de você!

Ao correr para os braços dos pais, Margarete esforçou-se para trazer a tona uma lagrimazinha. A lágrima não teve força suficiente para escapular de seus olhos, mas conseguiu deixar o olho direito vermelho e molhado. O importante era que os pais notassem sua emoção.

– Bem, já que está tudo resolvido, nós vamos embora. – Sentenciou o policial, temendo que sua náusea aumentasse.

– Muito obrigado por sua ajuda, Jaime. – Agradeceu o Doutor Brandão sem tirar o braço por cima do ombro da filha. – Margarete é nosso tesouro, espero que entendam nossa aflição e nos desculpem pelo transtorno.

– Não há problema, Doutor. Estamos sempre às ordens. – Os dois policiais saíram de casa pensando que ao invés de Deus se preocupar com a confiança que Margarete perdera, seria melhor se ele protegesse o casal da própria filha, aquele pequeno demônio manipulador.

Quando Margarete ficou sozinha com os pais, o medo de sofrer uma represália a dominou. Apesar de ter conseguido emocioná-los com a improvisação de um aloucado discurso teatral, conhecia-os suficiente para saber que sua aventura noturna não passaria impune. Os pais acreditavam que delinquências deviam ser castigadas conforme sua gravidade. Na presença dos policiais não a castigariam cortando sua mesada ou proibindo-a de sair de casa, por exemplo, mas agora que estavam a sós, o risco de ser autuada era provável.

– Papai, mamãe, preciso contar algo seríssimo a vocês.

– O que é, querida? – Os pais se sentaram no sofá ao lado dela. Dona Alissa, preocupada com que Margarete tinha a dizer, tomou-lhe a mão. – Aconteceu algo essa noite?

– Sim, na verdade aconteceu... – Margarete incorporou no semblante a expressão de inocência que costumava usar com os pais em situações de emergência, quando precisava sair de uma enrascada ou reverter uma situação ruim a seu favor. – Vocês conhecem o filho do jardineiro, não é mesmo? Como é mesmo o nome dele? Edson, Edgar, Edilson...

– O Edir? Claro que sim! Nós o conhecemos desde pequeno, é um ótimo rapaz!

– “Ótimo rapaz”? Vocês não diriam isso se soubessem o que fez comigo essa noite!

O casal Brandão se entreolhou, aterrorizado.

– O que o Edir fez? Se ele encostou a mão em você... Eu... Eu...!

Margarete pensou depressa; se dissesse que Edir a molestou de alguma maneira, os pais poderiam submetê-la a humilhantes exames médicos, feitos por profissionais que costumam usar dois dedos encapados por luvas de látex como a principal ferramenta de trabalho. Seria constrangedor e desnecessário. Não tinha a intenção de ir tão longe. Precisava apenas castigar Edir, mostrando a ele seu poder. A forma pedante e injusta como ele se comportara seria punida. Tal qual como os pais, Margarete também acreditava que delinquências deviam ser castigadas conforme sua gravidade.

– Querida, o que o Edir fez? – Sua mãe interferiu, suplicando que Marga terminasse logo com a agonia deles.

– Bem, após fazer uma declaração brega confessando estar apaixonado por mim desde anos, ele tentou me beijar! Acreditem vocês ou não, mas foi de língua! Quase desmaiei com esse leviano atentado; estava despreparada, por isso não soube o que fazer. Nunca vi uma língua antes! – Fez questão de acrescentar essa importantíssima informação, e somente após isso, continuou:

– Mas mesmo em estado de torpor, consegui afastá-lo e gritar. Disse que ele jamais deveria ter feito isso, pois o senhor ficaria muito bravo e brigaria com ele. Não estou certa, papai? O senhor vai dar-lhe uma bronca bem feia, não vai?

A mãe de Margarete estava com uma mão em frente da boca, escandalizada.

– “Dar uma bronca nele?” – Repetiu o pai alto, com uma ruga impiedosa formada entre as sobrancelhas. – Quem esse rapaz pensa que é? Ora, depois de todo esse tempo trabalhando aqui... E o Silva? Que tipo de educação deu ao filho para ter o atrevimento de se engraçar com você? Isso não ficará assim, eu juro!

Ao ver a ruga cruel do pai formada entre as sobrancelhas, Margarete estremeceu. Aquela ruga só tomava vida em situações drásticas, em catástrofes e aborrecimentos realmente importantes (geralmente relacionados a negócios, nunca com a família). Um estranho mal estar a fez arrepender-se imediatamente de sua mentira. Um friozinho na barriga avisou-a de que estava se metendo em uma enrascada ainda

maior.

Sim, desejava mostrar a Edir o poder de sua fúria e o que era capaz de fazer com quem mexia com ela. Queria mostrar que era capaz de mentir, de inventar algo sórdido para prejudicá-lo, e que quando chegasse o momento de ficarem frente a frente, seria palavra contra palavra. Enquanto ele negaria até criar um calo na língua, ela mentiria de nariz erguido, firme em sua versão, inabalável. Os dois pais (o dele e o dela) deveriam brigar com Edir, dar-lhe um cascudo, chamar-lhe a atenção. Ele cairia em descrédito e seria acusado por algo que não fez. Essa era a punição que desejava.

Edir iria cobrar-lhe satisfações, intimá-la, exigir-lhe que retirasse as acusações, enquanto ela riria alto e o lembraria com prazer o que acontecia com aqueles que a insultavam. Esses pensamentos associados nas imagens mentais que projetou, encheram-na de empáfia. No entanto, de forma inevitável e quase instantânea sua consciência (afetada pela trama maquiavélica que estava armando), acendeu uma luz vermelha indicando perigo e a alertou. Se levasse sua lorota adiante poderia prejudicar não somente Edir, mas também o pai dele, mas isso já havia previsto calculando (mal e egoistamente) as consequências. Angustiado, foi atrás do aviso em sua consciência e descobriu que, se por um lado, mostraria a Edir até onde sua sede de desforra poderia levá-la, por outro existia a chance (ainda maior) de mostrar sua loucura e ser odiada para sempre.

Finalmente toda sua motivação por vingança entrou em razão. Deveria evitar que a fúria do pai se abatesse contra Edir. Condenou-se repetidamente enquanto via seus pais andando para cá e para lá, revoltados e furiosos, abrindo e fechando a boca em movimentos que indicavam que estavam se comunicando. O reproche de sua consciência foi tão severo (ainda que retardatário) que não a permitiu entender o que seus pais diziam. A culpa revirou seu estômago do avesso. Se houvesse esperado um dia que fosse, sua raiva desapareceria, e com certeza teria evitado uma grande confusão. Por que ela mesma não aprendia a se defender e sair dos seus problemas antes de enfiar a cabeça embaixo da saia dos pais? Edir não fizera nada além de desprezá-la (bem... nesse caso, o desprezo alheio era um sentimento com que lidava muito mal). Se não tivesse corrido atrás dele feito uma cadelinha escandalosa, agora ninguém estaria em maus lençóis. Por causa de sua obsessão por Edir, estava enrascada, fugira sorrateiramente de casa, a polícia fora acionada, seus pais ficaram preocupados, uma mentira fora inventada, e se tudo isso não fosse o bastante, a família Brandão estava agora reunida, a mercê da ruga implacável de seu pai. Se Margarete fosse uma mulher madura de verdade, esse era o momento de agir. Voltar atrás e consertar seu estrago, desmentir uma mentira deslavada, inventada apenas com o propósito de fugir de um possível castigo, que nesse caso, após ter comovido emocionalmente os pais, poderia ser um castigozinho de merda. Por um “castigozinho de merda” não valia a pena prejudicar outra pessoa, mesmo sendo essa “outra pessoa” o amor de sua vida e ao mesmo tempo, seu maior inimigo.

– Papai, olhe... Não castigue o Edir, tá bom? Como você disse antes, ele é um bom garoto, com certeza se arrependeu do que fez e...

– Vá para o seu quarto descansar, querida! Eu tomarei conta disso.

– Mas, papai...

– Marga, agora! – Ele apontou o dedo indicador em direção as escadas.

Margarete subiu cabisbaixa. Uma vez jumenta, sempre jumenta! Tudo que lhe restava a fazer era torcer para a fúria de seu pai amenizar pela manhã.



## Seis

Edir e o pai não somente perderam o trabalho na casa dos Brandão, como também na cercania, onde trabalhavam regularmente há anos. Ademais de perderem o trabalho, foram humilhados pelo Doutor Brandão e ameaçados com severas represálias caso voltasse a vê-los pela redondeza, ou principalmente, se Edir tornasse a se aproximar de Margarete.

– Pai, é tudo mentira dessa garota, eu juro! Nunca fiz nada para Margarete ademais de me esquivar de suas investidas. Era ela quem vinha sempre atrás de mim.

– É palavra contra palavra, Edir! O que podemos fazer agora? Somos o lado fraco da corda; estamos arruinados!

– Não, não estamos! Conseguiremos novos clientes, recomeçaremos do zero. Se há justiça nesse mundo, tenho certeza que não seremos afetados pela mentira desse demônio.

– O Dr. Brandão nos exigiu um limite de distância. Nunca mais poderemos ser vistos pelos lados de lá, e por aqui jamais haverá clientes...

– Pai, eu posso falar com o Dr. Brandão, explicar o que aconteceu! Ele precisa saber que está criando uma cobra dentro de casa.

– Não, Edir! Quanto mais se mexe na merda, mais ela fede; você nunca ouviu falar? Pelo visto o Dr. Brandão não duvidou nem por um segundo da filha; se tivesse feito, não teríamos sido enxotados dessa forma, muito menos ameaçados e humilhados.

– Mas isso não é justo, pai! Eu juro... – Edir proferiu essas palavras com desespero na voz, sem conseguir evitar que lágrimas molhassem seu rosto. Poderia suportar as criancices de qualquer garota mimada e sair intacto delas, mas não podia ver a dor da humilhação nos olhos de seu pai, a expressão de derrota e desespero. *Por que Margarete fez isso?* Era tudo que se perguntava. Como poderia ter saído dessa situação sem despertar a fúria dela? Até então fizera tudo para manter-se longe de Margarete, mas as coisas terminaram mal e seu pai foi atingido. Teria que salvá-los agora, mas como? O pai acreditava em sua inocência, por outro lado, sua mãe o sentenciava com olhares acusadores e um silêncio perturbador.

**Fazia duas semanas que andavam** com a Fiorino vermelha de jardinagem para cima e para baixo, atrás de clientes em condomínios de bairros ricos. O carro por si só poderia fazer a propaganda necessária se tivessem a sorte de encontrar o público certo. No automóvel estava escrito o serviço que prestavam junto com o telefone para contato, pintados em branco.

– Desse jeito, estamos pagando para trabalhar. Gastamos mais em combustível do que ganhamos trabalhando nas últimas semanas. – Queixou-se o pai de Edir.

– É só o começo, pai! Logo, tudo vai melhorar!

O pai de Edir não conseguia ser otimista como o filho. Na verdade, tampouco Edir acreditava nas próprias palavras que saíam de sua boca, mas esforçava-se para brindar ao pai um pingo de esperança. Por onde passavam e onde ofereciam serviço, as casas já contavam com seus jardineiros. Diziam não precisar deles, pois faziam pessoalmente o trabalho alegando terem prazer com isso, ou ainda barganhavam o preço que já estava baixo, dizendo não poderem pagar tal quantia.

– Os ricos são avarentos, filho! Quem ainda não sabe disso? Tínhamos sorte e não sabíamos; deveríamos tê-la aproveitado melhor.

Edir sentiu um aperto no coração. Talvez seu pai começasse a acreditar que “sorte” significava trabalhar para a família Brandão e os vizinhos endinheirados dela, gente que não pensava duas vezes antes de virar as costas a quem trabalhou mais de uma década a sua família servindo-a fielmente.

– Não sei como faremos para sobreviver! – Completou o pai, sem ver que essas palavras acabavam com o resto de nobreza e esperança que ainda restava em Edir.

Durante o mês que seguiu, Edir e o pai fizeram alguns bicos. Embora buscassem clientes e oferecessem serviço vinte vezes por dia, de domingo a domingo, não tiveram sucesso. Silva decidiu vender o furgão para acertar contas atrasadas e se virar por alguns meses.

– Como poderemos trabalhar sem o carro? – Protestou Edir, aflito.

– Como poderemos comer e pagar as contas sem vendê-lo? – Contra-argumentou o pai. – Não temos dinheiro para o combustível, e para piorar, não temos clientes! O que você quer que eu faça?

Edir estava desesperado. Daria um jeito na situação, não importava qual fosse o preço.

## Sete

Margarete passara as últimas semanas preocupada e arrependida. Edir deveria odiá-la, com toda razão. Fora até a casa de Tatiana na esperança de encontrá-lo pela vizinhança. Chegou mesmo a tocar na porta da casa dele, mas não havia ninguém. Talvez fosse melhor assim; se eles não estavam em casa era porque tinham conseguido trabalho em algum lugar. Provavelmente estavam até melhor do que antes, ganhando mais, trabalhando menos. Margarete se confortava com esses pensamentos, pois faziam seu remorso diminuir.

Por um lado, sua consciência a punia pelo que fizera. Por outro, ainda que muito menor, sentia-se realizada por ter se vingado de Edir, fazendo-o saber exatamente porque fora castigado e quem fora o “juiz” desse castigo.

Acreditava ainda que se sentisse muita raiva, poderia esquecê-lo para sempre. Seu amor seria substituído por cólera e aversão, mas ao contrário de suas vãs esperanças, seu fascínio por Edir só tinha aumentado. Ao mostrar seu poder vingando-se, ponderava a possibilidade de ter despertado a admiração dele. Afinal, era uma Brandão. Edir, enquanto filho de jardineiro, deveria sentir-se orgulhoso por ter alguém como ela em seu pé, grudada feito carrapato. Mas ao final de subtrações e somas, de pós e contras relacionados ao que fez, arrependia-se integralmente. Do que adiantava uma obsessão radiante se afastara seu objeto de desejo para longe?

**O motorista a esperava** na frente do cursinho. Poderia avistá-lo de longe devido ao tamanho daquela cabeça. Seu pai sempre contratava motoristas cabeções, viciados em novelas e futebol, bebedores de café e namoradores das empregadas. Vai ver era um tipo de carma, pensou.

Antes que atravessasse a rua, um sussurro por cima de seus ombros a fez virar imediatamente:

– Edir? O que você está fazendo aqui?

Ele a puxou gentilmente e falou baixinho em seus ouvidos:

– Dispense o motorista e me encontre na frente da lanchonete!

– O quê? Mas... – Margarete teve que agarrar bem forte os livros nos braços, pois teve a impressão de não poder controlar mais seus músculos. – Você vai brigar comigo?

– Claro que não! – Prometeu e sorriu de lado, censurando-a charmosamente. – Você vai?

– Claro, chegarei lá em três minutos.

Ficou parada no lugar onde estava, observando Edir se afastar. Suas pernas tremiam e não sentia mais o sangue esquentar seu corpo. Estava congelada, paralisada, e ao mesmo tempo, irradiante. Suas preces foram atendidas. Era um milagre! Olhou para o céu um instante e piscou o olho para Deus. Em seguida (um pouco mais séria agora), desculpou-se pelo atrevimento. Não gostaria que Deus pensasse que estava flertando com ele.

*Às favas com Deus, ora bolas! Edir está esperando por mim e é tudo que importa!*

Margarete abriu a porta do carro e jogou seus livros no banco de trás.

– Avise a mamãe que irei almoçar na casa da Renata hoje; vamos fazer o trabalho de ciências juntas.

O motorista mal teve tempo de dizer algo, pois a filha pedante e mal educada do patrão já lhe dera as costas, sem sequer agradecer-lhe ou pedir-lhe *por favor*. Não gostava de generalizar, mas era impressionante perceber que nos trinta anos que trabalhava para ricos, quanto mais eles estudavam, viajavam, enriqueciam... Mais mal educados ficavam.

**Antes de chegar à lanchonete** Margarete parou na primeira esquina e controlou o ritmo de sua respiração. Puxou o espelhinho da bolsa e deu uma rápida olhada no visual. Tirou a remela dos olhos que

estava misturada com a tinta preta da maquiagem e a esfregou entre os dedos até desaparecerem. Seus olhos ficaram um pouco borrados pela esfregadela, mas com um pouco de saliva conseguiu limpá-los. Fez umas caretinhas e riu para o espelho, pois ainda tentava descobrir qual era sua expressão mais atraente. Decidiu-se pelo sorriso contido, aquele que aparecia tímido na face e ia se abrindo pouco a pouco até todos os dentes ficarem à mostra. Quando sorria assim, lembrava Julia Roberts e sua boca de canhão. Acreditava que não era inédita tipo Marilyn Monroe com seus olhos ardentes, naquela expressão insossa e ao mesmo tempo sensual que rogava ao mundo para comê-la. Não, quanto mais Margarete se olhava no espelho, mais desconstruía sua expressão. Sequer sabia se tinha personalidade. Talvez fosse o ser mais comum e ordinário face da terra. Queria muito uma característica que a definisse como ser singular: *Margarete, a implacável*. Por exemplo, Margarete Thatcher tinha uma personalidade tão dura que ficou conhecida como *dama de ferro*, ela sim deveria ter sido implacável. Sentia vergonha de comparar-se a inglesa de punhos de aço. Margarete era jovem, e essa questão só potencializava sua insegurança. Comumente, gostaria de ser como outra pessoa. Sentia que suas amigas tinham características únicas que as definiam singularmente. Uma era despojada, a outra oferecida, uma era doce, a outra galinha (no sentido conotativo e popular da palavra)... Gostaria de saber o que as pessoas viam quando a olhavam.

No fundo (e na superfície também) o que mais importa ao indivíduo é ser aceito e amado por todos que o cercam. Até o mais tremendo filho da puta, refletiu Margarete enquanto se observava no espelhinho, quer ser amado e aceito. *Invejem-me, mas não falem mal de mim, nem dos meus dentes, do meu hálito, do meu joanete gigante, da minha falta de expressão e caráter, das minhas falhas humanas, do meu dedão do pé (diferente dos outros dedões, menor e mais mirrado que os dedos vizinhos)*. Quantas mentiras Margarete teve que contar para ser aceita em determinados grupos? Quantos falsos sorrisos assumiram o lugar de grotescos palavrões (que ficaram apenas na vontade sem nunca terem sido verbalizados)? Perdeu as contas! Margarete costumava dedicar a sua professora de matemática uma série de palavras horrorosas e repugnantes (apenas na imaginação), enquanto sorria amavelmente e fingia entender a Teoria dos grafos. Quando ela aparecia com seu vestido vermelho, curto demais para pernas tão varicosas, e ajeitava seus óculos (não nos olhos, mas no nariz), olhando-a por cima deles, por cima dela e dos palavrões que passavam por sua mente suja e depravada, por cima da vontade que sentia de agarrar seu corpo e arrastá-lo por cima da mesa de estudo, de tampar sua boca com as próprias mãos e estrangular cada palavra sobre seno, cosseno, cateto e funções trigonométricas. Aquela professora fazia da sua vida um inferno, e por causa dela jamais teria uma juventude feliz, sua adolescência estava condenada ao fracasso, manchada com a ditadura de uma educadora maquiavélica e sua hipotenusa. Não entendia porque precisava do Teorema de Pitágoras se jamais o usaria.

Então, qual era sua personalidade? Nunca seria uma mulher vista como *meiga*, por exemplo; aquele tipo de garota que sempre tem uma palavra amiga, que chora no filme do Bambi (ou no Conan, quando a cabeça de sua mãe é decepada); que soluça em casamentos, que lembra datas de aniversários ou consegue ter o altruísmo sincero e desinteressado de se preocupar com outra pessoa que não seja ela mesma. Margarete sabia que jamais seria vista como uma mulher doce, pois de fato não era. Talvez a reconhecessem como alguém decidida, mas para isso ainda precisava superar a fase onde seus pais tomavam decisões por ela. Talvez fosse reconhecida como uma mulher romântica e sonhadora, desde que aprendesse a não arrotar na cara de garotos que a desprezavam. Enfim, Margarete teve a impressão de não ter uma personalidade definida ainda. Era apenas um corpo que engordava um fantasma quando comia, que o levava para cá e para lá quando se movimentava, comandada por um controle remoto invisível. Quando criança achava que as pessoas só ganhavam vida quando estavam perto dela. Nenhuma das pessoas que conhecia tinha história ou passado, o mundo só se movia quando estava presente. Talvez fosse prepotência de sua parte pensar assim, que o mundo era apenas seu e que as pessoas que a cercavam, tanto em casa quanto na rua, eram fantoches que existiam apenas para habitar seu cotidiano.

Talvez sequer Edir existisse de fato. Ele poderia estar *desligado* até o momento de ela chegar ao local para dar-lhe vida. Esse pensamento tornava-a poderosa, mas a realidade que fechava as cortinas de seu teatro fantasioso mostrava uma realidade diferente. Não seria “poderosa” manipulando as pessoas a sua vontade, muito menos acreditando nos absurdos que sua imaginação projetava. Não iria se encontrar com Edir para dar-lhe “vida”, mas para tomar um esporro daqueles.

Diminuiu o passo quando o viu parado na frente da lanchonete, pois suas pernas começaram a tremer.

– Oi, Edir. Você queria falar comigo? – Foi direto ao assunto como se pudesse controlar a situação, caso ele quisesse gritar com ela ou ofendê-la. Iria defender-se de qualquer jeito, resoluta a não baixar sua cabeça e não pedir perdão. Estava vibrando. Queria com todas suas forças controlar a circunstância, mas sua consciência continuava com o alarme ligado acusando-a o tempo inteiro. Não estava na posição de bancar o galo de briga, porém seu orgulho não dava trégua. Sua postura dependia do que Edir diria a seguir.

Se Margarete soubesse que seu batom estava borrado, pintado fora da boca (apesar de ter se olhado no espelho minutos antes não foi capaz de se ater ao detalhe), não mostraria essa segurança inabalável e baixaria dois decibéis de arrogância.

– E aí, estudando muito para o Vestibular?

– Enrolando mais do que estudando...

– Você está com fome? Quer comer alguma coisa? – Perguntou, tentando disfarçar o incômodo que sentiu ao ver o batom fora da boca e o tom soberbo da garota.

– Não, obrigada. – Recusou depressa. Com o nó que sentia em seu estômago e as borboletas que voavam ali, vomitaria se comesse.

– Quer caminhar um pouco?

Ela assentiu com a cabeça e eles se afastaram do local. Margarete estralava os dedos das mãos enquanto tentava levantar um assunto. Tentou fazer o mesmo com os dedos dos pés, dobrando-os para cima e para baixo, por dentro dos sapatos, como um tique nervoso. Estava a ponto de ter um ataque de nervos quando Edir quebrou a tensão e falou:

– Você sabe por que estou aqui?

– Não deve ser porque sentiu saudades de mim, né?

Ele deu uma risadinha de lado.

– Eu não sei exatamente o que você disse aos seus pais para enfurecê-los tanto, mas sei que a conta lá em casa está no vermelho e teremos que vender o furgão para saldar dívidas. Ninguém em um raio de cinquenta quilômetros nos dá trabalho, e para piorar a situação, meu pai está doente e não temos dinheiro nem para comprar os remédios. – Ele deixou escapar um suspiro e a encarou diretamente nos olhos. – Parece o bastante ou devo continuar? Por que você me odeia tanto, Marga? Achei que éramos amigos, que você gostava de mim...

Margarete ficou assustada. Desejou que um raio caísse em sua cabeça ou que o chão se abrisse e a tragasse por completo.

– Edir, eu não sei o que dizer... Não pensei que essa bobagem que disse aos meus pais poderia afetá-los dessa forma... Eu... Eu... Nem mesmo imaginei que meu pai dispensaria o trabalho de vocês. Fui à sua casa várias vezes para pedir desculpas, mas não encontrei ninguém... Se você soubesse como estou arrependida...

– Por que, Margarete? O que eu fiz de errado para merecer isso?

– Você? Por Deus, nadinha!

– Você não gosta de mim, é isso?

– Edir, não seja estúpido! Muito pelo contrário. Eu te adoro; sou louca por você! – As palavras criaram vida e escapuliram de sua boca antes de poder controlá-las. Margarete corou imediatamente,

tanto pelo que falou quanto pela expressão de surpresa e assombro que viu no rosto dele.

– “Você é louca por mim?” – Ele repetiu, exaltado. – Está falando sério ou é mais uma de suas brincadeiras?

Ao ver que ele não tinha a pretensão de rir sobre sua inusitada declaração, confessou:

– Você nunca percebeu minhas investidas? Meus olhares? Meu exibicionismo fútil e delirante?

– É claro que não, nem por um momento! Se eu soubesse que você gostava de mim, tudo teria sido diferente... Eu sempre me esquivei, ocultei que também me sentia atraído por você por causa da nossa diferença de classe. Achei que o desprezo e a indiferença eram a melhor saída para sair ileso dessa paixão sem sentido.

– Edir? – Perguntou sobressaltada, ainda sem acreditar no que ouvia. – Você quer dizer que também gosta de mim?

– Sim! – Ele forçou um sorriso sincero.

– Você quer me beijar? – Ela o olhou com a expectativa de uma criança que aguarda por um doce proibido.

– Aqui? No meio da rua? – Perguntou, olhando para todos os lados na busca de um pretexto que a acovardasse.

– Você não quer?

– É claro que quero! – Edir afirmou, sem mover os pés de onde estava. Vendo que ela também não se mexia, adiantou um passo, aproximou sua face à dela e a beijou suavemente nos lábios, sem abrir a boca.

Contrariando toda sua vontade, sentiu um lábio deliciosamente carnoso que o deixou com vontade de repetir. Foram cinco ou seis beijos suaves até as bocas se abrirem e as línguas se encontrarem docemente. Edir não esperava que esse beijo pudesse causar-lhe prazer, mas admitiu ter sido uma boa roçada de lábios. Se não fosse Margarete a dona daquela boca, teria prosseguido, mas conseguiu conter-se antes de um beijo de cinema escandaloso.

Margarete subiu às nuvens, bateu na porta do céu e voltou no momento que os lábios de Edir se desprenderam dos dela.

## Oito

*Ela é mesmo uma tonta!* Pensou, abismado, mas dissimulando com maestria sua falsa paixão. Como acreditar que após tanto tempo sendo indiferente a existência dela, ele poderia ter se apaixonado? Nem mesmo Margarete, a mimada Brandão, poderia ser inocente a esse ponto. E como poderia acreditar que os episódios em que pintou o nariz de palhaça exibindo-se para ele, não foram percebidos? O fim da picada foi vê-la no meio da muvuca no pagodão em seu bairro, dançando em cima de uma mesa de bar, o arrotado de rinoceronte e a mentira deslavada que levou a família dele a ruína. Talvez ela pensasse que o tonto era ele, um cego que não entendia quando uma garota estava desesperada, oferecendo-se de bandeja. Ela estava ali, plantada à sua frente, com dois coraçõezinhos que faiscavam pelos olhos, observando-o. Não sabia o que deveria dizer para fazê-la mudar de expressão.

Desde os treze anos Edir namorava, nada sério, é verdade, mas aos quatorze, ademais de ter ficado com pelo menos umas vinte garotas no decorrer do ano, assumira um namoro que durou mais de seis meses. Aos quinze, teve sua segunda namorada e mais oito meses de relacionamento foram computados. Sua vida até então fora assim, pulando de um relacionamento a outro; uma considerável experiência apesar da pouca idade. Fazia quase meio ano que namorava Penélope, e era absolutamente louco por ela. Sua mãe podia afirmar o quanto quisesse que ele não sabia nada sobre mulheres e não passava de um fedelho recém-desfraldado (os pais adoram dizer isso para menosprezar a experiência, a vontade e o poder de entendimento dos filhos), mas se existia algo que Edir sabia com toda certeza é que Margarete Brandão não fazia o seu tipo. Ela poderia nascer do avesso, dez anos antes ou dez depois que jamais a suportaria. Tendo em vista o que ela fizera recentemente, então... Cristo! Foi preciso muita coragem para procurá-la e fingir que não estava furioso, que compartia o mesmo sentimento de amor (Eca!) que ela sentia; que não tinha vontade de esganá-la ao invés de beijá-la. Gostara do beijo, não podia negar, mas isso não significava nada. Poderia também transar com ela e gostar do sexo, ou dançar com ela e gostar do passo, ou desfilar com ela e gostar da marcha. Assim foi em relação ao beijo e assim seguia seu desprezo por ela: intangíveis, mas reais. Beijar Margarete foi como assistir um filme bom com um ator ruim. Ah, filmes e séries, livros e novelas... Que mundo tão maravilhoso à parte, mesmo que em sua maioria só nos mostre um mundo de traição e vingança, de bons e maus, divididos em dois lados bem separados. Um mundo fictício, onde entre o bem e o mal há uma dicotomia visível, como se nós, espectadores, não tivéssemos um pouco dos dois: da bondade e da maldade, do desprendimento e da ambição, do altruísmo e da inveja, da completa alienação e ignorância ao SABER TUDO!

Como Edir poderia gostar de Margarete se desde quando a viu pela primeira vez, sentiu um tipo de repulsa que jamais antes experimentara? A garota, (na época, com seis ou sete anos), apenas alguns anos mais jovem que ele, apresentou-se com a mão estendida, dizendo: “É um prazer conhecê-los. Meu nome é Margarete Brandão!”. Edir sentiu o estômago revirar no mesmo instante. Que criança nessa idade faz uma apresentação tão formal, e ainda por cima, citando o sobrenome? O pai de Margarete, um homem de olhos bondosos, estufou o peito contendo um sorriso de orgulho, abobalhado com o impecável comportamento da filha. Que palhaçada! Pensou Edir, escondendo as mãos cheias de calos atrás das costas. À sua frente, um homem velho, advogado e empresário, exibia a filha (que apesar de ainda fazer xixi na cama, já estava treinada para ser mais uma pateta da alta sociedade); só faltava dar a patinha e rolar no chão. Ambos com narizes aristocráticos, ambos Brandão, apresentando-se como completos imbecis ao jardineiro e seu filho, ambos fodidos, ambos Silva.

Quando terminaram o primeiro dia de trabalho na casa dos novos clientes, Edir confessou ao pai não ter gostado de Margarete: “O velho é gente fina, mas a menina não passa de uma nojenta!”.

“Edir! Não quero nunca mais ouvi-lo falar assim, entendeu? Eles são nossos patrões, você está proibido de falar como um delinquente!”.

“Eles” não! Somente o doutor Brandão... Pensou o garoto, mas não disse nada. Arrependido por ter dito isso, baixou a cabeça. Seu pai era um homem humilde, não queria levá-lo a pensar que tinha inveja de Margarete e seu adestramento de poodle. Nunca mais falaria dela, nunca mais a olharia. O desprezo e a indiferença seriam para sempre (ou enquanto trabalhassem ali), tudo que daria à menina Brandão.

Margarete o espiava pela janela, incomodava-o pescando peixes imaginários na piscina quando ele capinava ao redor dela. Quando ele ficava sozinho na parte de trás da casa (fundos para janela do quarto de Margarete), ela fazia chover pedrinhas coloridas do céu atirando-as pela sacada de seu quarto; escutava música no último volume e cantava a plenos pulmões, dançando só de calcinha com aqueles óculos de besouro branco na cara. Aos onze anos apareceu fumando na sacada do seu quarto, debruçada na grade, soltando baforadas de fumaça para cima e a cinza para baixo, exatamente onde ele estava. Fazia-se de emancipada, afoita por mostrar sua liberdade ao mundo.

Antes mesmo de usar sutiã, já se considerava adulta. Edir sabia que toda essa demonstração de liberdade, como fumar e mostrar a calcinha ao mundo, não passavam de atos isolados, ações escondidas dos pais que tinham o único intuito de chocar e chamar a atenção de quem a visse.

Um dia Margarete chegou com uma bandeja de prata e umas coisas esquisitas nela, oferecendo de forma natural:

“Aceita canudinhos folhados com caviar de berinjela?”.

Edir precisou se controlar para não empurrá-la com bandeja e tudo no chão.

“Não estou com fome!” disse, sem confessar que sequer sabia o que ela oferecia.

“Experimente um, por favor! Eu mesma fiz! Quero ser uma chef de cozinha quando tiver a idade apropriada, mas preciso de opiniões desde já!”.

Edir pegou uma das gororobas esquisitas, colocou metade dela na boca e deu duas mastigadas. O gosto oleoso e a consistência fria e gelatinosa do caviar o fizeram cuspir imediatamente:

“Isso está estragado! Você está de sacanagem para cima de mim?”.

“Bobinho!” – Contestou Margarete, sorrindo. – “Aposto que não conhece caviar, por isso diz essa barbaridade! Caviar é assim mesmo, forte e requintado, um alento inventado pelos deuses”.

Cada vez que Margarete abria a boca, ele ficava assustado. Como raios alguém falava dessa maneira engomada sem ruborizar? Seus amigos o jogariam na vala se um dia falasse assim, feito um imbecil. Ora bolas: “Caviar é um alento inventado pelos deuses!” De onde ela tirava isso? Só podia ser da própria cabeça maluca. Margarete tinha dezessete anos e ainda chamava os pais de “mamãe e papai”. Edir não lembrava uma única vez ter chamado seus pais de *mamãe* ou *papai*; não foi ensinado quando pequeno, morreria de vergonha se o fizesse depois de grande.

Havia acabado de beijá-la apenas para conseguir o trabalho (dele e do pai) de volta. Queria principalmente limpar seu nome que andava desacreditado pelos pais, ambos divididos entre sua honestidade e sua tara; tudo devido à história inventada por uma garota cretina.

A mentira de Margarete custou o trabalho de Edir e de seu pai, não somente na casa da família Brandão, como também no condomínio inteiro. Seu pai estava prestes a vender o furgão para pagar contas e comprar alimentos. Mas e se quando esse dinheiro acabasse ainda não tivessem encontrado trabalho? Precisava controlar o desespero para não explodir e atacar a responsável por sua desgraça. Margarete com certeza não podia enxergar a gravidade da situação em que os colocou.

– Edir, tudo bem? – Ela rompeu seus pensamentos. – Você acha que foi um bom beijo?

– O quê? Ah... Acho que sim. – Quer dizer... não sei, não tenho referências, foi meu primeiro beijo. – Mentiu muito descaradamente, sem saber o motivo.

Talvez não quisesse compartilhar sua vida com Margarete, entrar em detalhes de sua intimidade, das garotas que saiu, de seu passado e muito menos sobre Penélope. – Foi realmente revelador!

– Oh, seu primeiro beijo? – Ela pareceu incrédula.



– Sim, por quê? Você já beijou muito? – Ele perguntou só por perguntar, pois na verdade não dava a mínima se Margarete tivesse beijado e dormido com um exército inteiro.

– Beije algumas vezes, mas esse foi o melhor de todos! – Mentiu e sorriu demoradamente (sempre mentia sorrindo). Nunca beijara antes, embora não tivessem faltado candidatos. Na escola, era uma das garotas mais populares, mas aqueles hormônios masculinos alvoraçados, recém-descobertos pelos meninos punheteiros, cheios de espinhas que a cercavam, incomodavam-na. Era uma mentira inocente, aquilo que se pode chamar de “mentirinha” apenas para mostrar que não era mais uma menina inexperiente e boba.

Cortês, ela trocou de assunto:

– Você parece preocupado, é por causa do seu pai?

– Também... Na verdade, é por causa de tudo... Meu pai doente, minha mãe acreditando que sou um pervertido, contas que não estão sendo pagas, sem trabalho em vista... Nunca fizemos uma poupança, vivemos com o dinheiro do mês, entende? Faz semanas que estamos zerados! Você precisa ver a desconfiança nos olhos de minha mãe quando ela olha para mim; é como se dissesse: “Por causa de você estamos na merda!”. Bem, o que ela não fala o silêncio diz. Ela acha que onde há fumaça há fogo; alguém que repete isso tantas vezes não deixaria de ver fumaça quando ela aparece dentro de casa, não é?

– Esses ditados populares asseguram que a sabedoria da massa realmente existe... Mas frases prontas, aplicadas por qualquer um como se fosse autoria deles, me irritam!

– Sim, mas no meu caso o que me irrita é ter sido julgado e punido por algo que não fiz...

– Escuta Edir, não se preocupe! Eu vou consertar isso, prometo! Hoje mesmo vou contar a verdade para papai. Ele me deixará de castigo por um mês, provavelmente, mas não importa. Daremos um jeito de nos ver...

– Margarete, seus pais jamais podem saber sobre nós, ouviu? Se descobrirem que tornamos o beijo mentiroso um beijo verdadeiro, seremos prejudicados, entende? E dessa vez, as consequências podem ser ainda piores.

Apesar de sua vontade de gritar ao mundo que havia beijado Edir, que o amava e que era correspondida, Margarete entendeu que o momento era delicado e que ele tinha razão quando pedia sigilo. Se chegasse a casa desmentindo o que disse em sua primeira versão, e ao mesmo tempo confessando seu amor pelo filho do jardineiro, seus pais a internariam em um hospício e Edir jamais voltaria a pôr os pés no condomínio. Era melhor ser paciente e esperar. Pelo menos uma vez agiria com cautela ao invés de afobação. Estava na hora de entender que fogo no rabo é prejudicial à saúde...

## Nove

Como gostaria de ter escancarado a porta de casa e gritado que beijara na boca, e com língua! Queria revelar ao mundo sobre a intensidade de sua paixão. Sentia vontade de fazer algo louco, extravasar sua euforia de alguma forma. Escandalizar sempre é bom, embora nem sempre apropriado. Precisava apenas tomar o cuidado para não serem os próprios pais os escandalizados com seu escândalo, pois seria uma burrice desnecessária.

Por causa da ansiedade, comeu tudo que tinha na geladeira, incluso um toco de manteiga e uma cebola. Comer, ao contrário de abrandar sua ansiedade só a deixava ainda mais ansiosa. Quanto mais comia, mais comia. Sua fome que não era fome parecia interminável. Comia para se controlar, para matar o tempo, para se felicitar e punir. Era um castigo e um presente que a contentava e deprimia, mas que pelo menos a deixava ocupada.

Em sua cabeça só habitava uma imagem: Edir e seu beijo.

Dizem que o primeiro beijo é traumatizante; que as garotas em geral, por pressa, não escolhem bem suas vítimas. Tatiana, por exemplo, beijou Ubiratan, um colega gay (ainda não assumido e nem descoberto) da escola, que por sua vez conseguiu beijar todas as garotas da quinta à oitava série em um único semestre. Ele era o que se pode chamar de beijador nato. Talvez Ubiratan estivesse confuso com sua sexualidade e por isso, abusando de seu carisma, beijava tanto. Dizia-se homem, bem macho por sinal; às vezes, tomando três ou quatro garotas de uma única vez em seus braços. Não eram braços fortes, muito pelo contrário, ele era todo curto, magro, porém extremamente estiloso. Tinha uma carinha de Clark Kent, e por isso (ou talvez por outros dotes) seu apelido era “quente”. Tatiana tomou um susto quando dois anos depois de tê-lo beijado, Ubiratan rompeu pela porta de sua casa desfilando com botas de couro e uma boina do Che Guevara, fazendo pose e parando com uma mão na cintura no meio da sala, com uma quebradinha boiola. Não ficou atraída nesse momento como nos velhos tempos, mas teve que admitir que ele estava uma graça. Pensou que seria convidada para pegar um cinema, mas ao contrário disso, Ubiratan e sua boina guerrilheira trancaram-se no quarto com o irmão dela para jogar vídeo game. Tatiana estava na cozinha quando escutou o irmão colocar Ubiratan para fora de casa com pontapés. Saiu correndo para defendê-lo, pois ele era pequeno e sensível enquanto seu irmão um troglodita tribal.

“Apareça mais uma vez aqui seu puto de merda que arranco sua cabeça!” – Gritou da porta de casa, levantando um porrete para cima.

“O que aconteceu?” – Perguntou Tatiana a Ubiratan, prestes a chamar seu pai (que trabalhava perto) para conter a fúria do irmão. “Deixa pra lá, não quero falar sobre isso. Seu irmão entendeu tudo errado...” – Respondeu ofendido, enxugando o sangue que escorria do nariz, afastando-se sem dizer nada mais. Quando Ubiratan foi embora, Tatiana correu atrás do irmão para exigir explicações: “Por que você fez isso com ele? Tadinho! Esqueceu que ele também é meu amigo?”.

“Tadinho é uma pinoia!” – Respondeu o irmão nervoso e completou: “Esse filho da puta tentou chupar o meu pau!”.

Tatiana nunca esqueceu que seu primeiro beijo foi trocado com uma boca que ademais de ter beijado todas as garotas do colégio (sem qualquer direito de exclusividade para ela), provavelmente também tinha beijado garotos (e não apenas a boca deles).

Renata por sua vez, deu seu primeiro beijo em um garoto quatro anos mais velho. Pode parecer pouca diferença, mas quando se tem quatorze anos e o garoto, dezoito, a diferença parece absurdamente assustadora. Renata se sentiu bem por ter ido até uma casa abandonada na escuridão para beijar Luciano da Costela. O apodo no nome do cidadão era devido a uma briga onde terminou com quatro costelas quebradas. Renata ficou nervosa quando ele se aproximou galanteador, com sua boca sedutora. Era um nervosismo bom de um iniciante que está prestes a deixar de ser iniciante. Quando encostaram as bocas, Renata não conseguiu encontrar a língua do rapaz. Foi um beijo embaraçoso e detestável, pois apesar de

a inexperiente ser ela, parecia que era ele quem não sabia o que fazia. Beijar sem língua foi como fazer uma espécie de teatro mudo, onde simulava falar e a voz não saía. Assim foi com Luciano: pensava que estava beijando, porém a língua não aparecia. Não entendeu direito o processo, mas pediu a todos os deuses que esse beijo sem língua terminasse logo. Todas as meninas que conhecia (por sinal, muito mais velhas que ela) já tinham passado pelas mãos de Luciano da Costela. Apesar da boa fama de Luciano, nunca mais se beijariam, talvez até mesmo nunca mais conversassem ou voltassem a se olhar. Para piorar, ele falaria que beijara uma desajeitada, um “cabaço” como se dizia na época. Após o fiasco concluído, Luciano (como se não tivesse participado e entendido esse terror) olhou para ela e a pegou pela cintura, erguendo-a para cima até chegar à altura dele. Foi um gesto másculo, mas ao mesmo tempo romântico e carinhoso que a desbancou por completo. Renata poderia até mesmo se submeter aos seus beijos horríveis se ele sempre a levantasse aos céus dessa forma. Para completar a cena mais romântica que já vivenciara na vida, Luciano olhou para a correntinha de prata pendurada no pescoço dela e falou:

“Deixa essa correntinha comigo? Assim, terei você por perto mesmo quando não estivermos juntos!”.

De repente, Renata estava amando. Luciano ficara com várias garotas, mas era a correntinha dela que ele pedia. Apesar de ter sido um presente da mãe quando completara dez anos, acreditou poder deixá-la um tempo com ele. Quando baixou a gola da camisa que Luciano usava para colocar sua correntinha no pescoço dele, encontrou pelo menos umas vinte outras correntes (entre ouro e prata) penduradas ali. O cara era praticamente um mostruário ambulante. Para não mostrar uma possível imaturidade ou insegurança, fez parecer que estava tudo bem e colocou a corrente no pescoço dele sem questionar. A sensação de que estava sendo completamente idiota foi imediata. No mesmo momento soube que jamais voltaria a ver sua correntinha, que ele estava colecionando conquistas no pescoço para fazer sabe-se Deus o quê com tantas joias. Renata nunca voltou a falar com Luciano, e nas poucas vezes que se viram após ter sido galantemente roubada, cuspiam no chão e viravam-lhe a cara, rogando aos seus anjos protetores para quebrarem-lhe as costelas boas. Teve que mentir para sua mãe dizendo ter perdido a corrente. Nunca se desculpou por sua fraqueza. Sequer gostou do beijo que recebeu; muito menos dele. Não sentira atração e ainda para piorar, achava-o feio. Tudo que queria era dar o primeiro beijo com o garoto mais popular entre as garotas mais velhas. A noite do primeiro beijo de Renata fora frustrante, enganadora, traumática... Um verdadeiro desastre, principalmente porque se via como uma garota boba e amedrontada que tentava conquistar um ladrão apenas para impressionar umas garotas que sequer conhecia direito (todas, com certeza, também furtadas por ele).

Marta, a filha de um dos sócios do pai de Margarete (e sua melhor amiga de festas e eventos do clube) quebrou o dente da frente quando beijou pela primeira vez. Segundo ela, após muita enrolação (na busca de um clima perfeito e romântico), olhou bastante para Marquito. Abraçaram-se, cheiraram-se, escutaram música lenta... Quando o momento finalmente chegou, foram com muita sede ao pote e chocaram os dentes em uma impactante trombada. Marquito saiu com o lábio perfurado e ela sem um pedaço do dente da frente. Marta sequer sabe se foi um beijo. Cada vez que se olha no espelho ou vê suas fotos de boca arreganhada, percebe a marca da cola deixada pelo dentista entre o toco de dente original e a massa falsificada logo abaixo.

Margarete ainda se lembrou de Rosana, “a xereta”, que após namorar platonicamente com Leo por quase um ano, quando foi dar o primeiro beijo, a boca do rapaz cheirava a fossa. Segundo ela, era um bueiro com mil macacos mortos.

As histórias das amigas em nada se assemelhavam com a dela, que por ter esperado o momento certo, conseguiu trazer ao mundo o primeiro beijo perfeito.

**Sua mãe já estava em casa**, mas esperou o pai chegar para falar com os dois juntos. Para matar tempo tomou banho, leu algumas páginas do “Prazer de pecar” (não indicado pelo Vestibular, pois os

indicados são uma apologia para os jovens não voltarem a ler jamais). Quando seu pai chegou, ele sequer teve tempo de passar pela porta da sala, pois Margarete desceu as escadas correndo e o beijou durante quase dois minutos. Enquanto fazia carinho na careca do pai, perguntou como fora o dia dele, e até mesmo sobre negócios quis saber. Era um comportamento completamente inusitado por parte da filha:

– Marga, você quer alguma coisa? Quanto tenho que pagar?

Margarete riu, despretensiosa.

– Para o senhor meu carinho é de graça, papai!

Sentaram-se à mesa para jantar, quando a comida começou a ser servida, Margarete introduziu o assunto:

– Queridos pais, preciso confessar algo terrível! – Claro que a palavra “terrível” colocava tensão no ambiente e dava um aspecto de importância maior.

– Eu sabia! – Afirmou o Dr. Brandão, batendo a mão na mesa. – O que aconteceu dessa vez?

– Filha, você não aprontou nada, não é mesmo? – Antecipando uma tragédia, Dona Alissa se desfez do garfo que segurava para aguentar o nocaute.

Percebendo que conseguira concentrar a atenção total de seus pais, confessou:

– Quando disse que o filho do jardineiro tentou me beijar, menti! Eu sequer o vi àquela noite.

– O que? Você está de brincadeira com a gente!

– Não, mas estou profundamente envergonhada e arrependida. Inventei essa história para sair do foco e evitar receber um castigo por ter fugido. A mentira só foi criada no momento em que vi a viatura; por isso não tive tempo para elaborar algo decente, uma desculpa que não implicasse o nome de terceiros. Lamentavelmente quando inventei tudo, precisava de um nome, e o filho do jardineiro foi a primeira criatura que me veio a cabeça. Não medi as consequências, e nem pensei que o senhor fosse mandá-los embora. O pai desse menino sempre foi muito bom para mim, e o filho dele que sequer me lembro do nome, nunca me olhou de qualquer forma atrevida.

A expressão de desapontamento ficou cinzelada no rosto dos pais.

– Margarete, você sabe que o que fez foi muito grave, não é? – O Dr. Brandão censurou-a firmemente, esclarecendo ainda: – Fazia muitos anos que eles trabalhavam para nós, tínhamos uma relação de confiança. Por causa da sua mentira precisei proibir que pai e filho trabalhassem tanto aqui em casa quanto na redondeza. Como você acha que me sinto ao saber disso? Você inventou uma mentira bárbara e egoísta apenas para escapar de um castigo? Isso é mesmo verdade? Você me deixou punir pessoas inocentes no seu lugar e só vem me dizer isso agora, quando todo o mal já está feito?

Margarete balançava a cabeça para cima e para baixo a cada pergunta que seu pai levantava, assumindo total responsabilidade pelo ocorrido. Para esclarecer que sua conduta teve certa coerência (não em lógica, mas em desespero) tornou a repetir, esperando que eles pelo menos a entendessem:

– Quando cheguei aqui àquela noite, as luzes estavam acesas e havia uma viatura policial na porta de casa. Fiquei apavorada tanto por ter fugido de casa quanto por ter sido descoberta. Sou covarde e inconsequente, já entendi isso... Eu mereço e aceito humildemente o pior castigo que decidirem para mim; mas por favor, devolva o trabalho para esse pessoal, papai!

– Margarete Brandão! – Dona Alissa interferiu pela primeira vez, sem ter tocado na comida, aterrada com a audácia da filha. – Estamos muito decepcionados! Com tantas mentiras que você poderia ter inventado, e veja bem: – frisou com altivez – Não é que eu esteja estimulando-a a mentir, mas se você julgou realmente necessário inventar uma história, por que envolveu pessoas que não tinham nada a ver com seus problemas? Pessoas simples, gente inocente que nesse momento deve estar nos odiando com toda razão! Oh, meu Deus, estamos criando um monstro! É isso? Você quer nos deixar de cabelos brancos, menina?

Margarete quis dizer que ela já tinha cabelos brancos, embora estivessem pintados. E seu pai era careca demais para se preocupar com a cor dos cabelos que não tinha. Mas não se atreveu a tanto, pois se

sentia deveras muito mal com todo transtorno que causou.

– Mamãe, me perdoe! Estou muito arrependida... – Margarete estava com lágrimas nos olhos e tremia. Arrependia-se tão profundamente por ter prejudicado Edir e o pai dele como por ter decepcionado os próprios pais. Temeu que jamais confiassem nela novamente.

– Eu vou para meu quarto, não estou bem. – Sentenciou a mãe, pálida.

– Mamãe, o que a senhora está sentindo?

Dona Alissa se retirou sem respondê-la.

Depois de ficarem sozinhos, o Dr. Brandão sentenciou determinado:

– Por muito que me doa a injustiça que cometi com o Silva e o filho dele por sua causa, não posso voltar com minha decisão.

Margarete estremeceu.

– Você deve voltar, papai! É seu dever moral, como homem e como pai!

– Entenda uma coisa, Marga, não irei atrás deles para admitir que minha filha caçula é cruel e inconsequente. Se fizer isso, estarei reconhecendo que não passo de um homem velho e tolo, ingênuo ao ponto de não perceber quando estou sendo manipulado por uma mentira deslavada. Eu despedi o Silva e o filho dele, acusando-os de um delito que nunca existiu. Você acha mesmo que depois de agir sem a menor consideração, eu poderia pedir perdão e chamá-los de volta para trabalhar aqui, obrigando-os a olhar para você todos os dias? O que você acha que eles estão sentindo agora, sabendo que são inocentes e que fui induzido ao erro por você? Você acha que eles não têm orgulho? E que esse orgulho não está extremamente ferido?

A situação caminhava para um rumo do qual Margarete não gostava nenhuma. Começava a suar frio frente à impassibilidade do pai e seu aspecto decidido.

– Papai, eu mesma pedirei perdão e explicarei tudo! Não me importa se me odiarem!

– Essa decisão deixou de ser sua quando você me envolveu nela. É preciso saber pedir perdão e reconhecer o erro no instante que o cometemos, mas você está atrasada; essa sentença já foi estabelecida e o caso encerrado. Eu sou um homem vivido, Margarete; estou acostumado a lidar com mentirosos no tribunal, raposas no escritório, golpistas nos negócios... Não posso aceitar que uma garota de dezessete anos me passou a perna com uma mentira destrambelhada e não desconfiei nem um instante. Você entende isso? Não investiguei sua alegação. Não dei uma oportunidade ao Edir para se explicar. Não confirmei se o que você me dizia era de fato verdade, pois nunca supus que pudesse mentir dessa forma vergonhosa.

– Papai, estou tão arrependida... Juro que nunca mais vou mentir, eu juro! – A vergonha no rosto dela era legítima. – Mas... E se eles não conseguirem mais trabalho?

– Ora, não seja boba! Logo eles conseguirão um novo condomínio para trabalhar.

– Como o senhor pode ter tanta certeza?

– Apenas tenho.

Margarete conhecia seu pai. Se ele encerrava o assunto dessa forma, chegara a um veredicto e a sua última palavra. Sentia-se perdida e desolada. Edir conseguiria superar o que ela fez em nome do amor? Não, não dava... Nem mesmo ela passaria por cima disso se estivesse no lugar dele; era esperar demais de um ser humano. Teria que ajudá-lo de alguma forma, mas como?

**Apesar de ter tomado** uma xícara de leite morno e vestido um de seus tantos pijamas de algodão extremamente confortáveis, não conseguiu dormir.

Arruinara a família de Edir com uma única pirraça; era uma jogadora e tanto! O troféu de víbora destrambelhada era todo dela...

## Dez

Margarete dispensou as amigas que a acompanhavam na saída do cursinho, dizendo que ainda precisava fazer uma pesquisa na biblioteca. Se pedisse companhia para ir à manicure, fazer compras no shopping, tomar um Cooler... com certeza elas teriam se descontrolado para ir junto; mas somente o melhor amigo do mundo teria a boa vontade e altruísmo de acompanhá-la até à biblioteca. Margarete não era boba; sabia que se quisesse escapular de companhias indesejáveis, os livros eram a melhor arma para afugentar quem quer que fosse.

Não conseguira pregar um olho durante toda a noite, mas mesmo assim estava irrequieta por reencontrar Edir. Pediu para o motorista não ir buscá-la, pois voltaria com uma amiga para casa.

Ao contrário do primeiro encontro, dessa vez Margarete entrou na lanchonete e escolheu uma mesa. Tinha acabado de se sentar quando viu Edir na porta.

– Edir, aqui! – Acenou do fundo e levantou a mão, sentindo sua boca secar tão rápido quanto uma lesma com sal nas costas secaria.

– Oi, você chegou agora? – Ele tentou parecer casual, disfarçando seu sorriso triste.

– Agorinha! Senta aí.

– Quer comer alguma coisa? – Ela perguntou e antecipou-se em usar um tom brincalhão quando disse: – Pode deixar que eu pago!

O sorriso triste se transformou em uma máscara de incredulidade e assombro no rosto de Edir.

– Você está fazendo piadas com a situação, é isso? Porque se for, Margarete, juro que levanto agora e nunca mais nos veremos.

Margarete sentiu a corrente elétrica de seu corpo entrar em curto. Antes que sua boca secasse ao tempo de não conseguir mais falar, explicou rapidamente:

– Jamais brincaria com a situação. Acredite!

– Então o que é? Por que disse isso? – Edir queria recuperar logo o trabalho para nunca mais precisar se encontrar com ela. Estava farto da situação. Gostava menos ainda de ter que esperá-la na saída do cursinho como se fossem amigos, ou pior, como um cara apaixonado. Devia fingir que não estava com raiva pelo que a tonta fez. Precisava recuperar seu trabalho sem parecer interesseiro, rude, sem humilhar-se, e tudo isso escondendo simultaneamente que a abominava.

Antes que Edir pudesse se ofender ainda mais, Margarete tirou um envelope da mochila e o esticou na direção dele:

– Ontem falei com meus pais, ambos ficaram chocados pelo que fiz. Apesar de estar profundamente envergonhado, papai se recusa a devolver-lhes o trabalho. Acha que não haveria mais situação para convivermos juntos.

– O que? Você não está falando sério!

– Edir, ele acreditou em mim de olhos fechados quando menti sobre você. Foi injusto e tolo, está muito humilhado nesse momento.

– Seu pai não vai nos dar o trabalho de volta? – Incrédulo, confirmou uma vez mais.

– Infelizmente, não.

– Você contou para ele que não fiz e nem tentei nada com você?

– Conte toda a verdade, minhas palavras quase fizeram minha mãe vomitar. Meu pai ficou horrorizado. Ele ainda não falou sobre o meu castigo, mas acho que será severo.

Edir ficou furioso.

– Você está preocupada em levar um corretivo, então? Quem sabe seu pai a envie para Disneylândia sem direito a ver o Mickey, já pensou que severo?

Margarete teve vontade de dizer que não tinha influência na decisão do pai, mas como única responsável pela situação, quanto menos advogasse em sua própria defesa, melhor seria. Por outro lado,

mesmo reconhecendo a sujeira de sua sabotagem, amargurava-se quando Edir usava esse tom agressivo, ridicularizando-a como uma garota rica e fútil. Ficou sem palavras. Colocou-se no lugar dele, era assim que enxergava seu mundo: uma fábula infantil de cores e purpurina. Embora tivesse vontade de espremer, podia entender as razões dele por vê-la tão oca.

Como se não acreditasse nela, tornou a perguntar:

– Você tem certeza disso? Contou mesmo a verdade?

– Juro que contei!

– Não pode ser, Margarete... Não é justo! Como ele pode não mudar de opinião depois de saber que cometeu uma grande injustiça?

– Acho que ele está mesmo com muita vergonha...

– “Vergonha?”. Eu só posso estar sonhando! Isso é um pesadelo, não dá para acreditar...

Ela viu Edir empalidecer. Antes que tivesse tempo para exteriorizar sua zanga, sugeriu:

– Abra!

– O que é isso? – Ele perguntou.

– Como meu pai se recusou a recontratá-los, roubei o cofre dele.

Edir espiou dentro do envelope e viu cédulas de dólares novíssimas, separadas em seis montes retos, pares, muito verdes, que apesar de serem dólares, tinham o mesmo cheiro inegável, sedutor e universal do dinheiro.

– Só me faltava essa! – Ele fechou o envelope depressa e olhou para os lados, amedrontado, como se estivesse segurando uma bomba relógio. – Você tirou todo esse dinheiro do cofre do seu pai e acha que ele não vai perceber?

– Acho NÃO, tenho certeza! Da onde saiu isso aí, tem montes e montes mais! Meu pai passou da fase de contar cédulas ou controlar o que ganha.

– Como você acha que posso aceitar esse dinheiro?

– Por que você não o considera como uma indenização por danos morais?

– Você está falando como seu pai agora. Ainda quer ser cozinheira ou mudou de ideia?

– Cozinheira, não; Chef de cozinha! É diferente!

– Claro, se desconsiderarmos que ambas cozinham, pode ser mesmo diferente...

Margarete gostou de perceber que, lentamente, começavam a mudar o rumo da conversa. Foi como se por um instante Edir não fosse mais aquele garoto preocupado, sério demais para alguém de sua idade.

– Leve esse envelope de volta. Não quero caridade da sua família! – Esticou o envelope na direção dela, determinado a assustá-la.

– Isso não tem nada a ver com caridade, mas com JUSTIÇA! Não era isso que você esperava: *Justiça*? Então deixe de ser tolo! Não há justiça mais sábia que o direito de roubar um homem injusto. Por favor, aceite esse dinheiro e não fique bravo comigo!

Os pensamentos de Edir ficaram em desordem. Não conseguia distinguir o certo do errado e determinar suas diferenças. O cheiro do dinheiro que sentiu segundos antes ainda atrapalhava seu raciocínio. Queria ir para casa, e então, jogar todas as notas para cima como nos filmes; forrar seu colchão com essas perfumadas verdinhas.

Como se algo mágico tivesse acontecido, de repente saiu de seu transe, olhou para Margarete, e ao contrário de sentir a costumeira repulsa por ela, notou certo grau de admiração. Ela estava linda, lindíssima, realmente formidável.

Não procurou entender o motivo das palavras que pularam de sua boca quando perguntou:

– Você é uma gracinha, sabia? – Disse sorrindo e puxou o queixo de Margarete com a ponta dos dedos. – Quando vai levar algo a sério?

– Você acha mesmo que eu sou uma gracinha?

– Bem, quando não arrotta...

Margarete foi pega completamente desprevenida com essa resposta. Sem aguentar, caiu na gargalhada.

– Olha, aquilo foi inusitado, nunca arrotei tão alto na vida.

– Como alguém que faz gororoba de caviar consegue arrotar assim? Sua mãe ensinou isso nas aulas de etiqueta?

Margarete voltou a rir. Sua mãe era piada comum entre as amigas quando falavam sobre bons modos, e pelo visto, seria piada para Edir também. Sua mãe era tão exageradamente elegante que chegava a ser um pouco ridícula; era tão absurdamente educada, que ao contrário de servir de bom exemplo, era mencionada com escárnio por seus amigos, principalmente quando se referiam a ações fisiológicas: “Margarete, será que você nasceu mesmo de parto normal? Sua mãe jamais arregaçaria as pernas para expelir um bebê pela boceta. Aposto que ela importou os filhos da Europa!”. “Marga, sua mãe peida?”. “Ela faz cocô?”... Piadinhas bobas, repetitivas e intermináveis eram ações comuns realizadas por seus melhores amigos, aqueles a quem dava confiança absoluta para irem tão longe.

Que felicidade poder transformar o comportamento alienígena e as manias pomposas de sua mãe, em uma anedota para dividir com Edir. Se ele soubesse as perguntas que suas amigas já fizeram sobre sua mãe, morreria de rir. Embora Margarete compactuasse com a piada e também achasse o comportamento da mãe sofisticado demais para o século que viviam, tinha quase certeza que ficaria como ela quando fosse mais velha, pois é difícil viver em determinado sistema complexo e exclusivo sem se adaptar a ele. Margarete já tinha entendido que as pessoas nascem com o potencial para serem programadas a qualquer coisa, boa ou ruim, saudável ou nociva, religiosa ou cética, direita ou esquerda, preconceituosa ou simpaticante. Pode-se memorizar qualquer palavra repetindo-a dezessete vezes, assim como lavar qualquer cérebro também pelo mesmo número de repetição. Pode-se dominar uma sociedade inteira através da multiplicação da palavra, e isso vale no seio familiar como também nas maiores esferas da sociedade. Pode-se programar um ser humano para temer, matar, ser um valentão ou um bunda mole. O ser humano através da repetição pode aprender a odiar qualquer coisa viva com muita facilidade.

Margarete se concentrou em Edir. Parecia afinal, que cedia aos seus encantos. Ele a chamou de “gracinha”, e até sorriu daquele jeito charmoso, de ladinho. Edir ainda estava pensativo, embora a expressão em seu rosto demonstrasse serenidade. No que estaria pensando? Talvez no futuro deles, juntos... Talvez chegasse à conclusão que seria melhor não trabalhar mais na casa dela. Quando chegasse o momento de assumir o relacionamento que tinham, não gostaria de ainda ser o jardineiro da família. Talvez ele estivesse pensando em beijá-la e não sabia como pedir, ou talvez ainda, realmente estivesse pensando nas contas para pagar e em como conseguiria um trabalho para ele e o pai. Não importa; jardineiro ou não, Margarete estava disposta a seguir adiante com sua paixão e gritá-la nos ouvidos do mundo. Não seria o bolso vazio de Edir e a desaprovação de seus pais que impediria o acontecimento de um grande amor. Margarete temia que ao mencionar “amor” em seus pensamentos, estivesse sendo patética e teatral. Poderia até conformar-se em ser um pouco dramática, mas não gostava em hipótese alguma do termo “patética”. Precisava de um sinônimo que substituísse a palavra *amor* de seu dicionário antes que ela escapulisse de seus pensamentos e começasse a ser verbalizada por aí.

**Quanto será que tem aqui?** Isso era tudo que Edir queria saber. Se dependesse dele, já teria contado o dinheiro. Mas que merda! Ainda precisava encenar um pouco. Não queria parecer um pobretão desesperado (ainda que o fosse). Alguém que jamais viu notas de dólares novíssimas, empilhadas em montinhos perfeitos (ainda que não tivesse).

– Não é certo eu ficar com esse dinheiro! – Ele estendeu o envelope para frente e falou decidido, olhando-a diretamente nos olhos: – Obrigado, mas leve-o de volta, não podemos aceitá-lo.

– Por favor, não me faça essa desfeita, Edir! Não seja orgulhoso. Vocês precisam do dinheiro.



Sou inteiramente responsável por você agora.

Ele simulou refletir a respeito como se enfrentasse um grande dilema, um profundo conflito de valores. E então, com uma expressão muito séria em toda face, afirmou:

– Margarete, eu só vou aceitar esse dinheiro por causa dos remédios do meu pai...

– É claro, seu pai! – Ela bateu com a mão na testa como se tivesse esquecido que estava doente.

– Como ele está, melhorou? O que os médicos disseram que ele tem?

– Depressão, já ouviu falar disso?

– Acho que sim, é quando alguém fica muito triste e enlouquece, não é? Tenho uma tia que de tanto tomar Diazepam, Clonazepam, Alprazolam, Citalopram, Lorazepam... ao contrário de melhorar, piorou de vez! Os remédios deveriam deixá-la sã, mas aí mesmo que ela ficou tantã das ideias.

– É uma doença de sentimentos, Margarete! Pode ser mortal se não tratada devidamente.

– Sério? E como se morre disso?

– A pessoa com depressão sente uma tristeza tão grande que não consegue mais rir. Ela se isola por completo até perder completamente a vontade de viver.

– E aí, ela morre?

– Não, aí ela se mata.

– Edir, que horror! Vira essa boca pra lá!

– Só estou dizendo o que o médico disse.

– Ele disse que seu pai vai se matar?

– Não, isso foi interpretação minha. Ele só explicou que muitos dos pacientes que não seguem o tratamento para depressão à risca, acabam pendurando uma corda no pescoço.

– Credo! Que médico é esse, Hannibal Lecter?

– Médico do SUS, minha cara! O que você esperava? E o sacana ainda disse que meu pai deve fazer terapia em associação aos remédios. Ora, TERAPIA! Que disparate! Você acha que o SUS paga isso? Claro que não! A única terapia que meu pai pode ter é conversar com a parede ou sozinho. Terapia de pobre é aprender a engolir a seco.

– Veja se consegue pagar o tratamento com esses dólares, ou ao menos, as primeiras sessões. Daremos um jeito, eu garanto. Seu pai não fará uma terapia de paredes!

– Bem, chega de falar sobre dinheiro e doenças agora. – Edir puxou o envelope de volta para si e o apertou junto ao coração, sem deixar Margarete perceber sua glorificação e entusiasmo. – Que tal um beijo de cortesia, agora? – Sugeriu provocante, disposto a dar aquele beijo escandaloso de cinema que se privou no último encontro. O dinheiro opera milagres! Que sentimentos inusitados o digam..

## Onze

Fizera uma boa caminhada da lanchonete até sua casa, por isso chegou ofegante e suado. Sentiu vontade de ir direto para uma casa de câmbio e trocar o dinheiro, mas não tinha a mínima ideia de quanto levava ali. Não queria chegar ao cambista e mostrar que estava inseguro, dar a entender que aquele dinheiro não era seu. Com a sorte finalmente a seu favor, não provocaria uma situação onde pudessem acusá-lo de ter roubado esse dinheiro. Pensando nisso, decidiu trocá-lo aos poucos, em duas ou três vezes, ou melhor, dividindo-o em singelas porções, trocando-o por moeda nacional em vários lugares diferentes.

Trancou-se em seu quarto e esvaziou o conteúdo do envelope em cima da cama. Junto com os bloquinhos de dinheiro, encontrou um papel dobrado ao meio com uma letra feminina, que dizia:

*Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente. Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente.*

*Sua Margarete.*

Quem mais teria escrito algo assim, senão a doida? Refletiu. Ela poderia ter escrito algo fácil e direto, do tipo comum:

“Edir, estou apaixonada por você!”

Mas não! Ao contrário disso escreveu sobre dor! Quem conseguia entendê-la? Ou o que ela dizia, escrevia e pensava? Que garota anormal!

O dinheiro estava dividido em seis montes com vinte notas de cem dólares em cada. Apesar do extraordinário valor, não havia tantas notas assim ao ponto de conseguir forrar o colchão com Mr. Franklin. No máximo, forraria a décima parte de uma fronha. Mas Mr. Franklin de fato não importava. Quando trocasse os doze mil dólares, conseguiria três ou quatro vezes mais notas em sua moeda, e aí sim faria uma chuva de reais. Reuniu singelos grupinhos de quinhentos dólares divididos por clips, repartiu quatro deles entre os bolsos da calça, empurrando tudo bem para o fundo, e escondeu o restante do dinheiro embaixo dos tacos soltos no chão de seu quarto, atrás da cama.

Estava preparado para sair quando viu um dos carros da família Brandão estacionar frente a sua casa. Deveria estar enganado, pensou, mas não eram todos os dias que carrões como aquele eram vistos em sua rua. Abriu a porta da sala, que dava direto para fora da casa, e reconheceu Xavier pela cabeça tamanho GG quando o viu sair do carro com seu costumeiro chapéu e uniforme preto impecável.

– Edir, campeão! – Ele o saudou afável e estendeu a mão, esforçando-se para parecer contente. – Como anda essa força?

Edir sabia que o chofer não queria saber como ele estava, mas perguntava apenas por gentileza. Quem pergunta não tem interesse e quem responde não é sincero. E se ao contrário de responder: "Sim, tudo bem. E você, tudo bem?", devolvesse ao chofer um: "Não é da sua conta, vá se foder!". Ou ainda: "Estou precisando conversar! Não estou nada bem..", e a partir daí soltasse o verbo, contando um monte de dramas e mentiras absurdas, formulando uma conversa bem louca, sem pé nem cabeça, cheia de doenças e mortes. Também poderia afugentar a pergunta (e a resposta) se comesse a chorar descontroladamente. Embora as variantes que se apresentaram, decidiu-se por ignorar a pergunta do chofer, e sem dizer se estava bem ou não (pois a resposta, fosse qual fosse, não interessava de verdade), perguntou:

– Xavier? O que você está fazendo aqui? Aconteceu algo?

– Desculpe não ter avisado, mas quando o patrão nos dá um encargo, sabe como é, né? Vim falar com seu pai, ele está em casa?

– Não, meu pai não está. Não sei por onde anda, provavelmente procurando trabalho... –

Sussurrou o final da frase, quase para dentro, indignado.

– Como?

– Nada, deixa pra lá. O que você quer com meu pai? O Dr. Brandão está nos chamando de volta?

Ele se arrependeu?

– Infelizmente não... Ele não me disse nada a esse respeito.

Edir simpatizava com Xavier. Quando o chofer começou a trabalhar para a família Brandão, ele e o pai já estavam ali fazia pelo menos dois anos. Conversavam esporadicamente entre um cafezinho e outro (nas raras vezes em que seu pai aceitava o convite feito pela empregada mais antiga da casa), ou em vésperas de festa, quando todos os empregados e contratados pela família Brandão se encontravam para trabalhar na propriedade. Apesar de trabalharem na mesma casa por tantos anos, ele e seu pai não chegaram a formar um vínculo de amizade com ninguém. Aprendera com o pai a ser discreto e trabalhar em silêncio; a chegar e partir, muitas vezes, sem sequer ser visto.

Xavier (com exceção de Margarete que desde sempre o perturbou) era uma das poucas pessoas com quem trocara mais de uma dúzia de palavras ao longo do tempo. O motorista era educado e cordial, e quando rondava o jardim da casa, limpando carros ou apenas esperando ser intimado por algum Brandão, fazia questão em falar sobre o tempo ou elogiar o bom serviço no jardim da propriedade. Uma vez, até arriscou falar sobre futebol, mas quando seu pai afirmou que não torcia por nenhum time e que por ele todos poderiam desaparecer, a partir daí Xavier limitou-se a falar somente a respeito do tempo (se estava quente ou frio, se ia chover ou fazer sol) e elogiar o jardim. Nada mais.

Por mais que simpatizasse com Xavier e seu uniforme elegante, ele era mais um dos paus mandados do Dr. Brandão, alguém a serviço do velho; sem intenção de devolver-lhes o trabalho. Não sabia se deveria bancar o valentão, mandar um recado malcriado ao Doutor ou correr com Xavier da frente de sua casa. Ainda era jovem demais para tomar certas decisões. Tinha receio de precipitar-se com uma ação errada que o faria arrepender-se depois. Seu pai ficaria furioso se fosse descortês com algum dos escravos daquela mansão.

– Edir, você não sabe mesmo a que horas seu pai chegará?

– Não, não sei. É só com ele?

O chofer pareceu duvidar por um instante. Talvez se Edir tivesse o convidado para entrar e tomar um cafezinho, ele poderia esperar um pouco.

– Então, você precisa me fazer um favor. – Decidiu rapidamente, e tirou um envelope de dentro do bolso do paletó, estendendo-o com muito cuidado. – Entregue isso ao seu pai. – O chofer olhou para os dois lados cautelosamente antes de soltá-lo.

– O que é isso, Xavier? Deixa de bobagem e solta logo esse envelope! Tá querendo bancar o 007?

– Edir, não estou de brincadeira. Guarde bem esse envelope e entregue ao seu pai assim que ele chegar, certo?

– Você vai soltá-lo ou não?

– Diga ao seu pai que eu sinto muito.

Por um instante Edir pensou que o homem fosse chorar. Ele ficou sério, seus olhos brilhantes marchando de um lado ao outro, desejavam sorte e sucesso aos Silva. Certamente o pobre chofer se apiedava pela desgraça deles, refletiu. Mal sabia ele que já havia recebido uma boa indenização da filha caçula do Doutor. Doze mil dólares equivaliam a quase dois anos de trabalho. Xavier jamais vira uma nota de cem dólares antes, quem diria doze mil! Cento e vinte notas de cem, todas verdinhas e cheirosas. Mas ainda sim o otário estava plantado a sua frente cheio de piedade nos olhos como se ele e seu pai não passassem de dois mortos de fome.

Imaginar que Xavier tinha pena deles o deixou com raiva.

– Se é só isso pode ir embora, então!

– Vocês darão a volta por cima, tenho certeza!

Edir colocou a mão nos bolsos apenas para sentir o peso de suas notas. Queria tocá-las um pouco, olhar novamente para elas antes de trocá-las na casa de câmbio.

Arrancou o envelope das mãos do chofer (o tal enviado a mando do Dr. Brandão) e virou as costas sem se despedir. A raiva fez suas veias ferverem; sentia o corpo em ebulição. Nunca antes teve raiva de Xavier, apesar de já ter se colocado no lugar dele, imaginando-se com o impecável uniforme que ele usava e dirigindo aquele carrão. De jardineiro a motorista, por que não? Trabalho fixo, limpo, com carteira de trabalho assinada... Nada, nadinha mal! Mas enquanto Edir sonhava em usar o uniforme de Xavier e tomar-lhe o lugar como motorista, precisava escutar e responder-lhe suas estúpidas perguntas a respeito do tempo. Os jardineiros não tinham café servido com bolo e quitutes igual o motorista; não podiam ver futebol na TV da cozinha ou refrescar-se com uma bebida gelada. Os jardineiros usavam chapeleta de palha para se proteger do sol, e não um bonito chapéu envernizado provido pelo dono da casa. Nenhum daqueles empregados perguntava se o sol do meio-dia estava quente demais, se eles estavam desidratando, se tinham sede, se queriam assistir o futebol. Não! Até para os demais empregados da casa Brandão, o jardineiro e seu filho eram considerados a última camada da casta, a ralé que tinha a obrigação de queimar no calor. Edir queria fazer parte do grupo, estar entre os empregados uniformizados da família Brandão, ter a carteira de trabalho assinada e participar dessas fofocas a respeito da vida dos patrões que tanto aproximam empregados uns dos outros, fortalecendo a amizade. Mas não! Eles aparavam grama, ciscavam, acertavam cuidadosamente a unha de gato nos muros dos fundos, arrancavam matinhos com mãos, molhavam plantas, cuidavam das rosas, e até esculpir plantas em forma de cubos aprenderam a fazer (Topiaria). Deixavam o quintal limpo, aparado, alegre, colorido, mas mesmo assim não eram notados. Era como se tudo aquilo fosse construído automaticamente por seres invisíveis.

Quando Margarete começou a se aparecer para ele com cigarros e calcinhas à vista, com gororobas de caviar e sucos gelados, Edir ficou desconfiado e apreensivo. Não queria nada daquela menina arrogante que morava em um condomínio fechado, viciada em pijamas, livros velhos e diretores de cinema; que dormia em um palácio para trinta pessoas, mas que abrigava apenas três. Não queria que o vissem com Margarete, que o proibissem de estar com ela porque era pobre, que pensassem que estava se aproveitando da menina Brandão, que o lembrassem do abismo de diferenças entre eles, que rissem de sua cara por esperar um futuro com ela. Não queria que o colocassem abaixo de interrogatórios com perguntas das quais jamais poderia responder. Edir não queria se misturar com as amigas de Margarete, garotas apresentadas como se fossem cavalos em festas de debutantes (mas ao contrário de exibir os dentes, exibem lindos vestidos em trote). Não queria ser o amante pobre de Margarete, seu burro de carga, um brinquedinho de entretenimento, uma fonte inesgotável de piada para ela e suas amigas.

Abominava aquele olhar atrevido de Margarete; quando ela entrecerrava os olhos de maneira desafiadora até quase fechá-los e sorria colocando a boca de lado; ou quando conversava com ele cheia de liberdade como se fossem amigos de toda uma vida.

Quanto mais conhecia Margarete menos gostava dela. Observou os saltos altos que ela usava para ir ao cursinho, deviam ter no mínimo vinte centímetros (por isso ficava mais alta que ele, e por isso também, chamava atenção de todos com sua altura descomunal suportada por dois pés gigantes). Eram pés brancos, grandes e pálidos, mas em evidência jaziam dois joanetes, ambos pelo lado de dentro, ossudos, um pouco rosados e horrorosos. Se a petulância de Margarete já não fosse o bastante para manter vivo o desprezo de Edir, ela tinha joanetes! Há pessoas que existem no mundo apenas para o desprazer do outro, pensava Edir, convicto. A amizade que ela tinha com sua vizinha Tatiana era o primeiro indício de que Margarete não tinha todas as peças na caixa cerebral. Primeiro uma amiga pobre e depois um namorado pobre? O que ela queria mostrar, e para quem? Apesar do despeito que sempre

sentiu em relação às pessoas endinheiradas, os doze mil dólares que Margarete desviou até suas mãos pareceram-lhe muito simpáticos. Aliás, apesar dos horríveis joanetes nos pés dela, Margarete inteira parecia mais simpática após a transferência monetária. Com certeza essa afeição era passageira, a não ser que o dinheiro durasse para sempre ou Margarete se transformasse em um Benjamin. Abriria uma conta no banco para depositar a indenização recebida e faria pequenos saques para as despesas da casa e da família. Logo, ele e o pai estariam novamente empregados e tudo voltaria à normalidade; quer dizer, a uma normalidade muito melhor, pois agora tinham uma poupança. Não venderiam o furgão, e sua mãe deixaria de olhá-lo atravessado.

Edir segurou com as duas mãos o envelope que o Dr. Brandão enviou pelo motorista. Queria descobrir através do peso o que tinha dentro. Era leve demais para ter dinheiro, mas com certeza havia ali uma doação. É assim que os ricos costumam amansar pobres, pensou: desfazendo-se de trapos velhos, de aparelhos antiquados, de sofás manchados, de estantes com cupins e fazendo uma caixinha de funcionários no fim de ano. Dar um “extra” ao empregado é uma forma (ou pelo menos uma tentativa) de mantê-lo fiel o ano inteiro... Doam tudo que está velho ao empregado mais pobre e se reconfortam com a boa ação. Às vezes, se o móvel ou o aparelho doméstico não está muito acabado, ainda pedem um trocado, uma quantia simbólica, ou metade do preço, vinte por cento do valor que a bugiganga vale. Rico não gosta de perder nada. Antes de dar uma porcaria qualquer, avalia se não pode trocá-la em serviço. A diarista leva a TV velha do quarto, mas em troca, faz quatro faxinas sem cobrar. Quando alimentos na geladeira estão perto de vencer, um ou dois dias antes o patrão pergunta ao empregado se ele não quer aquilo. Diz que comprou demais, fala sobre a excelente qualidade do queijo, mostra que está sendo generoso, esconde que na verdade tem horror de jogar comida no lixo. Diz que é pecado, antes de pecar e ser condenado por Deus que um pobre leve o que está sobrando! Rico é sovina, miserável, unha de fome...; mas quem não sabe disso? O Dr. Brandão e sua senhora pareciam diferentes, não controlam os empregados a respeito da água que gastam para regar o jardim, não regulam produtos de limpeza que as empregadas usam para manter a casa limpa. O café que seus empregados tomam não é fiscalizado. Apesar de nunca ter escutado uma reclamação de qualquer funcionário contra um Brandão, estava desconfiado. Desconfiança era o mínimo que podia sentir contra aquela gente.

Edir abriu o envelope que o chofer lhe entregou, devagar. Embora a curiosidade, agiu sem emoção. Boa ou ruim, com certeza havia uma surpresa ali dentro e não esperaria seu pai chegar para desvendá-la. Tomou um susto quando viu um cheque de dez mil reais. O Dr. Brandão deve ter pensado que eles não sabiam o que era dólar, que não reconheceriam dinheiro apenas porque estava em outra moeda e preferiu assinar um cheque antes de despachá-lo aos matutos do jardim.

Nesse momento, nada mais importava além da sensação de enriquecimento. Quanto dinheiro teria ao final, depois de juntar o que Margarete havia lhe entregado junto com o cheque do Dr. Brandão? O que o Doutor tencionava enviando aquele dinheiro? Gratidão? Que eles não o odiassem para sempre? Era sua forma de fazer justiça e reparar o mal que tinha feito? Margarete sabia que seu pai enviaria dinheiro a eles? Com certeza não. Caso contrário não o teria enchido de dólares antes. O Dr. Brandão não suspeitava que a própria filha houvesse roubado seu cofre. Se tudo corresse bem, um não saberia do outro e ele poderia ficar com a quantia enviada pelos dois.

Entre a justiça e a falta dela, o tirano e o oprimido, o sensato e desonesto... Edir começou a gargalhar.

## Doze

Pela primeira vez Margarete estava com Edir, oficialmente declarada como sua namorada em uma festa na casa de um dos melhores amigos dele. O pagode rolava solto. No bairro onde Edir morava nenhum vizinho reclamava do som, muito ao contrário: se a música fosse boa, não importava o volume que era sempre bem vinda. Era um bairro amigo da música, e para manter a boa convivência frente à coincidência musical que compartilhavam, os moradores tentavam respeitar uns aos outros. Depois da meia-noite baixavam o volume, fechavam as portas e janelas da casa para o som não ir para fora, falavam mais baixo. Era o mínimo que podiam fazer para conservar a boa convivência com a vizinhança. Ninguém reclamar de ninguém era a sintonia perfeita desse harmonioso estado de espírito.

Alguns dos garotos jogavam Tranca, enquanto as garotas dançavam na sala, preparavam caipirinhas e quitutes junto com seus namorados. Rapazes e garotas se misturavam no mesmo ambiente. Não havia a separação dos sexos como no clube que Margarete costumava frequentar com os pais, onde mulheres ficavam em um lado e homens em outro. Margarete achava aquela separação dos sexos no clube, simpática e sofisticada. Enquanto os homens se encaminhavam para a sala de jogos para apostar dinheiro e fumar charutos, as mulheres se empoleiravam ao redor da piscina, na sauna ou na Jacuzzi, para conversar sobre a família, moda, gastronomia, dieta e beleza.

Estava extasiada. Edir era sua primeira paixão, o rapaz mais deslumbrante e charmoso que já conhecera, e estava ali sendo apresentada como a namorada dele. Fazia vinte e quatro horas que haviam oficializado o compromisso, mas ainda sentia as pernas trêmulas quando olhava para ele e via aquele sorriso contido de garoto sério e responsável, que carrega o peso do mundo nas costas.

A meia dúzia de garotos que jogava tranca e bebia cerveja levantou os olhos das cartas quando Edir a apresentou. Ficaram todos de olho nela, balançando a cabeça de cima para baixo aprovando-a, dirigindo-se a Edir como um “cara de sorte”:

– Filho da puta! Onde você descolou esse avião? – Perguntou um deles, enquanto Margarete com toda sua elegância de mulher com pés grandes fez de conta não ter escutado.

Outro deles se levantou para cumprimentá-la, tirando o cigarro da boca antes de beijá-la na mão. Sem tempo para terminar seu gesto teatral, Edir protestou empurrando-o de brincadeira:

– Vocês são mesmo uns babacas, não? Nunca viram uma *lady*?

– Só em capas de revistas! – Afirmou um deles.

– Margarete, você tem irmã? Não quer jogá-la na roda?

Edir não deixou Margarete responder; arrastou-a para a cozinha para pegar uma bebida, ignorando os amigos. Pensara cem vezes antes de levá-la até ali, exatamente por esses motivos. Seus amigos eram divertidos e simpáticos, mas tinham essa desagradável mania de babar em gente granfina. Não queria que a babação de ovo a levasse a pensar que ele, os amigos e as pessoas de seu bairro, eram inferiores a ela e a classe A de onde ela provinha. Edir passara a vida inteira fazendo de conta que a *Classe A* não existia, apesar de sempre ter trabalhado para ela. Prestava serviço para essa gente que cheirava diferente e falava distinto, engolindo a vergonha e inibição, disfarçando brilhantemente o mal estar que lhe causavam, escondendo as mãos sujas atrás das costas. Talvez o repúdio que sempre sentiu pelos granfinos houvesse atraído Margarete até ele, satisfazendo aquele ditado de que os opostos se atraem. Se esse aforismo fazia mesmo sentido, então haveria de considerar que em seu caso apenas “um oposto” estava atraído.

Podia notar a paixão de Margarete até mesmo se estivesse longe, de olhos fechados, em transe, em estado vegetativo. No entanto, o motivo dessa paixão ainda era completamente inexplicável. Talvez se tivesse cheirado o rabo dela como seus amigos costumavam fazer com endinheirados, ela teria o ignorado por completo, e até mesmo sentido o mesmo repúdio que ele experimentava. Ele era pobre, fodido, tinha Silva no sobrenome e morava na zona Sul. Que tipo de atração Margarete poderia sentir por

ele? Acreditando na hipótese dos opostos se atraírem ser real, poderia mesmo opostos *tão opostos* se atraírem na íntegra? O mundo é mesmo muito esquisito, e as pessoas muito mais! Então, por que Edir duvidaria das coisas mais estranhas e perturbadoras? Dispensara Penélope por Margarete. Penélope! Quem diria? A gata mais fantástica de todos os tempos com quem tivera seu relacionamento mais duradouro e os sonhos mais promissores de futuro. Penélope! A garota que tirou as sandálias que não descolam do pé para acertá-lo com elas na orelha esquerda, quando soube que seria trocada por outra.

*Quem é a vagabunda?* Perguntou, reverenciando indiretamente o drama que aprendera nas mais de quatrocentas novelas inúteis que assistiu durante a vida.

*Não seja tonta, ela não é nenhuma vagabunda.*

*Você não me ama mais? O que foi? Ela é melhor do que eu na cama?*

Ninguém era melhor que Penélope na cama. Apesar de ainda não ter estado com Margarete, apostava que ela não chegaria aos pés de Pepe. Penélope era fogaosa, decidida, sabia exatamente onde encontrar o que buscava guiando-o na direção certa e instruindo-o na hora de dar e receber prazer. Tinha uma língua felpuda e macia que jamais antes havia experimentado. Sentia vontade de mordê-la. Por ser tão gostosa e despertar de forma tão violenta seus instintos, ele a penetrava com força, puxando seus cabelos para trás, enfiando-lhe dedos por baixo da saia antes mesmo de tirar sua calcinha. Empurrava e metia, e quanto mais brutalmente enfiava desejando machucá-la por dentro, mais ela gemia e pedia que ele a comesse, que colocasse com força, que a fodesse inteira com seu pau de cavalo. Edir já esteve com outras garotas antes, mas nenhuma despertara o tesão que Penélope conseguiu; nenhuma dizia essas palavras toscas ou era tão boa de cama, depravada, boca suja ou com vontade de dar tão livremente quanto Penélope. Pensou em Margarete, coitada! Deveria ser uma mosca morta na cama, preocupada com os cabelos que não poderiam bagunçar, em não deixar escapar um gritinho vulgar de dor ou prazer, em escolher o local perfeito para a cópula com seu apaixonado, em ter as palavras certas após o ato de amor. Certamente trocar Penélope por Margarete seria um dos atos mais estúpidos que cometeria durante o percurso da vida, mas precisava escolher entre uma garota quente ou uma conta gorda, e já havia optado, ainda que muito dolorosamente. Se ele conseguira impressionar os amigos quando chegou à primeira vez de mãos dadas com Penélope, impressionou duas vezes mais com Margarete. Talvez fossem aqueles joanetes horrorosos ou o batom fora de sua boca. Muito a contragosto admitia que Margarete era uma garota alta, de olhos castanhos claros muito interessantes. Tinha os cabelos abaixo dos ombros, escuros e brilhantes, uma cinturinha fina e uma bunda grande, perfeita, de chamar atenção de qualquer um, independente da classe social ou do sexo. Se havia uma opinião unânime era a de que a bunda de Margarete era uma verdadeira obra de arte criada pelos deuses do escândalo!

**Carlos, o dono da casa** e um dos melhores amigos de Edir, tinha no colo dois filhotes de labrador negro, com seis semanas de vida. Margarete se juntou às garotas que o rodeavam (para soltar “ais” e “uis”) e pegou um dos filhotes no colo.

– Quanto custa? – Perguntou após espionar as partes íntimas do cachorro e constatar que era macho.

Os filhotes seriam doados. Se Carlos conseguisse se livrar de todos seria uma benção, pois a mãe dos filhotes, apesar de ser labradora, cruzara com um zanolho da rua. Por sorte os filhotes nasceram mais com cara de labrador do que vira-lata, todos lindos e meigos, com cara de mortos de fome, embora estivessem bem rechonchudos e alimentados.

Carlos olhou para Margarete, preparado para dar um preço. Em seguida viu a cara brava de Edir, exigindo silenciosamente que ele não o fizesse ou teria problemas.

Contrariado ao perder a oportunidade de fazer um bom negócio, sugeriu:

– Fazemos a melhor de três? Se você ganhar duas de três partidas na Tranca, o cachorro é seu e nem precisa me pagar! – Apesar de perder o dinheiro fácil, não perderia a chance de parecer generoso.

– E se eu perder, o que você ganha? – Perguntou Margarete, disposta a jogar.

Carlos foi até o armário dos pais que ficava na sala e puxou uma garrafa do fundo.

– Se você perder terá que virar um copo de uísque. Não se preocupe, esse é dos bons! – Afirmou orgulhoso e deu um beijo babado na garrafa.

Os amigos que estavam por perto tentaram roubar a garrafa da mão de Carlos para tirar um trago dela, mas ele a puxou depressa, escondendo-a atrás das costas.

– Que palhaçada! Ela não vai beber nada! – Asseverou Edir, autoritário.

– Deixa de ser otário, Edir! Estou oferecendo o melhor uísque da casa. Isso aqui é Johnnie Walker, não é uísque de merda, não! Babaca!

– Pode deixar – defendeu-se Margarete – nunca perdi uma partida de tranca. – Afirmou e encaminhou-se à mesa sem demonstrar o quanto ser protegida por Edir a envaidecia.

Carlos, um exímio jogador de qualquer coisa, venceu Margarete nos primeiros vinte minutos da partida, deixando-a com um bolo de cartas na mão. Sem hesitar, o anfitrião encheu três dedos do copo de uísque e entregou para ela.

– Sem gelo? – Margarete hesitou, levantando uma sobrancelha.

Quem estava ao redor da mesa (prestando atenção, não no jogo, mas sim no desfecho), começou a rir, inclusive Edir.

– Não existe prazer em uma vitória sem castigos! – Carlos sentenciou com encanto.

– Você fala isso porque não sabe o que é receber um bom prêmio... – Disse isso e emborcou o líquido goela abaixo.

Para não ser pega desprevenida por uma reação ébria não convidada e desagradável, bebeu dois copos de água antes de recomeçar o jogo.

Sentiu-se quente e um pouco incitada quando percebeu que a sorte estava ao seu lado na segunda partida. Ao final de quase trinta minutos venceu o jogo. Carlos (para mostrar que era macho e não se intimidava com aquilo que assustava uma mulher) dobrou a quantidade de uísque no copo e a emborcou de uma vez. Detonou o líquido sem fazer cara feia.

Os amigos aplaudiram sua valentia ao mesmo tempo em que riram de sua cara. Todos sabiam que ele estava queimando por dentro. Quem ali já não havia bebido uísque feito água para impressionar os amigos e padecido dos efeitos maléficos dele? Se Carlos soubesse tomar uísque de verdade, saboreá-lo-ia em pequenos e vagarosos sorvos, e não feito um débil mental.

Apesar de não ter feito cara feia ao virar o uísque de uma única vez, ele deu um soco na mesa, fazendo as cartas levantarem. Muito macho e audacioso, olhou para Margarete quando a desafiou uma vez mais:

– E aí, tudo ou nada? Vamos desempatar isso ou você vai amarelar?

Margarete percebeu os intentos do rapaz para chamar atenção. Geralmente não dava audiência para pessoas em momentos de luxúria, principalmente os movidos por testosterona. Muito ao contrário disso, fingia não ver esses instantes de heroísmo fanfarrão para não ter que participar dele. Ora, um heroísmo sem causa que só existe na cabeça de quem o reproduz em ocasiões desnecessárias. No entanto, Carlos (que derrubava uísque como um macaco de laboratório) era amigo de Edir. Estava na casa dele pela primeira vez e não podia ignorá-lo quando imitava o Hulk socando a mesa ou derrubava meio copo de uísque em três goladas. Por isso riu como os outros fizeram, e tal como eles, também aplaudiu, fingindo achar graça de um ato que não encontrava qualquer lógica. Ninguém percebeu que seu sorriso era uma farsa, muito menos Carlos, que ao vê-la participar da algazarra esmurrou a mesa uma vez mais.

Margarete tirou de seu colo o filhote de labrador (que não era labrador) e o entregou para uma das irmãs de Carlos para poder embaralhar as cartas. Embora fosse o terceiro jogo, ninguém (com exceção de Edir que ficou ao lado de Margarete todo instante) observava. As pessoas têm mais o que fazer em uma festa do que assistir apostas estúpidas de Tranca, onde um cachorro é o prêmio de quem



ganha e um copo de uísque o castigo de quem perde. Azaração! Essa é a palavra de ouro para quem é jovem e solteiro. Festas são oportunidades ideais para azarar quem está dando sopa, pois há música, ausência de pais e quartos livres (com pelo menos uma cama de casal no ambiente).

Mas sem plateia nenhum jogo tem a mesma emoção. Apesar de ser a partida decisiva, foi a mais chata. Quando viu que ia perder, Margarete entregou os pontos e jogou as cartas na mesa. Como não havia mais público, Carlos precisou esmurrar a mesa outra vez, levantando-se eufórico e soltando gritos de vitória com os braços para cima, correndo pelo ambiente. Claro que ao escutar o alvoroço do anfitrião, os amigos (que não estavam nos quartos) foram reverenciá-lo.

– Parabéns, Carlos! Você venceu! – Margarete queria perguntar que raios ele ganhou. Se estivesse com uma de suas amigas, tiraria o nariz vermelho que deixava na bolsa para ocasiões como essa e o entregaria como troféu ao *Palhação da noite!* No entanto, calou-se e sorriu, fingindo um profundo desgosto por ter sido derrotada no baralho. Era isso que Carlos queria, não? Que ficasse abalada por ter perdido. Se não bastasse Margarete ter consciência de todo jogo de cena (fato que tornava a brincadeira ainda mais boba), Carlos sugeriu:

– Você pode se ajoelhar ao mestre e dizer um “Ave”, por favor?

– “Ave Cesar?” Como se você fosse um deus?

– Exatamente!

– Mesmo sabendo que isso era apenas mais um dos tantos atos megalomaniacos dos romanos?

– Oi? – Carlos não entendeu a falta de espírito brincalhão dela.

Margarete conseguia mesmo estragar a piada. Sua atuação de desgosto por ter sido derrotada durou três segundos. O embaraço de Carlos foi notável. Para não ser estraga prazeres, resolveu participar do teatro. Sem se ajoelhar, ergueu os braços para cima e os estendeu para baixo, soltando um glorioso “Ave Cesar”.

– E agora não se esqueça de emborcar! – Ele estendeu o copo de uísque quase pela metade. Ao ver a expressão relutante no rosto dela, Edir arrancou o copo da mão de Carlos e virou o conteúdo. Ao contrário do amigo, fez uma careta como se tivesse bebido veneno quando terminou.

Carlos protestou enfaticamente como um vencedor que se vê lesado do prêmio:

– Não, não, não, mesmo! Quem vai beber é a Margarete!

E como se Margarete devesse ser punida, encheu ainda mais o copo.

– Aqui, ó!

Ela revirou os olhos para cima. Se pudesse dizer o que pensava sobre tamanha infantilidade, jamais faria amizade ali.

– Me dá essa merda! – Exigiu já sem paciência e virou o conteúdo. Se os conhecesse um pouco melhor, ela teria apertado seu pinto imaginário tal qual um homenzarrão de bar e cuspidor para o lado. – E aí, tá bom assim?

– Não vai querer tomar mais? Aproveita que o Johnnie Walker está liberado para você.

– É muita generosidade sua! – Agradeceu Margarete, recusando com seu sorriso pérfido.

– Não vai querer mesmo? – Ele encheu mais um copo. De repente, era como se Carlos tivesse esperança de que ela seria sua parceira de pileque; ao menos foi essa a impressão que Margarete teve. Quanto tempo aguentaria em pé se continuasse brincando com uísque desse jeito? Mais cinco ou dez minutos até cair de quatro? Margarete jamais desafiaria qualquer tipo de bebida alcoólica, muito menos as destiladas. Aprendera com a desgraça de uma de suas amigas a não bancar a valentona. Camila, em seu baile de debutante, flutuava pelo salão movida a vodca, traçando os pés uns nos outros e soltando flatos terríveis. Antes mesmo que a primeira valsa fosse anunciada, ela perdeu o controle do próprio esfíncter e terminou a noite com seu vestido de princesa borrado. Foi um vexame total. Se não bastasse ter ficado bêbada de um segundo para o outro (sem pelo menos ter aproveitado algo da ebriedade), Camila tombou no meio do salão, eliminando todas suas asquerosidades intestinais antes de conseguir

chegar ao banheiro. Camila ficou como um bom exemplo a ser lembrado por todas as garotas de sua turma (um exemplo ruim é claro). Um exemplo a não ser seguido jamais. Margarete lembrou como Camila foi excluída do grupo sem prévio aviso, tornando-se o motivo de toda e qualquer piada suja que contavam. Tanto Margarete quanto suas amigas, de tanto comentar e rir pelas costas da infeliz, automaticamente deixaram de inseri-la nas festas e atividades do grupo. Era como se Camila (com exceção do episódio onde evacuou no vestido e foi a notícia do mês), nunca houvesse existido.

Olhou para o copo de uísque na mão de Carlos e negou a oferta, uma vez mais, gentilmente:

– Vou deixar para depois, mas obrigada por insistir!

Para afugentar a impressão de ter tido seu uísque rejeitado, ele mesmo emborcou a dose tripla de uma só vez.

– Para com isso, Carlos. – Aconselhou Edir, começando a achar a bebedeira do amigo, inconveniente. Oferecia para Margarete Johnnie Walker como se pudesse equiparar-se a classe dela com o uísque roubado do armário dos pais, uma bebida que eles só tomavam em datas nobres. Carlos era tão bobo que tentava impressionar Margarete com bebida de botequim. Será que ele não suspeitava que o bar na sala de Margarete fosse repleto de bebidas exóticas, finas, apuradas, importadas com exclusividade, e não retiradas da prateleira de um supermercado? Carlos era um de seus melhores amigos, mas se ele o envergonhasse na frente de Margarete, seria a primeira e última vez que estariam todos juntos.

– Vem aqui, Edir! Se você quer um pouco desse uísque, está liberado! Você sabia que o Edir é o meu melhor amigo, Margarete? Eu amo esse cara, faço qualquer coisa por ele! – Disse isso e se escorou no amigo para abraçá-lo.

Margarete lembrou uma vez mais de Camila. Ela também amou todos seus amigos antes de evacuar no vestido e ser completamente excluída de seu próprio grupo. Ao contrário de um exemplo isolado como o de Margarete, Edir já havia percebido que todo bêbado é amoroso antes de começar a chorar.

– Melhor você beber um refrigerante, agora. – Edir sugeriu, tentando não parecer terrificado com a possibilidade de um escândalo. Se Edir soubesse que uma amiga de Margarete borrara o vestido porque exagerou na vodca, teria ficado mais tranquilo, mas ele não sabia.

– Tá me estranhando, Edir? Refrigerante é pra boiola! Coisa pra viado! Meu negócio é uísque!

Edir estava prestes a mandar o amigo calar a boca. Se Carlos pronunciasse mais uma vez a palavra “uísque” ou “Johnnie Walker” certamente perderia a paciência.

Como se tivesse percebido que estava sendo inconveniente, ou porque (mais provavelmente) não estava conseguindo a atenção que precisava e merecia com aquele casal, Carlos abraçou seu uísque e se afastou, dispensando o copo e bebendo diretamente da garrafa. Edir pediu que Margarete o esperasse um instante e foi atrás do amigo tentar arrancar a garrafa da mão dele.

**Edir voltou com o filhote** de labrador no colo e o entregou, carinhosamente, à Margarete.

– Preparada para ser mãe?

A pergunta soou com duplo sentido e encheu-a de ideias levianas, que até então, jamais havia experimentado. Por um instante não teve certeza sobre o que ele quis dizer. Ao vê-lo estender o cãozinho, compreendeu.

– Ele é todo seu!

– Verdade? Posso levá-lo? – Perguntou ainda atônita, excitada pelas palavras inocentes que ouviu.

Ele concordou balançando a cabeça e Margarete o beijou suavemente nos lábios. Tivera cachorros na infância e sempre fora louca por eles, mas depois da morte do último, nunca mais teve algum. Seria maravilhoso ter novamente um bichinho para cuidar.

– Mas só daqui algumas semanas, pois eles precisam mamar ainda. Mas e aí, já sabe o nome

dele?

– Hummmm... Preciso pensar um pouco. – Ela colocou o cachorrinho de baixo para cima, de cima para baixo, olhou as orelhas, a barriga e as patinhas. De repente, como se tivesse encontrado o nome adequado através de sua investigação, gritou: – É, já sei! Vou chamá-lo de Johnnie Walker!

Dessa vez foi Edir quem sorriu falsamente omitindo o que pensou. Perguntou-se se ela havia percebido que Carlos tentou impressioná-la com o uísque dos pais. Meu Deus! Que vergonha! Poderia matar Carlos por embaraçá-lo dessa maneira. Margarete sabia de tudo. Deveria estar rindo por dentro, pensando que estava louca por ter aceitado semelhante convite e ainda mais louca por se misturar com a pobretada.

Tentou evitar esses pensamentos, pois eles seriam capazes de alterar seu bom humor. Estava tudo caminhando tão bem... O dinheiro já estava depositado no banco. Ainda tinha dólares escondidos em casa (que os trocava conforme planejado inicialmente, em parcelas pequenas para não levantar suspeitas). Talvez tanta cautela fosse absolutamente desnecessária, pois não tinha roubado nada. O Dr. Brandão enviou dez mil reais pelo chofer com a finalidade de abater os danos causados pela demissão abrupta e indevida que sofreram. Já tinha descontado o cheque e escondido os dez mil no banco, junto com sua pomposa parcela de dólares convertida em reais. Estava rico. Momentaneamente abastado. Margarete era a única (además dele) que sabia da existência dos dólares. O Dr. Brandão e seu chofer (además dele) eram os únicos que sabiam da existência dos reais. Enquanto pudesse manter esse dinheiro em seu poder sem ninguém mais ficar sabendo, aproveitaria cada segundo, imaginando centavo por centavo ganhar vida. Jamais pensou que pudesse gostar de dinheiro dessa maneira viril. Estava apaixonado por Garoupas e Benjamins, tão apaixonado que teve a coragem de dispensar Penélope, a mulher com quem achou que casaria. Estar ao lado da garota Brandão não era tão ruim quanto pensou. Aparentemente, apesar de Margarete não ter nada que lhe chamasse a atenção, ela chamava a atenção de qualquer pessoa ao redor. Chamava a atenção de todos, menos a dele. Onde estava era observada, cortejada, assediada. Na frente de Margarete seus amigos engrossavam a voz e se comportavam melhor. Fingiam serem civilizados, mostravam uma educação que nunca era usada. Edir não contou a ninguém que chegaria com a filha do Dr. Brandão, mas a classe de Margarete era inegável. Ela podia arrotar como um hipopótamo, tomar cerveja no gargalo, dançar em cima de uma mesa de bar que ainda assim ninguém a chamaria de vulgar. Margarete tinha postura (ainda que só fizesse tolices), uma boca bem desenhada (apesar de ter constantemente o batom borrado) e uma pintinha marrom embaixo dela. Quanto mais percebia que olhavam para Margarete em virtude de sua graça (ou de sua esquisitice), mas a incógnita se apresentava. Para ele, Margarete era uma garota comum: nariz comum, boca comum, orelhas comuns... Nada em seu rosto era grande ou pequeno (uma característica que pode tornar as pessoas feias ou bonitas, exóticas ou estranhas, mas nunca triviais). Órgãos grandes ou pequenos são aspectos que facilitam uma caricatura. Uma pessoa sem atributos exagerados quando desenhada, parece qualquer coisa menos ela mesma, ou menos ainda uma caricatura, pois é indeseñável. Caricaturas servem para extrapolar aquilo que as pessoas já têm exagerado. Não dá para imaginar Stallone sem boca torta, Elvis sem topete ou costeleta, Tim Maia sem papada, ou Michael Jackson sem suas roupas apertadas de Alien. Margarete seria uma péssima modelo; mataria o artista de desgosto com seus órgãos tamanhos comuns. O único atributo grande que se destacava nela, además de sua altura e seus pés de lancha, era a buzanfa. Mas Edir caminhava com Margarete de frente, se pudesse fazê-la caminhar de costas, talvez também ficasse abobalhado como outras pessoas ficavam quando a viam; mas lamentavelmente, não podia colocar a bunda de Margarete no lugar de seu rosto.

**Ainda não havia contado aos pais** sobre a existência do dinheiro e sua origem. O carro estava à venda, mas sem comprador. Levariam o furgão para uma concessionária se não conseguissem vendê-lo particular nos próximos dias. Seu pai pediu dinheiro emprestado de um tio: trezentos reais para pagar

água, luz e comprar o básico no supermercado. Esperava vender o furgão antes de precisar recorrer a um empréstimo no banco. Já não tinham dinheiro sequer para tirar o carro da garagem. O tanque estava vazio. Já não sabiam mais onde procurar trabalho. Se tudo isso não houvesse ocorrido de forma tão abrupta e inesperada, talvez eles tivessem conseguido se preparar melhor, ou ao menos se preparar de algum jeito... Agora buscavam trabalho como quem tem uma faca no pescoço, preocupados, inseguros. Se a situação continuasse desse jeito, em breve precisariam oferecer o serviço em troca de um prato de comida. Os últimos dias foram os piores de todos, embora seu pai tivesse conseguido um jardinzinho no final da cidade para cuidar. Por enquanto, era o que tinham: um único jardim, uma vez por mês, que cuidariam em uma hora de trabalho. Para estar com Margarete no final das aulas, Edir precisava mentir ao pai dizendo que procurava serviço em outras regiões. Edir já não possuía aquela veia de preocupação no meio da testa por medo de não encontrar serviço, pois tinha um dinheirão guardado. Ficava com pena dos pais, mas também com pena de se desfazer de seu dinheiro. Dedicava o tempo pensando onde investir aquela poupança de forma que sua família nunca mais precisasse atrasar e acumular contas ou apelar para empréstimos. Seu pai já havia pedido dinheiro emprestado, o carro foi colocado à venda e a comida estava racionada, mas mesmo assim, Edir não abriu a boca acerca do dinheiro recebido pelos Brandão.

Edir aproveitava os dias que fingia buscar trabalho para comer em restaurantes. Foi à primeira vez dizendo a si mesmo que seria uma exceção, que não voltaria a se dar tal luxo, mas quando chegou a casa e percebeu que jantariam arroz e sardinha uma vez mais, decidiu voltar no dia seguinte ao restaurante. Se não podia jantar decentemente em casa, ao menos poderia garantir o almoço fora. Assim aconteceu no outro dia, no outro, e no outro... Fazia quase duas semanas que o restaurante conheceu seu cliente mais fiel: um jovem com o maior apetite que já viram (talvez por isso ofereceram-lhe a sobremesa de graça nas últimas vezes que esteve lá).

Com um aperto no coração, Edir resolveu desprender-se de cinquenta reais para dar ao pai (o mal estar que sentiu foi mais por ter que liberar o dinheiro do que pela situação humilhante do pai.). Dissera aos pais que conseguira o dinheiro fazendo um bico. Cogitou a possibilidade de dar ao pai mais cinquenta no dia seguinte, mas resolveu esperar um pouco para não acostumá-lo mal. Seu pai ficou tão feliz ao ver o cinquentão que mais parecia ter ganhado na loteria. Edir ficou com pena ao ver tamanho entusiasmo e gratidão; quis contar sobre a existência do dinheiro no banco e sobre os dólares escondidos no quarto, mas receou que seu pai quisesse se apossar de parte, ou muito pior, do dinheiro todo, ou ainda mais catastrófico: devolvê-lo ao Dr. Brandão em nome de seu orgulho besta.

Edir juntaria uma quantidade ainda maior na poupança. Sua intenção era tirar tudo que conseguisse de Margarete, e quando dizia “tudo” era tudo mesmo, com todas as letras e intensidade do advérbio. Não percebera que teve essas mesmas intenções com Penélope, sua ex-namorada, apesar de ela não ser rica como Margarete.

Penélope era três anos mais velha que ele. Quando a conheceu, interessou-se somente por seu corpo, depois pelo sexo. E que sexo! Penélope herdou o espólio do falecido pai, assim como uma pensão vitalícia. Receberia o dinheiro do velho para o resto da vida, contanto que não casasse jamais. Por saber que ela não perderia o bico fantástico dessa teta pública cometendo a burrada de se casar, Edir se sentia muito confortável com a situação, afinal, jamais faziam planos acerca de construir uma família ou outras babaquices do gênero. Quando saíam, Penélope pagava a entrada nos clubes, bancava coquetéis, jantares e o presenteava com camisetas de marca e perfumes importados. Precisava esconder dos pais os perfumes que ganhava ou do contrário eles o reprovavam com todas as letras, fazendo-o rejeitar e devolver os presentes que ganhava. Quanto às camisetas, Edir fingia serem falsificadas. No começo achou constrangedor receber presentes de uma mulher sem poder retribuí-los, mas com o passar do tempo e com a consciência de que Penélope não fazia absolutamente nada para merecer esse dinheiro do falecido pai militar, entendeu que não era errado beneficiar-se um pouco dele também, afinal essa pensão

vinha de dinheiro público, e sendo “público” era de todos. O benefício previdenciário que Penélope recebia era dinheiro mal administrado do Estado e suas leis idiotas, uma pensão que ajudava uma jovem a preencher suas noitadas nos bares mais caros da cidade, brindando-a com marcas de roupa e grifes, com vodcas importadas e amigos que ganham carros ao completar dezesseis anos. Dezesseis anos! Edir pensava que no ritmo que seguiam as coisas precisaria de dezesseis vidas para ter um carro. Enquanto fedelhos ganhavam veículos simplesmente por aniversariarem uma data estúpida, ele precisava ralar de sol a sol, escondendo seu espanto e inveja quando um desses cretinos aparecia buzinando na frente da casa de Penélope com um carro novinho em folha. Dezesseis anos! Sequer tinham a relva de pelos públicos completa e já estavam motorizados. Que mundo animal!

Penélope tinha dinheiro, mas nenhuma perspectiva. Se ela receberia para sempre uma pensão (com tanto que não cassasse), para que teria sonhos, estabeleceria metas ou construiria uma carreira? Para que estudaria um curso na Universidade ou faria uma poupança se seu futuro já estava garantido pelo Estado? Por que raios perderia tempo com trabalho e estudo (atividades desgastantes) se poderia desfrutá-lo em festas, acordando na hora em que bem entendesse, viver uma vida sem chefes, obrigações, horários para chegar e sair... Ah, não! Penélope não era boba, e das poucas coisas que sabia da vida era como vivê-la eloquentemente.

De forma espontânea, Edir acreditava que parte daquele dinheiro também era dele, pois se não tinha um pai para deixar-lhe nada quando morresse, ao menos Penélope e o falecido pai dela apareceram em sua vida para proporciona-lhe algum agrado, ainda que fosse em noitadas, camisetas e perfumes, ou na segurança que teria se ficasse com ela. Literalmente, poderiam viver de amor! No entanto Margarete apareceu em sua vida para perturbar seus planos. Suas perspectivas e metas já estavam bem definidas ao lado de Penélope. Pepe incendiava qualquer chão onde pisava e recebia um depósito pontual no banco todos os meses. Com Penélope jamais ficaria rico, no entanto poderia usufruir de uma vida estável, sem precisar cortar grama. Tal qual Margarete, Penélope também gostava de rapazes esforçados e trabalhadores (bem dizem que os opostos se atraem). Vai ver é isso! Ambas jamais trabalharam, nem dentro e nem fora de casa, conseguindo dinheiro com o suor do próprio serviço. Tudo que receberam da vida veio de graça. Alimentadas, vestidas, bajuladas. Marca, moda, etiquetas. Produtos refinados, importados, estilizados. Representou bem seu papel de moço orgulhoso. Atingiu Margarete, indiretamente, sem perceber. Mas diferente do que sentia por Pepe, tudo que tinha para Margarete era repulsa. Isso continuava valendo, mas nenhuma repulsa no mundo era inquebrantável frente ao peso de tantos dólares. Poderia ter matado Margarete com as próprias mãos quando ela fez (a ele e ao seu pai) serem demitidos de forma humilhante. Margarete se achava muito inteligente, e de fato para burra não servia, mas o que a espertona não desconfiava era que seu escolhido borrarheiro, o filho do jardineiro, era mais esperto e lhe daria um golpe tão certo que ela jamais voltaria a abusar de outras pessoas.

**Margarete largou o filhote** em uma caixinha e aproximou-se de Edir. Chegou com um olhar sedutor antes de beijá-lo nos lábios. Edir sentiu medo: “O que a destrambelhada está fazendo?”. Talvez o filhote de vira-latas tivesse poderes afrodisíacos, pois tudo nela parecia safado nesse momento.

– Margarete, o que foi?

– Como assim “o que foi”? Estou seduzindo meu namorado!

– Mas não é um pouco cedo para isso? – Perguntou, fingindo não ter ficado apavorado quando ela passou a língua, lentamente, por cima dos lábios dele.

– Edir, vamos para o quarto!

– Não! – Ele quase gritou. – Você enlouqueceu? E se alguém nos ver?

– Não seja bobo! Qual é o problema? Não são todos seus amigos aqui?

– Não posso fazer isso.

– Você não me quer? Não gosta de mim?

– Margarete, não confunda as coisas! Achei que você fosse uma menina de família, uma garota decente!

– Não acredito que só porque estou sugerindo dormir com meu namorado, não seja uma garota decente. Escuta aqui, você não vai me convencer com esse papinho furado de “moça de família”! Eu passo no rabo essa conversinha carola!

– Tá vendo como você se descontrola fácil? Só falta arrotar agora. – Ironizou, encurralado, apelando para o bom senso dela. – Que termos são esses? Já conheço seu destemperamento, mas nunca a ouvi falar assim.

– Desculpe, você tem razão... – Ela fez uma carinha inocente – Não deveria pedir que você me coma. Quer que eu implore?

– MARGARETE!

– O que foi? Não quer me comer? Acha que ainda é muito cedo para fornicarmos?

– Eu vou levá-la para casa. Vamos!

– Não! Pensei muito nos últimos meses. Vim decidida a perder a virgindade hoje. Você não percebeu, não é? Hoje eu perco o cabaço de qualquer jeito, com ou sem você.

Uma gotinha de suor correu pelas têmporas de Edir. Ora, essa garota maluca! De onde veio essas ideias, assim tão de repente? Oh, Deus, todo poderoso, teria mesmo que ter relações com ela? Como conseguiria?

– Ok, nós vamos transar, mas por que você está falando assim? Achei que nossa primeira relação seria uma noite romântica, cheia de palavras carinhosas...

– E eu achei que umas palavras sujas excitariam nossa primeira vez. Eu fico excitada só em pronunciá-las, não sei como você não sentiu nada...

– Você me pegou desprevenido.

– Quer que eu pare? Não quer mais que eu peça para você me comer? Quer fazer amor, então?

– MARGARETE! Fale baixo, se alguém escuta isso... Você bebeu? Usou drogas? Foi aquele maldito uísque, não foi? – Ele quis se assegurar que ela não estava biruta.

– O amor é uma droga!

– É, estou vendo... – Concordou, abobalhado pela falta de compostura de sua namorada milionária.

Edir mudou de ideia. Segundos antes se sentiu coagido com esse “pedido”. Esses modos eram completamente degradantes, até mesmo para ele, um pobretão da zona sul que supostamente deveria estar acostumado a paixões levianas, passageiras e brutais. Ok, na verdade não eram as palavras de Margarete que o afugentavam, mas ela própria. Se não sentia sequer comichão por ela, como poderia *comê-la*? Talvez Margarete tivesse dado indícios que estava preparada para o próximo passo, e por não ter percebido seus intentos antes, ela agiu assim, dessa forma tão animal e afoita, pegando-o desprevenido. Edir acreditava que poderia namorá-la com o mínimo de contato físico, mas certamente ela não pensou da mesma forma, e sua “noite de núpcias” fora planejada de antemão, selvagemmente. Se não fizesse o que ela exigia seria capaz da maluca terminar a relação. E agora? Margarete cutucou muito a fundo sua virilidade para fingir que nada aconteceu. Ela permanecia ali com aquela boca borrada a sua frente, aguardando uma resposta que os levaria a trocarem fluidos corporais ou não. Quem diria que as palavras “hoje eu perco o cabaço” sairiam da boca de um Brandão? Depois acham que são os pobres que têm boca suja, falta de educação...

Ainda assustado demais para tomar uma decisão, declarou:

– Olha aqui, você é muito mimada! Nunca pensei que escutaria essas aberrações da sua boca, mas vamos lá, se você quer uma trepada, vou satisfazer sua vontade!

A palavra “trepada” vinda dos lábios de Edir fizeram as pernas de Margarete tremerem. A culpa foi dos livros de Cassandra Rios; a mulher era uma pervertida que conseguia desencaminhar seus leitores

mesmo depois de morta. Em contrapartida, Edir, com toda sua sensualidade rebelde e latina, revelava-se um palermão. Um borra-botas! Sendo ela uma menina zero quilômetro, ele deveria se sentir orgulhoso, no mínimo eufórico, por receber um tipo de oferecimento como esse. Porém, com o entusiasmo amarelo que viu sair dele, Margarete perdeu o estímulo quente de segundos anteriores, aquela vontade de dar e ser possuída por um Poltergeist chamado Edir, o demônio da Silva que a fazia gritar, carpir e transpirar de maneira sobrenatural. Como vivera esses momentos em sonhos! Como pudera Edir, chegado o momento, elevar o vagabundo à categoria de cavalheiro e rebaixar a dama à categoria de leviana? Era descortês da parte dele ser tão gentleman. Que insulto! Nenhuma garota quer esse comportamento *antitroglodita*. Essa reação assexuada por parte de Edir fez o desejo de Margarete titubear. Sexo não estava na cabeça dele! Que cabeça mais vazia! Qual cabeça nessa idade não pensa em órgãos genitais um dentro do outro? Qual cabeça na flor da idade não induz o corpo a se masturbar? Como Edir poderia namorar alguém sem pensar em transar? Margarete acreditava que o sexo está no manual de obrigações dos casais. Sequer havia beijado antes na vida, aguardando o momento especial, para terminar nisso? Em uma desfeita? Em um susto? Em uma bronca moral como se agisse feito uma garota indecente, como se por causa do sobrenome *Brandão* que carregava consigo, fosse proibida de falar em *cabaço*. O que deveria ter dito, então? Hímen? “Quero que você deflore meu hímen”? Pode haver coisa mais broxante do que uma palavra técnica? Do que o científico bem empregado no momento errado? “Cabaço” é uma palavra rotulada como suja, devassa, tão imatura quanto à própria virgindade em si. “Cabaço” é tão vulgar que chega a ser poema, uma composição de Vinicius de Moraes em homenagem à garota que desfilava com graça pela praia de Ipanema. Não era o balançado dela a coisa mais linda, mas sim, o cabaço prometedor que deixava o mundo inteiro mais cheio de graça, o “oculto” na ideia e imaginação dos poetas à beira do mar.

Preparara-se tanto para essa noite, para essas palavras. Teve a impressão que tudo que pensava e fazia era o antônimo do que Edir esperava, mas ao contrário de manter seu desgosto por ter o coito negado, Edir só pareceu ainda mais irresistível, uma maçã do amor em tempos de fome e peste.

– Vem, vamos cantar, casal de pombinhos! – Gritou um dos amigos de Edir.

– Vamos onde? – Margarete fez uma careta. Adorava cantar, mas no exato momento o verbo que gostaria de conjugar era outro.

– No Karaokê. Eu não disse que iríamos para lá hoje? Aqui foi só o esquentar. – Explicou Edir, aliviado por ter uma desculpa boa o bastante para sair da situação embaraçosa em que se encontravam. – Não quero brigar, linda! Tudo que eu mais quero é passar uma noite inteira com você. – Ruborizou no mesmo instante por mentir.

– Sério? Você não pareceu tão empolgado...

– Juro!

– Então vou pensar no seu caso; aliás, vou esperar uns dois anos até deixar você passar a mão na minha bunda.

– Onde você aprendeu a falar assim?

– Na cadeia.

Edir, derrotado, deixou escapar um sorriso.

– Acho que na cadeia eles falam pior. Você é fichinha perto de detento.

– Viu? E por que você está reclamando de mim, então?

– Espertinha...

Ele a pegou pela mão e saíram atrás dos outros que já esperavam na frente da casa.

**O bar começava a encher.** Deram a sorte de conseguir uma mesa antes de a casa lotar. Pediram cerveja, batata frita e o livro de músicas. Carlos, uma dose de uísque. Carlinha, uma nanica espinhenta que se insinuava discretamente para Edir sentada junto a eles, irritava Margarete profundamente.

Margarete queria estalar um beijaço de língua em seu namorado, mas perspicaz como era, pensou por um segundo e barrou o impulso, temendo que ele pudesse gritar ou sair correndo. Ser beijado dessa maneira na frente de outras pessoas para Edir poderia soar como agressão, indecência, falta de modos. Estava difícil marcar território com um namorado tão arisco. “Bicho do mato” pensou com raiva, torcendo o nariz para o lado.

A nanica foi a primeira do grupo a cantar. O pessoal, feliz, aplaudiu e cantou junto quando ela desafinou em Splish Splash e esqueceu parte da letra. Margarete revirou os olhos para cima. Como alguém esquecia a letra da música mais surrada que existe em Karaokês? Admitiu que a menina era corajosa, pois se não bastasse ter escolhido uma música da qual não sabia a letra, não seguia o ritmo e não conseguia acompanhá-la no monitor, desafinava feito um bebê de dois meses cada vez que repetia o refrão. Carlos aplaudiu eloquentemente quando Carlinha retornou a mesa. Enquanto a nanica continuava se insinuando para Edir, Carlos começava a se insinuar para a nanica. Os demais do grupo levantaram-se para dançar e acompanhar a próxima música.

– E você, Margarete? Não vai cantar nada? – Perguntou Carlinha, aproximando-se do casal, enquanto ao mesmo tempo permitia que seus seios, apoiados em cima da mesa, roçassem os braços de Edir. Sua voz estrangulada arranhou os tímpanos de Margarete, que começava a odiá-la com todas suas forças. – Ou vai dizer que tem “vergoiinha”? – Provocou-a.

– E você, Carlinha, gosta de cantar? – Perguntou Marga, cinicamente.

– Claro!

– Então, por que não aprende? – Antes de receber uma resposta, Margarete soltou uma gargalhada.

Carlinha sorriu amarelo, fingindo ter senso esportivo.

– Foi uma música difícil...

– Splish Splash não é difícil! Ela é apenas usada e enjoada, assim como sua voz.

Edir a beliscou de leve, censurando-a com um olhar atravessado.

– Oh, querida, desculpe! Não quis ser indelicada! – Disse isso e pegou na mão da garota, agora, corada feito um tomate. – Às vezes eu falo demais, sabe? Mas veja por outro lado, sua voz é enjoada, mas você é linda!

– Você acha? – Carlinha tentou confirmar a veracidade do elogio.

– Claro que sim! Daria tudo para ter sua altura, por exemplo.

Notando a ironia escancarada de Margarete, Edir interferiu:

– Margarete, já que você está tirando sarro, por que não canta uma música e mostra como se faz?

A provocação fez o estômago de Margarete embrulhar. Que tipo de namorado era esse? Primeiro ele se negava a ir para cama com ela, depois se ofendia por escutar umas palavrinhas picantes, e agora, tomava a defesa de outra garota. Precisava se controlar para não cometer um desatino como a da última vez, quando depois de ter arrotado no nariz de Edir por ter sido contrariada, inventou uma trama novelesca aos pais para encrencá-lo.

– Você quer que eu cante?

– Quero! – Respondeu determinado.

Margarete engoliu a raiva ao ver a expressão nos olhos da garota nanica, que deu uma risada vitoriosa, dando um tapinha no dorso de sua mão:

– Essa eu quero ver de camarote! Vou até pedir uma bebida!

Margarete pensou em indicar uma esteticista para a garota, quem sabe uma profissional daria um jeito naquela mina de cravos pretos ao redor de seu nariz, mas não disse nada e apenas forçou um sorriso artificial. Orgulhosa demais para mostrar que estava ultrajada, começou a folhear o livro de músicas com um dos punhos fechados, indecisa entre virar a próxima página do álbum ou socar a fuça da nanica intrusa. Era a primeira vez que experimentava o fel amargo do ciúme.



Entregou o papelzinho da música escolhida ao garçom, fingindo indiferença.

– E aí, Marga! Você vai cantar? – Perguntaram com animação os amigos de Edir que acabavam de sentar à mesa. – O que você escolheu?

– Ela vai cantar “Atirei o pau no gato” – Interrompeu Carlinha, antes que Margarete tivesse chance de responder.

– O que você escolheu? – Perguntou Edir ao pé do ouvido de Margarete, como se apenas ele pudesse saber.

– Canta “Garçom”! – Gritou Carlos, com a língua travada.

– Eu vou cantar: “Girls just want to have fun”! – Ela anunciou, fazendo todos se calarem.

– Você vai cantar o que?

– “Girls just want to have fun” – Repetiu. – Da Cyndi Lauper.

Carlos gritou exaltado, batendo com os punhos em cima da mesa. Pondo-se em pé novamente, levantou guarda, propenso a esperar o show, enquanto Edir e Carlinha fizeram de conta saber qual era a música, sem qualquer noção do que “Girls just want to have fun” significava. Edir se sentiu humilhado; era só o que faltava Margarete cantar inglês! Ninguém ali cantava em outro idioma que não fosse português! Quem essa mimada pensava que era? Exibida de uma figa!

– Poxa, você fala inglês? – Quis saber uma das amigas mais próximas de Carlos, qual Margarete ignorava completamente o nome.

– Espanhol, inglês, francês e italiano. – Confirmou. – Tenho aulas de idiomas desde criança.

– Nossa, fala sério! Você deve ser um crânio!

– Acho que ao contrário... Tantos anos de estudo me deixaram com o miolo meio mole. Minha mãe diz que eu sou tantã!

A garota caiu na gargalhada.

– Ah, não seja modesta! Eu mal sei falar português, quem me dera outro idioma.

Edir levantou, fingindo que iria ao banheiro quando chamaram o nome de sua namorada para cantar. Não daria o gosto de vê-la cantando em inglês. Quando ela perguntasse se ele havia gostado, diria que na saída do banheiro encontrou um amigo e por isso acabou não prestando atenção, pois ficou conversando com ele. A exibida não teria chance de se aparecer, ao menos não para ele. Brilhante! Ignorar o inglês de Margarete era uma forma de não participar dessa bajulação e do sucesso, caso ela tivesse algum cantando, pois uma coisa era saber inglês e outra bem diferente, saber cantar. Porém, a julgar a noite em que ela dançou pagode em cima da mesa, deveria ficar para ver o fiasco e rir da cara dela.

Margarete subiu no palco e pegou no microfone. Ao contrário de olhar para a tela e acompanhar a música, virou de costas ao monitor, encarando sua plateia. Não precisava de legendas. Respirou fundo antes de soltar a voz e então cantou. Começou um pouco tímida, mas seu brado saiu com emoção. Seu inglês era perfeito. Sua voz, profunda, equilibrada, forte. Poderosa demais para alguém tão jovem. O público se levantou e começou a aplaudi-la com apenas dez segundos após ter começado a cantar. O dono do Karaokê, por trás da barra do bar, largou os copos que segurava no balcão, boquiaberto. Confiante de ter agradado as pessoas, Margarete deu uma reboladinha profissional e tocou sua guitarra imaginária, abalando todos com seu vozerão aloucado pela música cintilante de Cyndi. Edir parou no meio do caminho entre a mesa e o banheiro, sem conseguir dar um passo mais. Deteve-se, virando-se de encontro à canção que conhecia há anos, atônito. Olhava para Margarete e aplaudia, mexendo os lábios como se conhecesse a letra e pudesse acompanhar a canção, vibrando.

– É a minha namorada! É a minha namorada, cara! – Gritou para os desconhecidos ao seu lado que assoviavam para ela.

Margarete não olhou para a tela em nenhum momento. Conhecia a música à perfeição. Edir quis saber o que dizia, o que significavam aquelas palavras que saíam de sua boca. Acenou para Margarete de

onde estava. Queria chamar atenção e fazer com que ela cantasse apenas para ele, olhando diretamente em seus olhos. Para Edir, o público desapareceu. Não havia ninguém mais, apenas os dois e uma paixão imediata e avassaladora que se apoderou dele nesse instante. Aquela gata cantando em inglês no palco queria dar para ele!

– Tá vendo essa gostosa, cantando? – Perguntou no meio de uma roda de marmanjos que babava por ela. – Eu vou me casar com ela!

Margarete não esperava tamanho alvoroço e aceitação. Céus! Era apenas uma música! Cantara milhares de vezes no Karaokê do clube com meninas muito melhores que ela. Jamais recebera uma ovação assim. Sequer sabia que era boa cantando, quer dizer, não dessa forma, ao ponto de arrancar urras, aplausos e assovios. Como adorava essa plateia, essa humildade que deixava a admiração transparecer nitidamente, sem abafos, cerimônias ou faz de contas.

Sua família sempre desencorajou o entusiasmo com o desconhecido e inusitado, em exaltar exageradamente a beleza ou o talento de alguém. Bater palmas podia; ovacionar nunca. Elogiar podia; exaltar jamais. Tudo tinha que ser comedido em nome da elegância e bons modos. Qualquer excesso, mesmo que simpático e leal não era bem-vindo. Sua mãe cansou de dizer: “Não seja matuta!” “Não encare as pessoas” “Não olhe mais que dois segundos para alguém” “Por mais atraente que isso seja, mostre um interesse comedido”. Para Margarete a *etiqueta* tornava as pessoas superficiais e o mundo muito menos interessante. Quantos protocolos precisou seguir para aprender a não ser ela mesma? Infinitos! Sua mãe dizia que era em nome da educação, mas para Marga, era em prol de perder a autenticidade. Aprendeu a se conter e disfarçar a euforia em nome do faz de conta “faz de conta que já sei e que já vi” “Faz de conta que não gosto muito” “Faz de conta que não quero ouvir mais sobre isso” “Faz de conta que não quero repetir a sobremesa...”.

Quando ouviu Edir gritar: “É minha namorada!”, ela cantou ainda melhor. Embora sempre tivesse sido paparicada pelos pais, acostumada com o bom e o melhor, desconhecia o poder de um elogio. Os elogios dos pais eram moderados, pois sendo filha caçula, sempre temeram estragá-la com o excesso do paparico. Tampouco queriam que seus irmãos sentissem ciúmes dela e dos mimos que recebia. Suas amigas a elogiavam, e muito! Mas esses elogios nunca eram diretamente a ela, mas ao seu gosto, à cor de sua saia, às músicas que ouvia ou o relógio que usava. Cantara no clube tantas vezes, mas nunca, nem ela ou outra de suas amigas foram aplaudidas dessa forma. Talvez, fosse o medo desses pais que, percebendo o talento de suas filhas na voz, desencorajavam um futuro artístico para elas, em carreira solo, tocando instrumentos, ou que Deus os livrasse de formarem algum “Girl group” tipo Spice Girls. Se Margarete soubesse que um dia seria ovacionada desse jeito, teria investido mais em suas aulas de canto quando era menina.

Nem tinha deixado o palco ainda, quando Edir a pegou nos braços e a levou no colo até à mesa.

– Eu poderia te comer a beijos agora mesmo, sabia?

Margarete nem teve tempo de responder, pois foi surpreendida com um brilho que jamais viu nos olhos de Edir, seguido de um beijo molhado que a fez levitar. Os amigos aplaudiram, os desconhecidos assoviaram, e por um instante Margarete não pode se concentrar no beijo, pois ficou embaraçada e perdida na cena que protagonizou.

– Edir! O que você está fazendo? Quer me matar de vergonha?

Ele riu.

– Não sabia que você sentia esse tipo de coisa.

O dono do bar, um japonês com cara de Mangá, aproximou-se com uma Margarita na mão.

– Você está oficialmente contratada para cantar aqui! – Disse e entregou a bebida para Margarete.

– Ué, achei que fosse um Karaokê.

– Precisamos de alguém para animar a casa, incentivar as pessoas a cantarem.

Edir interferiu:

– Mas ela só vai acovardar as pessoas se cantar. Com essa voz, ninguém mais terá coragem de subir no palco depois dela.

– Ainda sou menor de idade, – declarou Margarete – não posso aceitar, mas obrigada pela Margarita.

– Se mudar de ideia, já sabe o que fazer! – Disse o Mangá japonês, e completou: – Menina, você tem um dom, não desperdice isso!

Para não participar dessa bajulação que embrulhou o estômago de Carlinha, ela tascou um beijo na boca de Carlos. A inveja que Carlinha sentiu foi tanta que quase regurgitou na boca de seu parceiro. Justamente quando Edir começava a dar bola para ela, que azar! Por que desafiara a bunduda a cantar? Margarete com sua voz de abelha chamou a atenção não somente de Edir, mas do bar inteiro, inclusive de Carlos que despertou da bebedeira como se não tivesse tomado um gole de uísque.

Pediram um repeteco, mas Margarete por medo de desapontar negou-se a subir novamente no palco. Alegou estar cansada, embora por dentro, morria de vontade de cantar mais uma. Ela queria mesmo era destruir aquele lugar com sua voz.

# Escandalosa

# Um

Sabendo que deveria aproveitar o momento de paixão que sentia por Margarete para atender ao pedido dela, Edir avisou que iria embora.

– E agora? Para onde vamos? – Ela perguntou.

Fora do palco, entretanto, ela já não parecia tão atraente. A paixão fulminante que sentira minutos antes começava a esfriar. Pelo visto, a voz de Margarete tinha duas facetas.

Escutaram trovões e sentiram as primeiras gotas da chuva fininha cair no rosto.

– Edir, tive uma ideia maluca! – Exclamou com o entusiasmo de quem está prestes a fazer uma travessura: – E se fossemos para minha casa? Podemos entrar pela porta dos fundos. Você me espera na cozinha enquanto eu subo as escadas e verifico se a barra está limpa. Meus pais estarão no quinto sono quando chegarmos.

A proposta pegou Edir desprevenido. Pensar na hipótese de dormir com Margarete na cama dela, na casa dos Brandão, causou-lhe medo, mas ao mesmo tempo um impulso irresistível. O filho do jardineiro, despedido de forma humilhante e injusta, a quem o Dr. Brandão enviara uns trocados para apaziguar a consciência, dormiria na cama da caçula. Não! Não apenas dormiria na cama dela como tiraria sua virgindade. A sorte estava realmente ao seu lado; os deuses conspiravam a favor de sua desforra. Se conscientemente ou não, um dia desejou vingança, o momento havia se apresentado.

Um iceberg derretia em seu estômago frente à oportunidade. Estavam tão excitados que nem se importaram com a chuva que começou a engrossar.

– Você não acha arriscado demais?

– Bem, tem um risco, mas se não tivesse não seria tão gostoso, seria?

– Quero ver você falar isso depois que eu te pegar de jeito! – Ao dizer essas palavras, Edir mordeu os lábios de forma lenta, deixando o inferior molhado de saliva. Subiu o olhar dos quadris aos seios de Margarete, onde permaneceu com a mirada fixa e ardente, devorando-a calado.

Margarete ficou tão perturbada que quase caiu. Céus! De onde ele tirou esse olhar predador? Suas pernas ficaram moles e achou que iria desabafar. Não conseguiu reagir, sequer encontrou uma palavrinha que pudesse expressar. Ficou ali atônita, embasbacada pelo desejo de um olhar, contemplando-o como se estivesse em outra dimensão. Poderia ter ido para os fundos do Karaokê, para o beco sem saída à frente, ou se entregado ali mesmo no meio da rua se Edir tivesse sugerido. Estava difícil controlar o fogo que lhe queimava por dentro, a expectativa de ser colonizada por um homem e ter um objeto estranho dentro dela. A troca de fluidos corporais, a intimidade que os uniria em um só corpo...

– Marga! Estou falando com você! – Edir insistia impaciente, com a porta do táxi aberta. – Vamos logo de uma vez! Vai cair uma tempestade a qualquer momento!

Margarete olhou para Edir, desorientada. Por um instante não esteve ali. Deveria estar com febre, pois delirava. Se ele não se protegesse, poderia atacá-lo e transar com ele dentro do táxi. Precisava se controlar para não assustá-lo; não estava em sua razão, perdera completamente o discernimento. Estava tão apaixonada por esse garoto e com tanta vontade de explorá-lo e ser explorada por ele que poderia gritar, tatuar o nome dele com fogo em sua pele, jogar-se de um penhasco, tomar uma poção venenosa em nome de seu amor. Paixões na adolescência são violentas, ao menos a dela era avassaladora. Se não morresse velha ao lado de Edir, então que morresse imediatamente, pois não viveria sem ele. Meu Deus! Se estava assim antes do coito, o que seria depois? Teve medo de si mesma e de tudo aquilo que poderia sentir após experimentar a maior intimidade da espécie animal.

O taxista arrancou assim que soube o endereço.

– Você quer mesmo? – Sussurrou nos ouvidos dela depois de abraçá-la no banco de trás do veículo. – Você tem certeza? – Perguntou docemente, com a boca colada nos ouvidos de Margarete. Ela

não conseguiu responder, pois a mão de Edir desceu devagar até seu decote.

– Posso? – Voltou a sussurrar nos ouvidos de Marga, fazendo-a subir às alturas. Colocou delicadamente uma mão por debaixo da blusa molhada que ela vestia, e só parou quando encontrou o biquinho de seio bem rígido. Impulsiva, Margarete soltou um gemido de prazer mais alto do que esperava quando Edir espremeu seu mamilo entre os dedos. Tremia e suave enquanto deleitava-se no calor infernal que aquecia o meio das suas pernas. Seu sexo latejava e dilatava. Poderia explodir nesse momento onde seus seios estavam no poder de Edir e a língua dele em sua boca. Secreções! Era tudo o que queria: Secretar, segregar, gozar. Seu corpo inteiro se desencaixava e abria em contorcionismos trêmulos e desamparados. Seu coração golpeava de dentro para fora do peito em movimentos quase visíveis. Podia sentir seu corpo inteiro funcionando; cada vaso sanguíneo, cada órgão, cada trabalho involuntário, cada gotícula de suor antes de ser expelida pela glândula. Seus pelos, seus poros, sua respiração, tudo! Estava viva!

O motorista olhava atentamente pelo retrovisor, deleitando-se com a paixão de seus jovens passageiros.

Na portaria, assim que Margarete anunciou seu nome à segurança, liberaram a cancela imediatamente.

– Vinte dois reais e trinta centavos. – Anunciou o motorista quando chegaram frente à luxuosa mansão.

Edir coçou os bolsos, mas não encontrou nada. Despretensiosamente, perguntou:

– Você tem dinheiro? Acho que deixei minha carteira na casa de Carlos. – Tampouco pagou por sua bebida ou a bebida de sua namorada no bar, deixando tudo por conta dos amigos.

Margarete abriu sua bolsinha a tiracolo e puxou uma nota de cinquenta reais, apressada.

Quando o motorista entregou o troco, Edir se apressou em pegá-lo e o colocou em seu bolso. Saiu primeiro do veículo e, do lado de fora, pegou Margarete pela mão ajudando-a a levantar-se.

**Esperou na cozinha enquanto** Margarete averiguava se estava tudo em ordem na casa. Minutos depois ela desceu as escadas no escuro, fazendo um sinal para acompanhá-la.

Subiram as escadas juntos, pé por pé, e fecharam a porta do quarto no mais absoluto silêncio.

Edir a encurralou contra a parede e a beijou sem piedade, segurando a nuca dela em uma das mãos. Com a mão livre recorreu o corpo de Margarete por inteiro, arrancando-lhe gemidos. Margarete tremeu quando sua roupa foi arrancada do corpo. Edir tocou seu sexo por debaixo da calcinha. Estava infinitamente molhada; seu corpo inteiro era puro suor e fluido. Lentamente, ele tentava penetrá-la com um dedo, e após uma pequena resistência apresentada pela proteção de seu corpo, conseguiu invadi-la. Seu dedo entrava e saía de dentro dela, fazendo-a contorcer-se contra a parede.

– Você está toda ensopada!

– Mais! – Implorava, querendo senti-lo por completo, com mais força.

– Quer mais? – Sussurrou nos ouvidos dela. – Que tal assim? – Perguntou, colocando o dedo mais fundo, tentando agora empurrar mais um dedo para dentro. – Temos que ir devagar ou vou machucar você.

Margarete pegou a mão de Edir e ajudou a empurrá-la para dentro dela com mais força. Afoita, colocou a mão por dentro da cueca dele, sentindo pela primeira vez a rigidez de um órgão masculino. Que maravilha! Fechou a mão ao redor do pênis e, sem saber o que fazer, acariciou-o. Edir a orientou no movimento, pois tudo o que ele não queria nesse instante era receber um carinho no sexo.

– Assim? – Perguntou, obcecada nesse vai e vem de cima para baixo e baixo para cima que realizava no órgão macio. – Nós estamos nos masturbando! – Comentou baixinho como se Edir não entendesse o que estava acontecendo.

– Eu sei! – Respondeu e a levou para cama, sem deixar de tocá-la.

Depois de ajudá-la a deitar, Edir puxou a calcinha dela até os tornozelos e arrancou-a em um puxão. Com a mesma pressa, desceu a cueca até os pés.

– Você tem um abajur aqui?

– Do lado da cama.

Ele acendeu uma lâmpada e a contemplou nua, enquanto permanecia em pé na beirada da cama de frente para ela.

– Abre as pernas! – Ordenou.

Um pouco sem jeito, Margarete afastou uma das pernas vendo que ele a observava por inteira.

– Mais!

Ela afastou a outra perna e Edir mordeu os lábios, manuseando o pênis com a mão direita da mesma forma que ela fizera segundos antes. Ao ver que Margarete acompanhava seus movimentos com um olhar cheio de desejo, perguntou:

– Quer colocar na boca?

Ela sorriu e se endireitou na cama, ficando de joelhos na frente dele.

– Abre bem essa boquinha linda, abre!

Margarete se abaixou um pouco e abriu a boca, vendo que Edir estrangulava o bilau, dessa vez, bem na frente de seus olhos. Com uma mão ele segurou o pinto brilhante, e com a outra, abriu o maxilar dela, empurrando a boca de Margarete de encontro ao órgão ereto que a esperava, ansioso. Puxou-a pelos cabelos da nuca e a empurrou para trás e para frente, tirando de vez em quando o pênis para vê-la abocanhá-lo desde o começo.

– Boa menina! Assim mesmo... Olha aqui! Quero que você olhe pra mim enquanto chupa meu pau.

O olhar inquieto enquanto fazia sexo oral, quase fê-lo colocar um final na ação e explodir seu sêmen na boca da garota. Apressado, puxou o pênis para fora, empurrou Margarete na cama e ajeitou as pernas dela em volta de seus quadris.

Posicionou-se e empurrou seu órgão de uma única vez para dentro dela. Margarete deixou escapar um grito, mas ele continuou em um ritmo acelerado, frenético, alucinado. Entrava e saía, apertando-a pelas nádegas, segurando-a com força para não escapar de seu domínio. Suava como se estivesse em uma sauna. Transpirava dos pés a cabeça, molhando o corpo de Margarete com seu suor.

– Posso gozar dentro? – Balbuciou sem parar de se mover, continuando a arremeter-se contra ela.

– Sim! Goza! – Respondeu inconsequente, deleitando-se com a dor que era submetida.

Ela se remexia e rebojava, puxando os lençóis da cama, abafando o som de seus gemidos com um travesseiro.

– Você é uma delícia, sabia? – Articulou, refletindo nesse instante com sobriedade, e acabando o ato com um urro de prazer.

Edir puxou Margarete para perto e ajeitou a cabeça dela em seu peito.

– Você gostou? Era isso o que esperava?

– Apesar de estar dolorida, acho que poderia começar tudo de novo, agorinha mesmo! – Revelou, sem pudores, ainda mais sedenta de paixão.

– Safada! Gostou de fazer um boquete, não é?

A pergunta a pegou um pouco desprevenida. Achava melhor não tocarem no assunto, assim, sem mais nem menos, sem qualquer tato. Gostava de um pouco de vulgaridade, tanto de pensar sobre ela como desfrutá-la no momento do amor. No entanto, não gostou de ser questionada sobre o que fizera dessa maneira cruel. Era sua primeira vez, estava mais preocupada em oferecer prazer a ele do que receber. Vê-lo desfrutar de seu corpo era uma forma indireta de abranger o próprio deleite. Margarete o provocou antes com palavras, e ao que tudo pareceu, Edir ficara ofendido com sua leviandade. Fora vulgar e

audaciosa (segundo as palavras dele), mas agora era ele quem falava de forma grotesca. Se antes queria um pouco de sacanagem, agora, tudo que queria era amor; respeito pelo sexo sagrado, santificado por Deus.

– Edir, isso é forma de falar?

– Ué, você não gostou de engolir o meu pau? Teve um momento que eu meti bem fundo na sua garganta e quase não consegui me controlar... Por um triz não gozei na sua boca.

Margarete ficou com os olhos marejados de lágrimas e segurou-se para não chorar. Queria expulsá-lo de seu quarto. Sim, era verdade que o provocara antes, mas só havia feito isso para motivá-lo a partir para o ataque, para o próximo passo. Quis mostrar com todas as letras que o desejava. Edir teve mais respeito por ela antes de deflorá-la do que após, ao contrário de Margarete, que brincou a respeito do sexo antes de fazê-lo e passou a respeitá-lo depois. Claro que também gostava de um pouco de sacanagem, mas a sacanagem servia como estímulo, era a preliminar, não o desfecho. “Depois” deveria ser apenas paixão, palavras de amor, juras eternas. O que ele estava fazendo, afinal de contas? Descobriu que era esse excesso de respeito que ele tinha por ela que a atraía de forma maluca, mas agora ele falava em *boquete* e isso a assustava. Os papéis se inverteram? Era assim que ele se sentia quando ela falava absurdos? Quando disse que queria perder o cabaço? Por outro lado, ela tinha o direito de falar palavrões e palavras picantes quando bem entendia (julgando esses momentos apropriados), mas quando Edir o fazia, tinha o direito de julgá-lo e recriminá-lo? Ainda bem que pensou melhor sobre o assunto antes de dizer qualquer coisa. Talvez estivesse um pouco sensível no momento, pois acabava de perder a virgindade com quem sempre sonhou. Esperava outro comportamento, outras palavras, mas ele era ainda um homem, e como tal, estúpido e insensível. Deveria relevar. Não queria confundir-se com o aspecto das coisas. *Palavras picantes*, vindas dela (uma garota da classe A), não poderiam soar melhor do que vindas da boca de alguém da Zona Sul. Margarete afastou esses pensamentos. Não queria pensar em jurisdições e territórios. Não queria dividir sua relação em zonas, conta bancária, poder aquisitivo. Darwin já teve trabalho suficiente ao separar as espécies, não achava que era função do indivíduo separar as classes, como se fossem animais diferentes. Não pensaria da forma ignorante como seus pais e amigos babacas do clube faziam. Edir era puro, desinteressado, não tinha conversas mongólicas a respeito de bens, carros e marcas; não era fútil como o universo que ela e as pessoas de sua classe habitavam. Com ele, não precisava mostrar a cor de seu dinheiro, não competia para ver quem tinha mais renome familiar ou prestígio social. Não precisava se exhibir sobre viagens e nem sobre o preço de nada. Com suas amigas do clube sempre competia para ver quem tinha pagado mais caro pelo mesmo produto. Pechinchar, barganhar ou ir atrás de promoções era um verdadeiro ultraje. Por isso, gostava também de Tatiana e Renata, amigas simples e despreziosas; gente de bairro humilde, sem trono nem berço de ouro.

Pensando em tudo isso, enxugou os olhos e respondeu:

– Você deveria ter feito!

– Ah sim? Mas quem tiraria o seu “cabaço”, então? Maluca!

Margarete percebeu que Edir havia entrado no jogo dela, e por isso riu, abraçando-o.

– Eu fiz tudo certo? Estava preocupada... Não queria bancar uma garota tola.

– Você não poderia ter sido mais deliciosa! Aliás, para uma virgem, você me surpreendeu muito. Penso em você assim, toda abertinha para mim, pagando um boquete, e já fico com o pau duro de novo.

Margarete estremeceu. Queria ser respeitada e escutar palavras de amor, mas... Existia palavra mais picante que “pau”? Tentava repelir esse sentimento de excitação que certas palavras causavam, mas não conseguia. Tampouco conseguia fingir que era completamente recatada; um exemplo de moça para casar, que existia apenas para servir e que não adorava ser bem servida.

Edir curtia o conforto da cama de Margarete e a suavidade de seus lençóis de seda. Tudo ali era refinado e cheirava tão bem! Poderia viver naquela cama para sempre. Quando cansasse de dormir,



pegaria seu roupão e tomaria um banho na banheira ou pularia na piscina, pedindo aos empregados um Martini. Exigiria o almoço na piscina; um sanduíche leve de caviar e uma dessas sobremesinhas ridículas (tamanho de uma uva), enfeitada com raspas de limão (pois como todo cara da *society* que se preze, pegaria leve nas calorias fazendo aquela dieta eterna que não emagrece nunca). Falaria “caviar” com indiferença, sabendo que os pobretões que lhe serviam, apesar de preparar os mais fabulosos e requintados quitutes, não se davam ao luxo de comê-los. Ficou tão alucinado com essa imagem que beijou Margarete na testa e abraçou-a com toda sua força.

**Oh, como ele me adora!** Pensou Marga, enternecida, devolvendo o afago com beijos ininterruptos. Estava apaixonadíssima por Edir, disposta a entregar-se de corpo e alma. Tudo fora tão perfeito; era inacreditável tamanha sorte. Que afortunada! O próximo passo seria comunicar à família que estava amando. Como seus pais reagiriam? O que diriam a respeito de ter escolhido um pobretão para namorar? Talvez a desertassem. Sua mãe teria um colapso nervoso, seu pai não falaria mais com ela. Que romântico tudo isso! Talvez tivesse que brigar em defesa de seu amor e fugiria de casa para viver com Edir na casa dos pais dele. Pensando nisso, decidiu que era hora de assaltar o cofre do pai novamente para entregar mais dinheiro a Edir. Em caso de aperto, pelo menos teriam um pé de meia para começar a vida a dois com simplicidade. Ela iria trabalhar fora e ele também. Encontrar-se-iam à noite, e contariam como foi o dia de trabalho enquanto preparavam o jantar.

Edir continuava imaginando-se morando naquela casa. Era bom demais para ser verdade. Do jardim aos lençóis da garota Brandão! O filho do jardineiro dava a volta por cima. Mostraria a toda àquela gente seu poder de encanto, o quanto estava preparado para assumir uma posição elevada na sociedade. Ele também poderia maltratar empregados se quisesse, estava preparado! Assim como estava preparado para dirigir um daqueles carrões estacionado na garagem (dessa vez, não como um reles motorista, mas como o próprio patrão). Escolheria as próprias roupas de grife com extremo bom gosto, sem ajuda de ninguém. Todos notariam que a riqueza estivera em seu sangue desde sempre, mas por gafe do destino nasceu no lugar e ventre infortúnio, filho de pais errados.

Escutaram um barulho e levantaram as orelhas, apreensivos, trancando a respiração. Margarete levantou da cama em um pulo.

– Que horas são?

– Quase quatro. – Respondeu Edir, escondendo-se embaixo do lençol.

– Não seja bobo, você precisa se esconder direito! – Ela sussurrou, vestindo-se com o pijama às pressas.

– Como assim?

– Vai! Embaixo da cama!

– Nem louco que vou me esconder ali!

– Olha, ou você se esconde agora ou estamos ferrados! Minha mãe vai abrir a porta desse quarto a qualquer instante.

– A essa hora? Quem faz uma coisa dessas? Ela é louca?

– Sim! Doidona! Meu pai urina umas três vezes durante a madrugada, e na terceira, por volta desse horário, ela levanta e vem até o meu quarto.

– Céus! Fala sério! Por que ela faz isso?

– Para ver se estou coberta...

– Nesse calor dos infernos?

– Sei lá! Para ver se estou respirando, se não me sequestraram, se não aprontei nada enquanto eles dormiam...

– É, pelo visto eles confiam muito em você... – Disse, levantando-se a contragosto.

Se por algumas horas a raiva que sentia por Margarete desapareceu, nesse instante ela voltava

com força total. Que humilhação ter que se esconder depois de ter pintado o caneco nos orifícios de Margarete. Ao escutar barulho de passos, Edir não pensou duas vezes e se enfiou embaixo da cama.

– O lençol! Deixa o lençol aqui! – Ela ordenou em um cochicho e o desnudou antes que ele se escondesse por completo.

Embaixo da cama, Edir bufava de ódio. Se ela pudesse ver seu rosto nesse momento, viria uma máscara vermelha encolerizada com todos os demônios.

Margarete jogou as roupas e os sapatos do chão, atrás da cômoda. Verificou se havia mais algum vestígio do festim que fizera, e após certificar-se de que estava tudo em ordem, apagou a luz. Pulou na cama e enrolou-se no lençol, fingindo dormir em um sono profundo.

Dona Alissa abriu a porta e entrou em absoluto silêncio, levantando com esmero os pés que calçavam pantufas. Os calcanhares dela ficaram muito próximos ao rosto de Edir, que nesse instante mesmo morto de raiva, ficou paralisado de pavor.

– Dorme feito um anjinho, essa minha menina! – Sussurrou a mãe para si mesma ao se agachar um pouco na cama, acariciando o rosto da filha.

Edir só voltou a respirar quando viu a Sra. Brandão deixar o quarto e fechar a porta. Esperaram alguns instantes antes de saírem de suas posições.

Ainda embaixo da cama, colocando apenas a cabeça para fora, Edir sussurrou, contrariado:

– Você está biruta? Não fechou a porta do quarto com chave? E se ela tivesse entrado aqui antes, já pensou?

– Eu sabia que ela não entraria aqui tão cedo!

– *Tão cedo?* Você sequer sabia que horas eram!

– Relaxa! Vamos tomar mais cuidado na próxima vez.

Inconformado, voltou a questioná-la:

– O que sua mãe faz no seu quarto durante a madrugada?

– Já disse! Ela vem ver se está tudo bem, me cobrir, me proteger de pesadelos... – Disse isso e abafou uma gargalhada no travesseiro.

– Que absurdo! Quantos anos você tem? Quatro? Você deveria começar a cortar certas bobagens inexplicáveis.

– Ou você, começar a aprendê-las. – Ao dizer isso, teve um novo ataque de riso.

– Quê?

– Aprender a se preocupar comigo, bobo! Quem vai me cobrir quando a gente casar?

– Vou deixar a porta de casa aberta para sua mãe. – Ele tentou ridicularizá-la, mas Margarete gostou de falar sobre o futuro deles, ainda que em forma hipotética e irônica. – Que horas seus pais levantam? E os empregados?

– Em duas horas a governanta já estará a postos.

– E você fala isso com toda tranquilidade? E quando pensava em me dizer isso? Você acha que eu posso ficar aqui para sempre? – Ele começava a ficar ainda mais furioso pelo descaso proposital da garota.

– Se dependesse de mim...

Edir saiu debaixo da cama e se levantou. Caminhou até a porta e a trancou com chave. Pegou as roupas e seu par de sapatos atrás da cômoda e começou a se vestir.

– Você já vai? – Perguntou Margarete com uma voz desesperada depois de acender a luz do abajur.

– Margarete, você bebeu?

– Bebi! Por quê?

Ele não se deu ao trabalho de respondê-la.

– Às vezes acho que você não é normal.

– Minha mãe também acha isso, por isso ela vem toda noite no meu quarto conferir se ainda estou respirando ou se não me estrangulei com os próprios lençóis.

– Bem, isso explica algo.

– Não seja pertinente! Vem aqui, ainda temos tempo! – Ela insinuou e se descobriu, deixando seu corpo à mostra.

Edir viu o sangue entre as pernas dela, o sêmen endurecido e esbranquiçado cobrindo-lhe a barriga, e sentiu asco.

– Preciso ir. – Falou secamente. – Você é maluca, mas eu ainda não!

– Vou sentir saudades, sabia? – Ela levantou da cama e foi até ele para beijá-lo, mas Edir virou o rosto.

– Eu não estou com bom humor. Você acha que eu gostei de passar por isso? De ter que me esconder embaixo da cama feito um otário?

– Se você não gostou é porque não sabe apreciar uma boa aventura.

– “Aventura”? Sua mãe quase me pega com o pau na sua boca!

– Exagerado! Um dia falaremos sobre isso dando risadas.

Margarete começava a falar daquele jeito que tanto irritava Edir, e Edir, com sua habitual seriedade e juízo, voltava a encantar Margarete.

– Você é imatura, Margarete! Imatura e escandalosa!

– Obrigada!

– Você entendeu que isso não foi um elogio, não é mesmo? – Ele perguntou enquanto calçava o tênis Adidas, comprado no camelô.

– E você sabe que eu sou louca por você, não?

Edir se apressava para sair logo dali. Margarete estava prestes a fazer uma estúpida declaração de amor, e ele não estava preparado para isso. Talvez nunca estivesse.

– Você não vai me beijar? – Ela perguntou com um olhar desconfiado; um indicador de que não estava mais achando graça no comportamento hostil dele.

Edir a beijou na testa e se encaminhou até a porta.

– Eu quero um beijo na boca, agora!

– Cacete! Você é mandona, hein!

– Eu nem precisava ter pedido um beijo se você não fosse tão chucro! – Ao dizer isso, afastou-se e se cobriu com o lençol. – O mínimo que esperava era um beijo de despedida, animal!

Edir já a conhecia um pouco para identificar o momento ruim. Se não dominasse o mau temperamento de Margarete imediatamente, era bem capaz de ela armar um escândalo, ou ainda, terminar o namoro com ele. Ao pensar no risco de perder sua galinha dos ovos de ouro, esmoreceu rapidamente:

– Desculpa, minha linda! Nem por um segundo pensei em te ofender. Vem aqui! – Ele estendeu a mão na direção de Margarete e a puxou.

Muito a contragosto, beijou-a na boca, lutando para não fazer uma careta. Sentia que toda a excitação anterior havia evaporado por completo.

Margarete parecia novamente aquela menina sapeca, apaixonada e idiota de antes. Feliz depois de ter sido comprada com um beijo falso, ela falou:

– Ah Edir, antes que eu me esqueça... Estou pensando em pegar mais um dinheirinho no cofre do meu pai. Só para garantir. Nunca se sabe o dia de amanhã... O que você acha de mais uns dez mil dólares? Quem pega doze pode pegar dez numa boa, né?

Os olhos de Edir brilharam. Mais dez mil dólares entregues em suas mãos! Definitivamente, os deuses conspiravam a seu favor.

Edir contemplou Margarete com seus olhos brilhantes, cheios de paixão por ela:

– Claro que pode, sua boba! – Contestou como se estivesse indiferente e a puxou mais para

perto. – Agora vem aqui e me dá mais um beijinho que vou morrer de saudades dessa boca...

## Dois

Os pais de Margarete já estavam sentados quando ela anunciou:

– Papai, mamãe! Então, como prometido, revelarei o nome dele.

Seu pai levantou a sobrancelha direita e conteve um sorriso como quem diz: “Aí vem bomba” enquanto colocava tabaco no cachimbo.

– Já estava na hora, minha querida! – Respondeu sua mãe, ansiosa, acreditando que um namorado faria sua filha amadurecer um pouco.

Para variar, Margarete recorreu a sua oratória sofisticada para engabelar os pais na conversa e levá-los no papo:

– Talvez vocês fiquem um pouco desapontados comigo, mas espero sinceramente, do fundo do meu coração – ela fez uma pausa para olhá-los de frente e acrescentar com muita ênfase: – que nesse momento está apreensivo e apertado, que respeitem minha escolha!

– Claro que a respeitaremos! Você tem alguma dúvida? – Adiantou-se o pai a respondê-la, soltando uma baforada de fumaça no ar.

Dona Alissa, que conhecia a filha muito melhor que o marido, preferiu ficar calada até saber o que Margarete tinha a dizer.

– Todos a postos?

– Margarete... – Sua mãe estava sem paciência para esse tipo de rodeio.

– Preparados? Então, lá vai: – Margarete percebeu que quem não estava preparada para falar era ela, e então, travou.

– Vamos lá, minha filha, pare com essa bobagem. Não temos o dia inteiro!

– Não consigo falar, papai... O senhor vai me matar!

A expressão nas faces dos pais era de consternação. A mãe de Margarete abriu a boca, chocada mais pelo que a filha pensava deles do que pelo que estava a dizer.

– Margarete Brandão! Como você ousa pensar assim de nós? Jamais encostaríamos um dedo em você, quanto mais “matá-la”! – Dona Alissa levou as palavras da filha bem ao pé da letra. – Quem você pensa que nós somos? Primitivos? Recalcados? Antiquados? Que não temos as condições mentais de aceitar a escolha de nossos filhos?

Ótimo! Sua mãe já estava no jogo! Pensou Margarete que ainda esperava por uma reação do pai.

– Filha, quem você namora é escolha sua. Nós sempre a apoiaremos. – Sentenciou seu pai, finalmente.

Esse era o momento de pegá-los de calças baixas, teve certeza, e então revelou sem piedade:

– Estou namorando o Edir, filho do nosso ex-jardineiro!

Os pais ficaram sem reação, esperando Margarete rir ou dizer que essa era mais uma de suas criancices.

Margarete esperou também, mas ao perceber que o silêncio se prolongou além do necessário, confrontou-os:

– E aí, vocês vão ficar me olhando desse jeito julgador? Têm algo a dizer ou não?

– Por que você faz isso, querida? É para nos atingir? – Perguntou o pai, debruçando-se para frente, inquieto. – Você está obcecada por esse garoto? Não pode ser! Outra vez isso? Algum tempo atrás você nos disse que Edir tentou beijá-la. Depois negou, confessando ter inventado tudo. Por tê-los despedido por sua mentira, enviei dez mil reais à família dele. Agora, depois de toda injustiça que eles sofreram por sua culpa, você quer me dizer que o filho do Silva será nosso genro? Você quer nos enlouquecer?

Falando desse jeito a história parecia mesmo absurda, mas mesmo assim Margarete insistiu:

– Papai, prometo que explicarei tudo, mas... – Ela se ateuve ao detalhe que até então não conhecia: – O senhor enviou dinheiro a eles?

O casal Brandão parecia completamente atônito.

– Sim, é claro! Fiquei sabendo que o Silva não conseguiu mais trabalho desde que saiu daqui. – Ele fez uma longa pausa, analisando o comportamento surpreso da filha: – Por quê? Vai me dizer que você não sabia? O Edir não contou a você que enviamos dez mil reais ao pai dele?

– Ahhhh acho que lembro agora...

– Margarete! Fale a verdade! Seu namorado recebeu dinheiro nosso e não lhe contou nada? – Questionou Dona Alissa descontente, mas ao mesmo tempo aliviada por terem encontrado o calcanhar de Alquiles dessa relação em menos de dez segundos de conversa.

– Ele não contou a você que enviamos dinheiro? O que você acha, Margarete? – Insistiu seu pai no tema: – Esse é um tipo de informação que se esconde da namorada?

– E por que o senhor mesmo não me contou?

– Por que isso não lhe dizia respeito! Você fez um grande estrago aqui, sabia? Uma tremenda confusão! Mande dinheiro por uma questão de consciência. Tentei ser um pouco justo, depois da injustiça que você sozinha cometeu! Ou vai me dizer que já esqueceu que eles só saíram daqui por causa da sua pirraça? – De repente, como se tivesse se dado conta de algo mais, inquiriu: – Mas se vocês estão namorando, quer dizer que todo esse rolo de beijo e o escambau teve fundamento desde o princípio? Vocês já estavam juntos?

Margarete não previu essas conclusões, tampouco sabia que Edir recebeu dinheiro deles. A única coisa boa que descobria nesse momento é que tinha muito do pai em sua genética, pois afinal, tal qual como ele, pensou da mesma forma ao entregar a Edir doze mil dólares. A única diferença é que ela fora mais generosa. Refletiu por um instante enquanto os pais gritavam e a interrogavam: Por que Edir não contou sobre os dez mil reais que recebeu de seu pai? Bem, não iria por em xeque a confiança que tinha nele, afinal, era o rapaz mais honesto e íntegro que conhecia.

– Vocês já estavam juntos, Margarete? – Sua mãe repetia as palavras do marido como se fosse seu porta voz.

– Não, não estávamos. – Jurou de pés juntos. – Eu também fiquei com a consciência pesada pelo que fiz com eles, e por isso fui procurá-los. Edir e eu ficamos amigos e conversamos bastante nesse meio tempo, antes de qualquer coisa. Foi obra do destino, meus queridos pais! Minha mentira nos uniu. Talvez a única explicação para esse embuste ter existido seja essa: Abrir meus olhos para o amor que estava bem na frente deles! Se eu não tivesse mentido, jamais teria me aproximado de Edir.

– Oh, Margarete Brandão! Poupe-nos de sua tragicomédia amorosa, por favor! Você nem superou a adolescência ainda e acha que se não encontrasse Edir, morreria solteirona? Que outros garotos não bateriam em sua porta? Acredita mesmo que o Edir será o único amor de sua vida?

– Se depender de mim...

– Boba! Amar não é ser idiota! Que Deus a livre dessa desgraça de só amar uma vez! De privá-la da experiência de se apaixonar várias e várias vezes até se decidir definitivamente por um homem.

O foco saiu da filha e pousou na mãe. O pai de Margarete pareceu surpresíssimo com os conselhos de sua esposa.

– Você está querendo dizer alguma coisa, Alissa?

– Estou! Estou querendo dizer que Margarete tem muito para aproveitar! Que não deveria deixar se enganar pela arapuca do primeiro amor e se entregar assim, tão de cabeça. Quem ama cegamente, só faz estupidezes!

– Isso é uma indireta para mim? – O Dr. Brandão ergueu uma sobrancelha, confuso com o discurso.

– Não, isso é uma direta para nossa filha! Vamos focar nela, por favor?

– Sim, poderíamos focar nela se você não estivesse focando em você!

– Você acha que eu estou tentando chamar a atenção?

Margarete começava a se divertir, olhando de um lado ao outro, seguindo o bate boca dos pais como se acompanhasse uma bolinha de pingue-pongue em movimento.

– Acho um disparate você dar esses ensinamentos à Margarete, Alissa!

– Não vejo que é um disparate ensinar nossa filha a controlar sentimentos e emoções; a conhecer melhor as pessoas antes de se entregar por inteiro a elas. Experiência! Isso é substantivo de luxo que os afobados não têm! Quem sabe esperar, desfruta; ao contrário do apressadinho!

– Mamãe, entendo perfeitamente o que a senhora quer dizer. São instruções, por sinal, muito sábias. No entanto, a senhora não pode esquecer que tenho apenas dezessete anos, que meus hormônios estão enlouquecidos querendo a todo instante tomar decisões no meu lugar. Embora sua boa intenção em me precaver dos perigos, devo tomar futuras decisões baseadas em meus acertos e erros passados, formando assim meu próprio arquipélago de experiências. Vocês já fizeram muito por mim. Tenho que dar algumas cabeçadas mais para aprender a me defender sozinha; não posso receber tudo mastigado sempre.

– Queria que seus irmãos tivessem ficado mais tempo em casa para me ajudar a puxar sua orelha. – Disse a mãe, evitando sorrir.

– Então, vocês não estão bravos porque decidi namorar o Edir?

– Nós vamos discutir a respeito, apenas seu pai e eu; depois conversaremos.

– Vocês são os melhores pais do mundo; nunca se esqueçam disso! – Ao fazer essa declaração, Margarete sorriu seu melhor sorriso, buscando ser o mais verídico possível e saiu apressada para o clube.

## Três

Enquanto esperavam o chofer na sala, Dona Alissa quebrou o gelo do silêncio:

– Não me entenda mal, meu amor! – Pediu ao marido: – Você sabe como a Margarete é... Se formos contra essa relação despropositada dela com o jardineiro, ela fará duas vezes pior. Capaz de se casar com ele até o final do ano ou se engrajar com o entregador de jornais na semana que vem. Tudo para nos provocar. Ela é só uma menina, sequer sabe o que é amor. Deve estar sentindo um friozinho na barriga e já acha que está apaixonada.

– É, você tem razão! – O Dr. Brandão concordou indubitável: – Se não levamos isso a sério, é só uma questão de tempo para ela desistir.

– Vamos fazer vista grossa. Se a pestinha perceber que estamos preocupados ou que somos contra essa relação, será mil vezes pior. Sempre soube que Margarete nasceu com um pezinho na favela. Não sei a quem puxou! Desde pequena sente atração pela criadagem, em andar descalça, em comer com as mãos, em se misturar com o povão.

– Filha caçula é dose!

– Você e suas teorias baratas... – retrucou Dona Alissa, aborrecida. Era difícil ter um diálogo profundo com o marido.

– Ora, a julgar que nem eu ou você, nem mesmo nossos pais, somos ou fomos assim, não resta outra explicação. De mim ela não puxou nada!

– Agora você diz isso, né? Não é você quem vive dizendo que Margarete é sua cópia escarrada?

– É verdade... – Concordou o Dr. Brandão sem oscilar. – Ela é trapalhona e encrenqueira, está vivendo essa fase perigosa da adolescência feminina, mas ainda assim é uma garota de ouro!

O chofer chegou apreensivo, alisando o paletó com a mão e endireitando a gravata, pondo-se de pé na frente do casal:

– Posso ser útil, Doutor Brandão?

– Pode sim, Xavier. Você entregou aquele envelope que lhe dei ao Silva?

– Sim, senhor. Bem... Quer dizer... Não a ele, mas ao filho dele. Entreguei diretamente nas mãos do Edir.

– Você tem certeza?

– Certeza absoluta! – Respondeu sem titubear. – Ainda conversamos um pouco na frente da casa dele. Eu queria entregar ao Silva, mas o rapaz disse que não sabia a que horas o pai chegaria. Como ele é filho, não achei que tivesse algum problema. Fiz algo errado, doutor?

– De forma alguma.

– O senhor precisa de mim ainda?

– Não, você já pode ir.

O chofer, que sempre transpirava um pouco na presença da Sra. Brandão, pediu licença e saiu humildemente da sala.

Quando ficou a sós com o marido, Dona Alissa perguntou desconfiada:

– Você acha que o Xavier ficou com o dinheiro?

– Não sei, mas com certeza descobriremos! Quando Margarete chegar, diga que estamos dispostos a oferecer um jantar ao seu namorado. “Ao namorado de Margarete; filho do Silva!” – Repetiu inconformado. *Que disparate mais sem pé nem cabeça!*



## Quatro

Os pais de Edir discutiam na cozinha, enquanto separavam contas, formando três pilhas distintas: as que deveriam ser pagas urgentemente, a que seriam pagas depois das urgentes, e uma terceira que pagariam se conseguissem acertar a primeira e a segunda pilha.

– Eu mal consigo acertar a conta na padaria, como posso pagar as prestações que fizemos da geladeira? O gás acabou faz dois dias, mas adivinhe o que? Se não tenho dinheiro para comprar sequer uma vela, como poderia trocar o botijão? – Exaltou-se Silva, com o brilho dos olhos apagado.

– Precisamos pelo menos pagar o aluguel, a luz e a água. – Os ombros da mulher estavam caídos e sua expressão beirava ao desespero. – Vou oferecer meus serviços como lavadeira por aí. Estou desesperada! Faz meses que você está nessa pindaíba.

– E você, como acha que me sinto? Acha que estou gostando dessa situação?

– É claro que não está, mas às vezes parece que você desistiu de lutar. – Ela se referia ao fato de o marido ter passado os últimos dias na cama, prostrado.

– Não temos mais carro ou dinheiro para andar de ônibus. Às vezes, quando saio para oferecer serviço, nem sei mais para onde devo ir. Já rodei a cidade inteira de cabo a rabo. Estou perdido, Adélia! Você acha que eu desisti de lutar? Está aqui, óh: – Ele foi até a pequena sala e voltou com receitas médicas. – Fui ao hospital consultar. Depois de esperar sete horas na sala de emergência, o doutor me deu isso aqui.

– Você foi ao médico, por quê?

– Porque duas semanas atrás, achei que iria enfartar. Senti um aperto no coração tão grande que o chão saiu dos meus pés. Ficou tudo escuro. Perdi o ar dos pulmões e desmaiei. Meu último pensamento antes de apagar foi em vocês. Você acha que eu quero morrer assim? Deixando minha família na pior? Sem saber se vocês serão despejados amanhã? Se ficarão sem um teto em cima de suas cabeças?

Ela tentou decifrar o nome dos remédios prescritos através dos garranchos quase indecifráveis da receita:

– Fluoxetina, Alprazolam, Clonazepam... Para que é tudo isso? São remédios para o coração?

– Ah, sei lá! São remédios para depressão, pânico, o diabo a quatro!

– Depressão? Você não acha que está muito chique para isso?

– O que eu acho é que estou na merda! Minha vida está afundada na merda!

– 400 reais? – Ela somou de cabeça o preço escrito a lápis ao lado de cada remédio, e perguntou com a voz consternada: – Você está de brincadeira! É esse mesmo o valor?

– Para você ver! A menina da farmácia nem ficou vermelha ao ir me dizendo quanto custava cada porcaria dessas.

– Você não está pensando em comprar isso, né?

– Você está louca? Dá onde eu tiraria esse dinheiro? Você acha que se eu tivesse 400 paus já não teria acertado o aluguel?

Edir escutava a conversa, cabisbaixo. Pensava nos dólares e nos reais que estavam praticamente intocados no banco. Não havia contado aos pais que recebera dinheiro da família Brandão, e muito menos que receberia ainda mais da louca, Margarete, sua namorada. Temia que seu pai, com tanto dinheiro no bolso, fizesse alguma bobagem; afinal, ele estivera acostumado toda sua vida com a escassez, jamais com a fartura. Tinha pena deles, mas não poderia ceder à pressão. Era o administrador do dinheiro, e como tal, ele o empregaria em algum investimento promissor no momento certo. Cogitou por um segundo comprar a medicação que seu pai precisava, mas era um valor muito alto; não queria começar a se desfazer assim da poupança.

Tal qual sua mãe, Edir também começava a acreditar que seu pai fazia corpo mole com essa

conversa de fraqueza, de ficar prostrado na cama como um doente, de chegar a casa com receitas médicas. Ele estava com menos de cinquenta anos e podia muito bem buscar um serviço diferente, já que a jardinagem parecia estar com dias contados.

– Por que o senhor não se oferece para trabalhar na obra do supermercado? – Edir interrompeu a conversa dos pais, lembrando-se da construção a apenas alguns quarteirões de casa – Com certeza eles precisam de gente forte como o senhor para mexer massa.

– *Forte como eu?* No exato momento não me vejo em condições nem mesmo de mexer o açúcar do café.

Edir olhou para seu pai e não o reconheceu. Ele havia emagrecido e encurvado dez anos no prazo de alguns meses. Talvez estivesse emagrecendo a propósito para chamar a atenção.

– Pai, mas o senhor precisa ir atrás de trabalho! – Disse autoritário.

Silva não gostou nada do timbre petulante do filho.

– Edir, esse seu tonzinho de quem acredita ter encontrado a solução para nossos problemas é algum tipo de afronta?

– Não senhor.

– Melhor assim. Eu posso estar sem trabalho, mas ainda sou o chefe dessa casa, viu mocinho?

– Sim senhor.

– Na segunda-feira bem cedinho, nós dois iremos à obra oferecer nossos serviços. Talvez ofereçam emprego a nós dois.

Edir engoliu em seco. Com essa não havia contado. Não queria em hipótese alguma trabalhar em uma construção imunda, cheia de pedreiros desdentados, que mexem com mulheres gordas da rua vestindo short enfiado no rego. Os caras que falam “pobrema”, casados com “Creuzas”; que voltam para casa com cimento embaixo das unhas, fedendo a sovaco, cheio de calos duros nas mãos. Desde que deixara de trabalhar no condomínio do Dr. Brandão, seus calos haviam amenizado muito. Já não tinha as mãos ásperas e gostava muito de pensar que logo teria as mãos lisas de um almofadinha. Trabalhar em uma obra colocaria todos seus planos água abaixo. Começava a se ver como um *doutor*, o futuro Dr. Brandão. Ficou nervoso ao ver sua ideia virar contra si mesmo.

Cabisbaixo, suando por detrás das orelhas, apenas conseguiu murmurar:

– Excelente ideia, pai. Já estou ansioso.

## Cinco

Edir e seu pai acordaram no primeiro horário da manhã de segunda-feira para ir até à obra.

O encarregado da construção, um homem forte com músculos até nos dedos, disse que só poderia empregar o garoto, pois no momento precisavam apenas de um servente. Embora Silva tenha insistido, e até mesmo se humilhado oferecendo seus serviços, disposto a fazer qualquer coisa, o homem que parecia ter um coração bom, dispensou-o com a promessa de chamá-lo assim que precisassem de alguém mais.

– Parece que agora o homem da casa é você! – Disse ao filho e saiu abatido, ocultando sua desonra.

Mais desesperado do que o pai ficou Edir ao ver-se sozinho, encarregado de empilhar uma pilha de tijolos. Ao menos quando trabalhava como jardineiro, trabalhava longe, escondido de todos seus amigos e o pessoal que conhecia. Agora estava em uma obra perto de casa, trabalhando com sua roupa velha no serviço pesado, a mercê dos olhos de todo o pessoal.

Na terça-feira, em seu segundo dia de trabalho, Edir não conseguiu sair da cama. Todos seus ossos e músculos doíam. Sentia como se um rolo compressor tivesse passado por cima de seu corpo. Tinha dores até nos olhos; estava exausto até para respirar.

– Vamos logo, meu filho! Você quer se atrasar logo no segundo dia? – Perguntou sua mãe, apressando-o.

– E o pai? Onde ele está?

– Ah, seu pai está com frescura...

– Ele está na cama ainda?

– Sim, não deixou nem eu abrir a janela do quarto.

Edir sentiu uma raiva indescritível apoderar-se dele. *Vagabundo!* Seu pai inventava uma doença para escapar do serviço pesado e deixar tudo em suas costas. Levantou-se da cama movido pela ira, sentindo até os cabelos doerem enquanto se arrastava, tentando vestir a bermuda.

– Mãe, acho que estou doente. Não consigo me mexer.

– Você também, moleque? Só me falta essa: dois marmanjos parados dentro de casa!

– A senhora é injusta mesmo, né? Tem alguma ideia do quanto trabalhei ontem?

– E você? Tem alguma ideia de que os armários estão vazios?

– Por que a senhora mesma não vai trabalhar, então?

A mãe de Edir voltou com um cabo de vassoura na mão, ameaçando-o:

– Você levanta dessa cama agora para trabalhar ou vai levar uma vassourada, moleque atrevido! Não viu que eu já estou lavando para fora? O que mais uma mulher sem estudo como eu pode fazer? Estou lavando, miserável! Lavando! Minhas mãos estão descamadas de tanto ficar no tanque esfregando roupa suja! A geladeira está com problemas, você viu? Não posso dar conta de tudo ou vou enlouquecer!

– *Problemas?* Mas ela ainda está na garantia! Não existe mais nada nesse mundo que dure pelo menos seis meses? Malditos chineses!

Sem opção, cansado demais para discutir, ignorou sua dor e saiu de casa mancando, sem tomar café da manhã.

**Trabalhou na obra apenas** uma hora quando sentiu seu corpo fraquejar e seu estômago roncar de fome. Decidido, largou o carrinho de mão com tijolos no meio do caminho e deixou a obra sem dizer nada.

Passou no banco para retirar um pouco de dinheiro e comer uns salgados na lanchonete. Com a poupança gorda que tinha era um absurdo trabalhar como servente de pedreiro, submisso a peões de obra. Logo estaria comendo caviar (se aguentasse o suplício de ter Margarete ao seu lado). Não

precisava submeter-se a serviços inferiores, mas sim encontrar um trabalho ao pai. Poderia até ajudar em casa, mas não iria sustentá-los de forma alguma. O segundo aluguel estava por vencer, e talvez não conseguisse fugir da obrigação de quitar essa conta. Esperaria até o último momento antes da ameaça de despejo para ver se seu pai conseguia um trampo. Até lá, não mexeria uma palha para peitar sozinho essa despesa. Se pagasse o aluguel uma vez, era bem capaz dos pais ficarem mal acostumados e esperarem sempre por ele.

Na rua do banco, parou um instante para pensar. Não queria voltar para casa depois de ter abandonado a obra, mas não tinha para onde ir. Talvez tirasse um dia para bancar o granfino, afinal, jantaria com os pais de Margarete em três dias e deveria se preparar para o evento. Não podia chegar lá na sexta-feira, depois de ter trabalhado o dia inteiro em uma obra, com aqueles respingos de cimento no cabelo que não saem no banho, com sujeira embaixo das unhas e as mãos ásperas. Que porcaria morar ainda com os pais! Devia ter saído de casa um ano antes, quando se formou no segundo grau. Mas para onde iria se não tinha dinheiro para nada? Podia ter cedido aos pedidos de Penélope e levado a escova de dente para a casa dela quando teve oportunidade. Penélope! Essa era a solução! Ainda estava caidinha por ele, sabia disso, pois ela andava se queixando de saudades por aí com os amigos que tinham em comum. Penélope estava em uma fossa tão grande que aumentara o número de porres do fim de semana, estendendo-os de quinta a domingo, na véspera de feriados e nos feriados, com amigos ou sozinha.

Se pudesse morar com ela por um tempo, diria aos pais que foi morar com um amigo, mas que continuava trabalhando na obra, assim seguiria tocando a vida como bem entendesse. Sua liberdade começaria no dia de hoje, e ia começar fazendo umas boas compras de roupas e sapatos sem precisar explicar-se aos pais. Entregaria todo sábado ou domingo o “dinheiro da semana” (que supostamente ganhava na obra) e pronto. Suficiente! Obrigações e consciência limpa! Já era maior de idade; o fato de prestar-lhes satisfação era mera questão de respeito. Nada mais. Pensou na grana que tinha depositado. Sentia tantas saudades daquelas notas que poderia sacar tudo de volta, apenas para contemplá-las.

Contido nos desejos, tirou quinhentos reais do banco para investir em roupas e sapatos, e assim, apresentar-se decentemente aos Brandão na sexta-feira como “namorado de Margarete”. Eca!

**Depois de devorar sete salgados** na lanchonete com uma coca e um café com leite, tomou o ônibus rumo ao centro. Comprou duas camisetas, uma calça jeans, uma calça de linho e sapatos imitação couro (pois custavam apenas um terço do couro legítimo). Passou por frente da loja de chocolates que Penélope adorava e pensou dez vezes antes de entrar. Seria de bom tom levar algo, mas os malditos chocolates embrulhados com papel vermelho que ela tanto adorava eram desgraçadamente caros.

Comprou um desodorante e uma colônia na farmácia antes de entrar no banheiro do shopping e trocou de roupa. Vestiu o jeans, uma das camisetas compradas na loja de surf, e calçou os sapatos novos. Deixou seus trapos no lixeiro. Lavou o rosto e as mãos na pia com muito sabonete, mas percebeu que fedia a sovaco. Tirou a camiseta, lavou as axilas e as secou com toalha de papel. Somente depois de passar desodorante e se perfumar com colônia, saiu.

**Chegou à casa de Penélope** muito asseado. Tocou a campainha três vezes antes de ela aparecer na porta coçando os olhos de sono, com um robe de seda por cima da camisola, onde o volume de seus peitos empinados aparecia.

- Ressaca, gata? – Perguntou de forma simpática, como se já a conhecesse de toda uma vida.
- Edir? Que horas são? Veio me dar bom-dia?
- Andei sabendo por aí que você está com saudades de mim, é verdade?
- Quem te contou isso? – Penélope perguntou com aquele jeitinho muito gente boa que só ela conseguia ter.
- Um passarinho verde... Não vai me convidar para entrar?

– Não. Você ainda está com aquela lambisgoia da Margarete Brandão?

– Como poderia continuar com ela se só conseguia pensar em você, Pepe?

– Sério? – Tentou confirmar, desconfiada, porém rendida ao charme dele. – Você foi muito cafajeste, sabia? Fiquei muito triste!

– Desculpa... fui um imbecil... – Edir forçou uma expressão de culpa e arrependimento sinceros.

– E essas roupas?

– Você não sabe ainda? Estou trabalhando nos finais de semana na produção de uma fábrica. – Ele já tinha bolado toda a mentira enquanto estava no ônibus. Dividiria os finais de semana na casa dos pais e com Margarete, sem levantar suspeitas com Penélope. – Tenho a semana toda livre, ganhando um salário normal. Não é demais?

– Poxa, que bacana! Produção de que, hein?

– Ah, produção de peças eletrônicas. Não adianta explicar, você não entenderia.

– Mas logo nos finais de semana? Que chato...

– Por outro lado, podemos ficar juntos a semana inteira.

Ela o olhou por um instante e abriu completamente a porta, com um sorriso de marfim:

– Então, você me perdoa?

Penélope o agarrou pela nuca e o beijou na boca, puxando-o para dentro. Fechou a porta atrás de si com um pontapé e esqueceu-se de toda e qualquer mágoa.

## Seis

Margarete passeava quase todos os dias pelas ruas do condomínio com seu cachorro *Johnnie Walker*, um exímio cheirador de cocôs. Enquanto passeava com o cachorro observava as mansões sem muros, todas novas, bem pintadas, gigantes. Achava extremante brega os quintais enfeitados com a Branca de Neve e os sete anões de jardim, enfeites assustadores, da época da pedra. Mais brega do que a Branca de Neve no jardim eram os sapos verdes de cerâmica, outro mau gosto imperdoável. Do que adiantava uma casa chiquíssima se a Branca de Neve ou o sapo verde enfeitavam o jardim da frente? Esquecia-se da Branca de Neve quando via os cocôs de outros cachorros na calçada, na grama dos terrenos baldios, nos jardins de casas sem muros. O pessoal de condomínio é educado e tão elegante que se sente ultrajado para catar o cocô do próprio cachorro. Eles têm tanta classe que preferem deixá-lo na rua, na frente da casa de outro, a mercê da chuva e animais. Eles o deixam como souvenir ao pessoal da limpeza que cedo ou tarde, terá que juntá-lo, ou ao dono da casa que teve seu jardim invadido. Margarete pensou em catar o cocô que não era de seu cachorro apenas para exercer seus deveres de boa cidadã do mundo. Chegou mesmo a fazer isso alguns dias, mas quando viu que eram muitos donos que deixavam cocôs por aí, ao contrário de seguir catando o cocô alheio, começou a deixar o seu. Johnnie fazia cocô e Margarete fazia que não via. Só percebeu o quanto foi burra ao catar o cocô estranho quando notou que era muito mais fácil não pegar cocô algum.

A construtora quis imitar Beverly Hills fazendo casas sem muros, esquecendo-se de que brasileiro é porcão e mal educado. Será que em Beverly Hills o povo pega o cocô de seus cachorros? Provavelmente sim. Brasileiro gosta de imitar o americano e o europeu em seus costumes, mas quando se trata de educação, não importa de onde venha, preferi fingir-se de morto; prefere fingir que tem educação falando sobre ela, jamais a demonstrando. Mal acabou de pensar sobre a falta de educação do brasileiro quando viu um carro passar em alta velocidade por ela. *Céus! Estamos em um condomínio fechado ou em uma pista de corrida?* A velocidade máxima permitida no condomínio é de 30 km por hora, mas ninguém respeita as placas, e só aliviam o pé do acelerador quando enxergam um segurança, pois ele tem o poder de multá-los. É, não adianta! Brasileiro não funciona com sutileza, placas e sorrisos moles. Brasileiro gosta mesmo é de ser mandado, coagido, ameaçado de multa, de cadeia, de processo... só assim ele respeita e funciona conforme as leis estatais, federais, regionais... Pois se depender só de placas, bons modos e virtudes cívicas, até o brasileiro nascido em berço verde e amarelo ao som do hino, mostrará, cedo ou tarde, que é mal criado e mal educado, sutil ou brutalmente.

Uma das principais vantagens em se morar em condomínio fechado é a segurança. Pode-se sair a qualquer hora do dia e da noite, sem necessidade de levar uma arma no bolso ou desconfiar de um barulhinho. No entanto, apesar da segurança máxima desse condomínio ser conhecida em toda região como impecável, restrita, e até mesmo um pouco abusiva, tudo isso também coincide com a sensação constante de se morar em uma cadeia. Mas dizem que para morar em São Paulo só há segurança de menos, nunca demais.

Empregadas que saem com sacolinhas também são revistadas, e não importa quanto tempo elas já trabalham na casa do condômino. Nenhuma criança, filha de morador, menor de dezesseis anos pode sair da portaria sem autorização expressa dos pais. Nenhuma empregada pode autorizar a entrada de outro serviço na casa, tais como jardineiro, pintor, encanador... se não o próprio morador. A casa pode estar inundada pela água de um cano estourado, com vazamento de gás, com goteira de chuva, entupimento de vasos... não adianta! Se a doméstica estiver sozinha frente a um perigo para ela ou para casa, sem que a patroa autorize e libere a entrada de estranhos na portaria, os seguranças não podem fazer nada além de seguir as regras impostas no estatuto do condomínio; entre elas, a segurança do morador está em primeiro lugar. O problema aqui é que os seguranças, em geral, associam a palavra

“segurança” apenas com ladrões, com *não moradores* que devem ser barrados na portaria se não tiverem todos os documentos de identidade em mãos e o endereço exato do condômino visitado. A portaria liga para o morador, e se por algum motivo ele não atende ao telefone, um motoqueiro é enviado até a casa para saber diretamente com o morador se a visita pode ser liberada. Os muros altíssimos são protegidos não somente com cacos de vidro, mas também com arame farpado e cerca elétrica, com seguranças que fazem a ronda por dentro e por fora, 24 horas ininterruptas. Margarete achava tudo isso muito exagerado, pois com tantos seguranças andando para cima e para baixo, cuidando das placas nas ruas, do gramado na praça, das árvores no parque, da tinta na pista de caminhada, eles já não distinguem a ameaça do lazer, e tudo passa a ser apenas ameaça, inclusive moradores desregrados.

Margarete já desconfiava de que estavam de olho nela, como se não fosse uma moradora, mas alguém propensa a cometer um erro punível e mutável, como pisar em uma grama que não podia ser pisada ou colocar o lixo para fora no dia em que o caminhão não passava.

Johnnie Walker queria caminhar pela pista de corrida pintada em vermelho, ao lado da academia de musculação ao ar livre (um espaço reservado no parque, onde equipamentos de ginástica ficam expostos). Margarete não caminhou pelo parque, apenas pela pista de caminhada. Havia dado apenas dois passos quando foi detida por um segurança que passava por ali em motocicleta.

– Hei, mocinha! Você não pode passear por aí com o cachorro. – A severidade da voz e sua postura austera, deu a impressão de que ele não era um segurança, mas sim, um capitão de Polícia, não só do condomínio, mas do Estado de São Paulo, do Sudeste do país, do país inteiro. Apesar de que o uniforme cinza, os óculos de abelha e o cabelo em corte panela, deixavam-no mais para um dos policiais da série “Chips” do que para um homem da lei.

– Oi? – Foi pega tão de surpresa que ficou sem reação. Detestava falar “oi?”, nesse caso, responder. Sempre que não tinha uma resposta, não entendia, ficava surpresa ou chocada, respondia assim. Repudiava, mas era inevitável. Por outro lado tampouco gostou ter sido chamada de “mocinha”.

– Você não pode andar com o cachorro aí.

– Por que não?

– Você não conhece as normas do condomínio? Não tem o estatuto? – Pelo visto o pobre não tinha ideia de que falava com a filha do Dr. Brandão, um dos sócios/donos do condomínio, chefe dele e de seus colegas. Chefe dos seguranças, dos porteiros, dos jardineiros, da administração, e do próprio estatuto.

– Mas é uma regra estúpida! Você quer me dizer que não posso caminhar pela pista com meu cachorro só porque alguém inventou essa regra? Consegue me dizer a razão?

– Olha, estou cumprindo meu dever. Regras são regras! Você deve cumpri-las se não quer ser multada.

Margarete acreditou que se o homem tivesse um cassetete, ele o teria mostrado, ou ao menos, passado a mão nele, em um gesto sincero e perfeito de afirmar que não queria ser contrariado, que aquele não era um bom dia.

“Tem gente que não pode mesmo ter um cocozinho de poder que fica babacona”, pensou. “É assim que ditadores pegam a força, manipulam massas, comandam soldados e matam por tabela. Charles Manson que nos diga, que gênio! Matou pessoas sem nunca ter tocado nelas... Esse segurança com cabelo de pinico seria um pupilo primoroso para Manson; mataria quem quer que fosse se tivesse um estatuto, uma regra que jamais discutiria o sentido, sendo ela boa ou má”.

– Mas você não consegue me dizer por que não posso caminhar com meu cachorro aqui? “Questionar” não faz parte do seu trabalho? – Talvez não fizesse parte do cérebro dele... refletiu, provocando-o um pouquinho. Queria saber até onde ele podia ir.

– Você está discutindo sobre as regras do condomínio? Fale com a administração se não está satisfeita! E tire já o seu cachorro daí!

– E se eles liberassem caminhar com o cachorro na pista, mas somente em posição de bananeira? Dono e cachorro caminhando de pernas para o ar! Você iria fazer essa regra ser cumprida à risca também?

Margarete viu o suor dele aparecer na testa. Acreditava que se tivesse baixado os olhos, acatado a ordem imediatamente ou mostrado medo, teria alimentado o ego e a tirania do homem. Não tinha a pretensão de provocá-lo, nem mesmo voltaria a caminhar com Johnnie Walker na pista de caminhada, mas era sua obrigação educar aquele soldado de Hitler.

– O que? Você está criando um caso aqui?

– Ah, quer saber? Nada!

– Como é o seu nome, mocinha?

De novo aquele descortês e pseudo pronome de tratamento: “mocinha”. E se não bastasse, justamente quando iria deixá-lo em paz, ele tentava intimidá-la perguntando seu nome.

– Isso é uma cantada? Por que você quer saber o meu nome? Como é o SEU nome?

– Alexandre.

– Alexandre do que?

– Alexandre Rocha.

Margarete estendeu a mão e o cumprimentou com aquele sorriso malicioso que aparecia vez por outra involuntariamente, descarado e irritante.

– Tenha um bom dia, Alexandre Rocha! Meu nome é Margarete Thatcher! Fique tranquilo, não voltarei aqui com Johnnie.

O homem ficou apreensivo quando a garota levantou a mão para cumprimentá-lo como se empunhasse uma faca na direção de sua barriga. Nunca tinha apertado a mão de ninguém ali, muito menos desse jeito esquisito. A retardada não entendeu que perguntou seu nome, não para conhecê-la, mas para adverti-la.

– Você também, Margarete Thatcher. Tenha um bom dia. – Respondeu secamente, sem ter gostado dessa conversa, e muito menos do sorriso dessa garota petulante que o faria ter pesadelos.

**Alexandre Rocha, o segurança**, foi chamado duas horas depois na direção. Margarete colocou Johnnie sentado na cadeira atrás da mesa de escritório da gerente do condomínio, enquanto ela se sentou em outra cadeira, ao lado do cão, para entregar pessoalmente os papéis de demissão ao segurança.

Ele mudou de cores várias vezes quando a viu ali sentada com o pulguinto, na cadeira da chefe.

– Que palhaçada é essa? – Perguntou, sem baixar os olhos desafiadores.

– Seus papéis de demissão, soldado! Você esqueceu que gentileza é fundamental na hora de aplicar regras. Aprovou um lado, mas reprovou no outro. – Margarete abriu um sorrisinho cínico de compaixão como se estivesse sensibilizada pela falha do homem. No fundo, percebia que tinham algo em comum: Enquanto ele lutava para que as normas prevalecessem, ela lutava para que a justiça fosse aplicada. Afinal, de acordo com os valores e ensinamentos repassados pelos pais a ela, delinquências deviam ser castigadas conforme sua gravidade.

– Quem é você?

– Oh, eu não me apresentei? Desculpe! Que grosseria a minha... Margarete Brandão, ao seu dispor! – Ela não esticou a mão para se apresentar, pois teve certeza de que o segurança não a tocaria.

– Margarete Brandão? Mas naquela hora você me deu outro nome! Mentiu pra mim, foi?

Silvanete, a gerente administrativa do condomínio, que teve a mesa roubada pela filha do patrão e seu cachorro com nome de uísque, assistiu horrorizada a desforra da garota. Margarete chegou ao escritório dizendo que o segurança fora extremamente rude com ela:

“... Quase um nazista!”

Essas foram suas palavras. Tinha autorização do Dr. Brandão para colocá-lo no olho da rua, e a



exigência de querer fazê-lo pessoalmente. Coibida, Silvanete teve que ceder não somente sua cadeira, como também o papel que lhe competia no tocante às demissões.

– Silvanete... Isso é verdade? Vocês estão de brincadeira? – O segurança recorreu à única chefe que conhecia, exigindo uma explicação sobre a palhaçada. Se era alguma espécie de pegadinha, que a câmara saísse logo de trás da moita, pois não tinha achado a menor graça. Aliás, não achava graça de nenhuma pegadinha que passava na TV, pois eram apelativas, mal elaboradas, copiadas do exterior, atuadas por péssimos atores; e em sua grande maioria, combinadas com as vítimas. O nome das pegadinhas na TV deveria se chamar “pega otário”. Quem participa e quem vê: Todos otários! Se Margarete soubesse que o segurança pensava assim sobre as pegadinhas da TV, certamente não o consideraria tão estúpido.

Ele olhou para os lados, esperando que a brincadeira terminasse, que Silvanete começasse a rir, que o diretor desse filme de mau gosto saísse de trás da porta batendo palmas, que o cachorro pulasse da cadeira e Margarete tirasse a máscara revelando ser a megera de sua ex esposa..., mas nada aconteceu. Silvanete e o sorriso daquela garota ficaram paralisados em uma imagem estável.

Os papéis já estavam prontos.

– Assine aqui, Alexandre. Eu sinto muito. – Silvanete sequer conseguia encará-lo nos olhos.

– Eu vou procurar meus direitos! Isso não vai ficar assim, não! – Bradou, pensando em pular no pescoço da garota atrás da mesa.

– Procure seus direitos, meu caro! Se formos ao tribunal, Johnnie servirá de testemunha contra você.

– Johnnie? O seu cachorro? Tá bom! Já entendi o recado! Vamos parar com a palhaçada agora. Você está me dizendo que os direitos de seu cachorro pulguento são mais importantes do que os de uma pessoa e o emprego dela?

– Sim. – Respondeu Margarete, travessa, embora não pensasse dessa forma.

Não gostava de humilhar pessoas de forma alguma, mas esse cara, vestido com um uniformezinho de Rambo era perigoso. Não gostou dele e da forma como falou com ela. Não gostava das regras do condomínio e nem dos palhaços que a seguiam à risca, transformando a privacidade e o lazer de se viver em um lugar como esse, em uma prisão de luxo. Começaria com o palhaço a sua frente em suas ambições de extermínio de todos os seguranças babacas. Logo, quando assumisse um lugar na administração, faria um estatuto novo, revigorado e flexível, proporcionando aos condôminos mais liberdade, sem afetar a qualidade da segurança (não muito).

Disfarçando o quanto se sentia humilhado, o segurança assinou o papel e deixou a sala, com seus olhos cheios de ódio.

## Sete

O Dr. Brandão não gostou nadinha de saber o que Margarete fez. Por sorte, ela foi a primeira a dar-lhe a notícia, antes que a mesma chegasse deturpada nos ouvidos dele:

– Papai, despedi um segurança hoje!

– Você o que, menina?

– Despedi um...

– Eu escutei muito bem! Só não estou acreditando. Por quê? Como assim? Você agora é chefe aqui para colocar pessoas na rua?

– Não sou chefe, mas sou filha dele! – Falou com orgulho e deu uma risadinha. – Papai, estou cuidando do lugar onde moramos. Embora não trabalhe ainda para o senhor, já comecei a praticar. Dizem que despedir uma pessoa é o mais difícil em uma posição de chefia; nesse caso, estreei muito bem, pois comecei pelo mais difícil, achando o “difícil” na verdade muito fácil.

– E posso saber a troco do que você fez isso? Não vá me dizer que foi apenas para praticar tirania! Como Silvanete acatou ordens suas? Ela enlouqueceu?

– Não. Ela foi bem sensata. Se não acatasse ordens minhas colocando o segurança babacão na rua, perderia o próprio emprego.

O Dr. Brandão bateu na testa, exaltado.

– Você ameaçou a Silvanete também?

– Não diretamente... Um verdadeiro líder não precisa ameaçar, suas ordens são atendidas sem uso da força.

– Ora, é mesmo? E onde você aprendeu isso? Em algum fragmento do Sun Tzu?

– Não. A autoridade corre espontaneamente por minhas veias.

– Margarete Brandão! – Ele gritou: – Pare imediatamente com essa palhaçada! Nós dois sabemos que você não tem qualquer *autoridade espontânea* nesse seu sangue de barata, e que não passa de uma menina mimada querendo chamar atenção. Por que você o despediu?

– Porque ele foi rude, mal educado, e abusou desse poderzinho de xerife em nome da segurança, destratando-me.

– Ele a destratou?

– Sim. Falou comigo como se fala com um delinquente, apenas porque eu passeava com Johnnie em uma *zona proibida*.

– Bom... – ele pensou por um instante, dubitativo. – Não concordo com essa prática de sair por aí despedindo funcionários no primeiro deslize que dão, sem oportunidade ao menos de receberem um cartão amarelo. – Como se tivesse focado na última informação, confirmou: – Você quer mesmo trabalhar para mim?

– Ora, é claro, papai! Serei seu braço direito! Sua dama de ferro eloquente!

– Não precisa exagerar, querida...

– O senhor está bravo comigo? – Perguntou astuta, sabendo que seu pai já estava convencido de suas habilidades aos negócios da família.

– E como poderia? Você sabe muito bem se safar de suas traquinagens, não?

– Papai! Não fale comigo como se eu fosse uma garotinha. Logo estaremos falando de negócios como parceiros. Não quero privilégios por ser filha do senhor, ouviu?

– Ah, não? – Ele achou muito engraçado o que ouviu. Não fazia qualquer sentido. – E quando você chegou hoje na Silvanete despedindo o segurança, não foi em meu nome que fez isso? Não usou de privilégios por ser minha filha?

– Bem, é que não somos parceiros oficiais ainda... só por isso não disse que sou “a Brandão”,

mas sim a filha dele...

– Você não tem jeito! Acho que sempre será a filhinha do papai mesmo, embora diga que não.

– Então me dá um beijão aqui, papis! – Ela o agarrou pelas bochechas e o beijou na careca várias vezes. Era a única criatura no mundo com a audácia e direito de fazer o respeitável homem de negócios parecer um bobalhão. – Vou me arrumar agora, tá? E o senhor trate de se comportar muito bem no jantar de hoje com o Edir! Nada de formalismos e ostentação! De preferência, coloque havaianas e camiseta. Não ouse chegar à mesa de terno!

– Margarete! Não abuse!

## Oito

Edir chegou com seus sapatos de couro falsos, porém novinhos, vestindo camisa e calça de linho. Estava de banho tomado, cabelos brilhantes de gel, e perfumado (talvez um pouco de mais). Queria causar boa impressão. Chegar naquela casa onde um dia trabalhou como jardineiro, de nariz erguido, sendo um Brandão mais, ou nesse caso, um convidado de sobrenome Silva, namorado da filha dos anfitriões.

Ficou muito sério quando passou pela porta da sala depois de ser atendido pela empregada. Maldita Margarete! Nem para se dar ao trabalho de ir recepcioná-lo, ela se deu. Agora teria que passar pelo constrangimento de ficar ali parado, correndo o risco de ser abordado pelos pais dela com conversas idiotas. Deveria ter levado alguma coisa? Talvez uma garrafa de vinho? Uma caixa de bombons? Como saber? Certamente eles não tomavam nenhum tipo de vinho vendido em supermercados, nem comiam bombons *Garoto*. Ainda que quisesse aparecer com um presente nas mãos, o que levaria? Como agradar essa gente luxuosa que tem o costume de encomendar e consumir coisas do exterior? A única bebida do exterior que ele conhecia eram vodcas russas com nomes de mulheres, bem baratas por sinal. Uma garrafa de vodca “russa” é mais barata do que um litro de leite, comparou. Talvez não fossem mesmo russas ou do contrário não seriam tão baratas. Para consumir produtos importados no Brasil todo mundo sabe que se paga dez por cento pelo produto e noventa por cento em taxas que o governo brasileiro inventa. Aí, o produto fica absurdamente oneroso, e o povão acaba concluindo que *importado* tem mais qualidade que *nacional*, incondicionalmente; afinal, o que vem de fora é mais caro, e o mais caro é sempre melhor...

Agora ele estava ali empacado, pensando sobre vodcas que são russas apenas no nome da garrafa, começando a suar, sentindo o cheiro da transpiração que o nervosismo lhe causava. Mas não se deixaria intimidar por esses granfinos. Precisava apenas focar a ideia de que agora não era o filho do Silva, mas um deles. Lembrar que aquele velho babaca despediu a ele e ao pai dele, injustamente, sem qualquer consideração. De que já tinha comido a filha do Dr. Brandão de trás para frente e que nem ela ou os pais dela mereciam seu respeito. De que em breve abriria um estacionamento no centro da cidade e ficaria rico. Ah sim! Poderia conversar com aqueles palhaços de igual para igual. Que metessem todo o dinheiro nas Bahamas, pois ele tinha o suficiente para não precisar humilhar-se ou se sentir-se inferior. Eles queriam rebaixá-lo? Pois mostraria sua dignidade!

Desde o princípio achou estranho essa mutreta de “jantar”. Que história foi essa? Em sua vida quando alguém quis brindar algo sempre foi com álcool. Duzentas cervejas e meia linguça. É assim que a coisa funciona em São Paulo: Muita bebida, nenhuma comida. Encher a cara sempre é mais importante do que comer. E no final, todos terminavam rindo, fazendo grandes laços de amizade, sem formalismos ou frescura.

Merda! Está suando embaixo do sovaco feito louco! O desodorante promete durar 24 horas, mas não dura sequer 24 minutos. Deve ser chinês também! Não existem mais produtos como antigamente. Nada cumpre mais as promessas da propaganda ou etiqueta. Continua a divagar, apreensivo com tanta transpiração. Deve ser praga de pobre, pois nunca viu rico pingar de suor.

Qual será o menu? Certamente algo sofisticado o bastante para ele se embananar com os talheres e virar motivo de piada. Essas raposas estão obstinadas a lhe humilhar! Entende isso agora, enquanto espera e transpira. Jamais deveria ter aceitado o maldito convite. *Meu Deus, o que estou fazendo aqui?* Se o Dr. Brandão e sua senhora acreditam que ele será humilhado, estão muito enganados! Os pensamentos de força interior e motivação deveriam dar-lhe confiança, mas ao contrário disso, deixam-no uma fera. Está ofendido e prostrado antes mesmo de ter visto ou ouvido uma única palavra da família.

Diferenças sociais servem não somente para separar classes, mas também para estimular a raiva,

o medo e a aversão de um contra o outro, pois afinal, enquanto uma classe é A, no topo da pirâmide, a outra é E, F, G, na base. Enquanto uma está em cima, a outra fica embaixo. Enquanto uma esbanja, a outra contém. Enquanto uma emprega, a outra é empregada. E agora ele está ali, parado, esperando a classe A dar o ar da graça, controlando os pensamentos, a raiva, o despeito, o sentimento de pobreza gratuito que todo esse sistema de merda o brinda, fazendo-o sentir-se não uma pessoa, mas uma parte de um grupo D qualquer, do qual não pediu para participar.

**O senhor e a senhora Brandão** descem as escadas, desculpando-se por fazê-lo esperar.

– Filho, você não se sentou? Não lhe ofereceram nada para beber?

Pergunta o Dr. Brandão, muito mais educado e gentil do que Edir poderia supor. Talvez a empregada tenha perguntado algo a respeito. Ah, sim, agora se lembra: “Você aceita beber algo?”. Mas estava tão nervoso que não a respondeu.

O casal o cumprimentou muito afavelmente apertando-lhe a mão. Estavam vestidos de maneira informal, e até o cabelo da mãe de Margarete, que antes nunca mexia, essa noite tinha certo movimento.

– Aceita uma cerveja? – Perguntou o Dr. Brandão, levando-o ao sofá. – Não sei o que vocês jovens andam bebendo ultimamente.

– Uma cerveja seria ótimo! – Aceitou, tentando ser educado e disfarçar o nervosismo.

– A Margarete já vai descer. Ela se atrasou um pouco porque saiu para passear com o cachorro, mas já está quase pronta.

– Imagina, sem pressa! – Respondeu Edir, fingindo que aquele atraso e o fato de ela não estar ali para recebê-lo fosse aceitável.

– E o seu pai, como ele está? – Perguntou o doutor enquanto enchia seu cachimbo de tabaco.

– Na verdade, não muito bem... Ele não conseguiu mais trabalho desde que saiu daqui, quer dizer... – Edir falou propositalmente – desde que o senhor o despediu.

Ao ver o olhar sério do Dr. Brandão, Edir se posicionou com seus olhos de fera, pronto para desafiá-lo se fosse preciso.

– Mas pelo menos não está passando necessidades, não é mesmo?

– Sem trabalho, como o senhor pensa que não estaria passando necessidades? – Aproveitando-se da ocasião de piedade e preocupação que o velho demonstrava, Edir cogitou a possibilidade de, quem sabe, baixar as armas e se beneficiar levando um extra para casa. De preferência, dólares! Agora sabia que ele os tinha guardado em um cofre na casa.

– Mas e o dinheiro que mandei, não ajudou em nada?

Por um instante, confuso entre o dinheiro que Margarete lhe entregou e o cheque que recebeu do motorista, vacilou. Tentando proteger os dólares que ganhou (em absoluto segredo), indagou:

– Que dinheiro?

O Dr. Brandão pareceu consternado.

– Ora, o dinheiro que enviei!

Pensando que talvez o Doutor estivesse armando para ele, tornou a perguntar, fingindo-se de desentendido:

– Que dinheiro?

O Doutor Brandão soube que Silva estava passando por dificuldades, que vendera o carro e sequer conseguia pagar o aluguel. Não entendia como isso poderia ter acontecido tão rápido. Sabia que dez mil reais não fariam milagres, no entanto, impediriam que o jardineiro entrasse em decadência da noite para o dia. Talvez o garoto sentado a sua frente estivesse ridicularizando o valor que enviou a eles, e por isso ficava repetindo: “que dinheiro?” “que dinheiro?” Como se dez mil não passassem de uma merreca. Por outro lado, frente às dificuldades que Silva enfrentava, e sabendo que Edir não contara à Margarete que recebeu dez mil, averiguou uma vez mais:

– Edir, enviei pelo Xavier um envelope; você o recebeu?

Margarete apareceu na sala depois de descer correndo as escadas, como se estivesse com um foguete no rabo.

– Edir! Você já está aqui! Como raios ninguém me avisou?

Ao mesmo tempo Dona Alissa entregava uma cerveja a Edir e censurava Margarette severamente:

– Margarette Brandão! Quantas vezes tenho que dizer para você não chegar espreitada e não falar assim quando tivermos visita?

– E quando estivermos a sós, posso?

Dona Alissa preferiu ignorá-la. Estava ficando velha demais para as respostas rápidas da filha e seu infinito comportamento criança.

Margarete quis dar um beijo em Edir, mas percebeu que ele estava suando, e tanto ele quanto seu pai se encaravam com cara de poucos amigos.

– E aí? Do que vocês estão falando? – Perguntou sem saber se sentava ao lado de Edir e lhe beijava, ou se antes averiguava se a coisa estava tão mal quanto parecia.

– Espere um pouquinho, filha. – Aproveitando-se que Margarette estava ali, o patriarca fez questão de reformular a pergunta completa: – Você recebeu o dinheiro, os dez mil reais que mandei ao seu pai?

Edir suave mais do que antes. Recebera dinheiro tanto da filha quanto do pai. Um não sabia da existência do outro. O que Margarette diria se soubesse dos dez mil reais? Talvez então quisesse os dólares de volta para repô-lo no cofre e não ser descoberta. Seria mais do que justo. Mas doze mil dólares valiam muito mais que dez mil reais. O que seu próprio pai diria se soubesse que embolsou sozinho (sem nunca dizer uma única palavra) o dinheiro que o Dr. Brandão enviou a ele? Agora estava ali, sendo pressionado a assumir e revelar porque seu pai passava necessidades se, supostamente, deveriam ter um dinheiro de segurança. Que burro! Ao invés de ter chorado pitanga dizendo que seu pai não tinha conseguido outro trabalho ainda, tentando fazer o velho sentir-se culpado, deveria ter dito que ele andava muito bem, trabalhando por conta própria, pensando em abrir uma empresinha de jardinagem. Estava definitivamente em maus lençóis. O Dr. Brandão não sabia que Margarette lhe deu dólares, Margarette não sabia que o pai dela lhe enviou reais, mas ambos entendiam agora que seu pai passava necessidades por nunca ter visto sequer a sombra desse dinheiro, nem de um nem de outro.

Convicto de que a melhor solução seria se fazer de desentendido, alegou:

– Dez mil reais? Uau! É muito dinheiro! Não, não recebemos nada.

– Tá vendo, papai! Eu disse ao senhor!

Margarete o defendeu, aliviada. Uma das características que mais admirava em Edir era sua honestidade de pobre, sempre inquebrantável e correta. Lembrou-se de como teve que insistir para ele aceitar os dólares, e de como teve que se atirar aos pés dele para ser percebida. Mesmo sendo uma herdeira Brandão, precisou fazer mil investidas para ele olhá-la de outra forma e aceitar ter algo com ela. Se fosse um interesseiro, ao contrário de ser sido seduzido, teria sido o sedutor. Queria terminar logo esse assunto, pois se seguissem falando de dinheiro pra cá e dinheiro pra lá, Edir poderia meter os pés pelas mãos e acabar contando sobre os dólares. Aí sim estaria enrascada.

Decidida a terminar logo esse assunto, bradou com todas as letras, acusando levemente o motorista:

– Então, se Edir não recebeu nada, agora sabemos quem meteu a mão na grana!

Edir queria mandá-la calar a boca. Céus, como ela o irritava! “Meter a mão na grana!” Era isso que falavam às suas costas? Tratando-o como um ladrãozinho de bosta? Um borra botas desqualificado? Margarette falava em quem “meteu a mão na grana” como se o inocentasse de algo. Tendo em vista esse péssimo começo, como continuaria a relação que tinha com ela? Primeiro fora o serviçal da família,

depois, no primeiro encontro formal com os pais de sua namorada, era questionado sobre o dinheiro que GANHOU, obrigado a escutar essas palavras: “meter a mão!”. Que ultraje! Era quase como se ele não estivesse ali. Afinal, tudo que havia pensado sobre eles fazia sentido. Por um milésimo de segundos o casal Brandão quase o enganou, e por essa fração de tempo, quase acreditou que eles pudessem ser legais, e não os monstros que imaginou. *Então Margarete sabia que eu seria julgado nesse jantar? Claro que sabia! A pata é filha deles!*

– Então, você não recebeu o dinheiro, filho?

Edir queria que ele parasse de chamá-lo de filho. Que família aporrinhadora! Estava em um tribunal onde o Dr. Brandão o interrogava, a mulher dele o julgava, e Margarete o defendia. Juiz, jurado e advogado. Ele era o réu. Logo seria decretada sua sentença de culpado ou inocente. Não estava disposto a baixar a cabeça e ser acusado dessa forma. O Dr. Brandão era o vilão ali. Se o velho não os tivesse dispensado por causa de uma mentira deslavada, não estaria em semelhante situação; não teria se envolvido com a esquisita da Margarete, não teria sentido o sabor da ambição e avareza ao ter experimentado o gosto de, de repente, ter uma conta gorda no banco. Sua única cobiça em um tempo remoto foi de ser o motorista da casa. Um reles motorista uniformizado! Tomar café na cozinha com biscoitinhos... Mas não! Agora, por causa do dinheiro deles, sonhava em ser empresário, em ter estacionamentos espalhados pela cidade, em ser rico e comer caviar. Era tudo culpa dessa família manipuladora: seus sonhos, sua conduta oportunista, as mentiras que começava a inventar e tudo aquilo que precisou manter oculto para proteger o que recebeu. Mandaram dinheiro para salvá-lo sem saber que o tinham condenado a desgraça. Fizeram com que provasse o sabor do poder, sonhando pela primeira vez com a independência, permitindo-o construir planos ousados, mas nesse instante, queriam tirar-lhe tudo que idealizou para o futuro. Pensando por um lado mais realista, convenceu-se que não roubou nada. Tudo foi recebido deliberadamente da mão deles, por livre e espontânea vontade. Era justo e concebível que essa família pagasse pela enorme injustiça que cometeram.

Impassível, encarou a decisão que tomara minutos antes de negar terminantemente a existência dos dez mil reais:

– Não recebi dinheiro algum, e se vocês acham que estou mentindo, não tenho razões para ficar aqui. – Disse isso e se levantou, colocando sua cerveja na mesa, bastante ofendido.

Margarete correu para o lado dele e o pegou pelo braço.

– Não seja uma fera ferida, animalzinho! – Tentou brincar com a braveza dele, inocente, desconhecendo todos os pensamentos de inferioridade que o torturavam. Se soubesse disso, jamais o teria chamado de “animalzinho”. – Não fique zangado! – Ela pediu, incapaz de reconhecer a seriedade da situação: – Papai já entendeu que o dinheiro que ele enviou nunca chegou a vocês. Ponto final. Não foi nenhuma barbaridade perguntar, né? Não vamos fazer disso o fim do mundo!

Edir a fitou, perturbado, sentindo mais ódio dela nesse momento do que jamais antes sentiu de alguém. Como essa garota palhaça ousava chamá-lo de “animalzinho”? Com que direito? O que ela estava pensando? Que ele era uma peça de circo da qual podiam brincar e rir? Se o casal de idiotas Brandão não estivesse ali presente, não teria segurado o peso de sua mão na cara da petulante.

Percebendo que Edir estava muito arredio, Margarete suplicou juntando as mãos na frente do rosto:

– Gente, por favor! Chega desse papo agora! Vamos comer ou não? Vamos nos divertir, pessoal!

Margarete era a única a não perceber que o clima não estava para diversão alguma. Ou ela o fazia a propósito ou era realmente muito inocente, pensava Dona Alissa, apiedando-se da filha.

– Edir – O Dr. Brandão continuou, sem dar-se por satisfeito, apesar da súplica de Marga: – Se você não recebeu o dinheiro que enviei, terei que mandar o Xavier embora, pois ele se apossou daquilo que não tinha direito, e cometeu um crime. Terei que acusá-lo de roubo. Você percebe a gravidade da situação? – O Doutor aclarou de forma explícita, certificando-se de que Edir entendia exatamente o que

iria acontecer.

Edir engoliu em seco. Gostava de Xavier. Jamais pensou em prejudicá-lo. Meu Deus! Uma vez mais gritou para dentro: “Maldita família de urubus!”. Agora precisaria implicar um cara do *bem* em defesa própria. Era o motorista ou ele. Não dava mais para voltar com a palavra. *Por que compliquei tudo? Por que não disse que recebi o dinheiro e pronto? Margarete ficaria sabendo que recebi uma grana do pai dela também, mas e aí? Ela é tão tonta que provavelmente nem pediria os dólares de volta!* Era um risco que poderia ter corrido. Mas e agora? Percebeu que havia ferrado com tudo. O pobre Xavier pagaria o preço dessa trapalhada sem pé nem cabeça. Mas pelo menos seu dinheiro continuaria protegido, rendendo *um jurinho* no banco.

– Faça o que o senhor achar melhor! Pelo que vejo, o senhor não tem muitos problemas em demitir empregados. Um a mais um a menos... – Disse, sem perder a oportunidade de falar sobre “demissões” justamente com o cara que despediu a ele e ao pai dele, depois de anos na casa.

– E pelo que eu vejo, você nunca me perdoará por isso, não é mesmo? – Notando que o garoto o encarava com ódio, o Dr. Brandão tentou se justificar: – Edir, o que aconteceu foi um enorme erro da minha parte. Um deslize sem precedentes que eu gostaria de consertar. O que posso fazer para me redimir?

Edir não gostava do rumo da conversa, mas pelo menos começavam a sair da lengalenga sobre o dinheiro, e com sorte tudo seria esquecido, inclusive a penalidade ao motorista.

– Meu pai sempre gostou muito de trabalhar aqui, se o senhor quer saber. Sempre cuidou do jardim dessa casa e falou da família Brandão com respeito e lealdade. Não merecia passar pelo que passou. E mesmo que fosse verdade o que Margarete disse naquela circunstância, o castigo deveria ter sido aplicado a mim, somente a mim, e não ao pobre que não teve nada a ver com isso.

– Você está coberto de razões! Por isso quero refazer o erro. Vou mandar chamá-lo aqui, desculpar-me com ele e oferecer seu trabalho de volta. O que você acha?

Ao ver que a esposa entrava com o cabeção gigante do Xavier na sala, o Dr. Brandão completou:

– Mas antes quero que você diga ao Xavier que não recebeu o envelope que enviei.

– Ah, gente! Isso é mesmo necessário? – Relutou Margarete, impotente.

*Malditos! A velha foi buscar o Xavier para me intimidar!* Edir estremeceu ao ver a carota do bom motorista; o cara que ficou com os olhos cheios de lágrimas quando falou sobre a situação deles e entregou um cheque naquele dia. *Não quero nem saber. Agora será palavra contra palavra. Vou dizer na cara dele que não recebi dinheiro algum.*

– Xavier – Continuou o patriarca, resoluto a desmascarar o garoto na frente de sua filha: – Você entregou o envelope ao Silva?

– Não senhor. Não entreguei a ele, mas o entreguei ao Edir. – O motorista respondeu muito convicto, sem piscar um olho ou gaguejar uma palavra sequer.

– Você tem certeza?

– Toda certeza do mundo.

*Esse Xavier é mesmo muito cara de pau!* Embolsou o cheque, mas estava ali com aquela cabeça grandona, acusando seu namorado de ter pegado o tal envelope. Margarete ficou apreensiva com o enfrentamento. Abominou seus pais por fazerem Edir passar por isso justamente no dia em que era convidado para jantar. Comida que era bom, nada! Só blábláblá. Dinheiro aqui, dinheiro ali. Edir começava a ficar novamente com aquele olhar de fúria nos olhos, e ela não gostava nadinha disso. Gostava sim daquele jeitinho sério dele de garoto trabalhador e honesto, mas esse olhar de fera na jaula, realmente não gostava nem um pouco. *Isso vai dar merda!* Teve certeza, afinal, seu pai teria que despedir Xavier imediatamente. Por mais que o motorista tivesse se apossado do dinheiro que era do pai de Edir, Edir do jeito que era, ficaria desconfortável com a situação e jamais voltaria ali. Mas se Edir não fosse idiota, perceberia que com o desmascaramento de Xavier, o pai dele teria dez mil reais a recuperar.



Chegou a sorrir com a ideia.

Edir ficou branco. Tentou ter a mesma convicção do motorista, mas perdeu o rebolado. Por um instante, ficou sem fala. Xavier nem jurou pela morte da própria mãe não ter roubado o dinheiro. Apenas disse: “Tenho toda a certeza do mundo”. E ponto final. Não incrementou com a verdade em nome de seu próprio cadáver, com um raio em sua cabeça, em nome dos filhos. Nadinha. “Tenho toda certeza do mundo”. É só isso? Nada mais? Como alguém pode acreditar em uma *certeza* tão fraca e incompleta como essa?

– Pela última vez vou dizer: Não recebemos dinheiro algum! – Afirmou severo, controlando-se para não jurar em nome de todos os santos.

– Então, mesmo sabendo que o Xavier pode terminar na delegacia, você afirma não ter recebido o dinheiro?

Uma vez mais Edir engoliu em seco. Seu estômago deu tantas voltas que ficou com um gosto amargo de fel na boca. A raposa velha sabia de algo. Claro que sabia! Ou do contrário não o testaria desse jeito.

– O que o senhor quer dizer? – Perguntou, ainda fazendo-se de desentendido.

– Papai! Basta! Aonde quer chegar com tudo isso? – Interferiu Margarete, colocando-se ao lado do namorado.

– Só quis dar oportunidade ao Edir de contar porque ficou com o dinheiro que enviamos ao pai dele. E porque também, mesmo sabendo que o Xavier seria implicado gravemente nessa história, não voltou atrás para nos dizer a verdade. Insisti apenas para não cometer mais um erro. Porém, mesmo com toda minha paciência, Edir se mantém firme em negar.

– Papai! Eu nunca vou perdoá-lo por isso! – Margarete gritou, começando a chorar. – Edir já disse a verdade! O que o senhor quer mais? É por causa do nosso namoro que o senhor está fazendo isso? Não quer me ver feliz?

– Claro que eu quero, querida! Muito! Mas também quero entender porque o Edir está mentindo e deixou o pai dele passar por dificuldades.

– Ora, eu vou embora daqui! Vocês que se fodam! – Edir berrou, empurrando Margarete para longe. – Acreditem no que quiserem! Não tenho porque ser acusado de nada!

– Você enlouqueceu de vez? – Margarete gritou, horrorizada com o linguajar que Edir usou na presença de seus pais. – Desculpe-se agora mesmo ou teremos problemas!

– Aqui, Edir! – O Dr. Brandão estendeu a cópia do banco que mostrava a assinatura e o número de identidade dele ao descontar o cheque. – Meu filho, como você pode negar dessa forma. Esqueceu quem assinou isso?

Margarete arrancou o documento da mão do pai. Nada disso era grave, afinal, seu pai mandou o dinheiro à família de Edir. Foi um presente, não um roubo! Porém, por que Edir negava ter recebido o cheque? E por que estava tão atormentado e desrespeitoso?

– Edir! Por que você está mentindo? E aquele dinheiro que eu te dei? Também não deu para o seu pai?

– Que dinheiro, filha? – O Dr. Brandão levantou uma sobrancelha, apreensivo e desconfiado.

Edir olhou para a porta, pensando em correr. Como era de se esperar, a bocuda falou demais. Onde estava com a cabeça quando confiou no sigilo de uma mulher? Mesmo estando ela própria implicada no *crime*, não fazia sentido...

– Sua idiota! Fiz tudo isso para protegê-la e agora você abre a boca!

– Que dinheiro, Margarete? – Dessa vez, o patriarca estava realmente enfurecido.

Margarete começou a chorar.

– Nenhum, papai...

– Fale agora! Estou mandando! Pois parece que nosso amigão aqui aceitou dinheiro duas vezes,

mas em nenhuma delas o pobre Silva viu sequer a cor. Quer ficar rico, Edir? De quanto dinheiro estamos falando aqui?

Edir tentou correr, mas o Dr. Brandão se colocou na frente dele com o corpo. Antes que o motorista ou Margarete pudessem fazer algo, Edir empurrou o Dr. Brandão no chão e saiu correndo.

– Liguem para a portaria agora! Não o deixem sair daqui!

Edir estava por cruzar a porta quando ouviu isso. Pensando no vexame de ser barrado pelos seguranças, parou por um momento, limpou o suor da testa com a mão e voltou para a sala.

– Você empurrou o meu pai, seu babaca! – Margarete gritou, consternada, odiando Edir por tudo. Principalmente, por vê-lo como um estranho endiabrado, um mentiroso e enganador do qual não reconhecia.

– É melhor ele ir embora! – Asseverou Dona Alissa, e olhou Edir diretamente nos olhos: – Não queremos mais sua presença selvagem aqui, garoto! O que você fez é imperdoável!

– Desculpem, me perdoem por tudo... – Pediu, cabisbaixo, ajudando-os a levantar o Dr. Brandão.

Recompondo-se com um copo de água que a governanta trouxe, o Dr. Brandão perguntou:

– E então, quer contar o que aconteceu?

– Posso me sentar? – Perguntou sem esperar resposta, sentando-se de volta no sofá, e iniciou sua difícil confissão: – Bem... A Margarete foi a primeira pessoa a conhecer nossas dificuldades. Não conseguimos mais trabalho desde que saímos daqui; as contas não paravam de chegar, precisamos vender o carro... Não foi nada fácil aceitar o dinheiro quando ela chegou lá oferecendo, mas por outro lado, vocês nos deviam. O senhor ainda não sabia que ela tinha armado uma arapuca para mim. Margarete simplesmente inventou umas baboseiras sem sentido e o senhor caiu feito um patinho; no dia seguinte eu e meu pai estávamos na rua. Minha mãe não me perdoa até hoje por isso, pois acha que a culpa de termos perdido o trabalho foi por minha leviandade. Vocês mandaram dinheiro para nós, mas algum dia foram até lá se desculpar? Meu pai está de cama, arrasado! Nem sei se vai conseguir se recuperar de tamanha humilhação! Quem paga isso? O dinheiro que a Margarete me deu ou o senhor? Quer saber da verdade? Achei pouco o que nos deram! Pouquíssimo! No entanto, mesmo depois de tudo que sofremos; agora vocês fazem parecer que eu roubei esse dinheiro, e que o vilão da história sou eu! Um bandido! É assim que fizeram eu me sentir hoje! Mas eu não roubei nada! Percebem isso? Só quis fazer uma poupança para o futuro. Nada mais! Quem nunca teve tanto dinheiro não entende o que é senti-lo como eu o senti. E quem sempre teve muito dinheiro como vocês, também não sabe a sensação que é tê-lo uma única vez! A situação não saiu como eu esperava. Aliás, nunca pensei que um dia seria chamado para jantar aqui, que um dia namoraria a Margarete, e que entraria pela porta da frente. Não pensei que a questão do dinheiro fosse levantada essa noite. Também não sabia que se tivesse que falar sobre isso, eu mentiria. Nada aqui foi planejado, e talvez por isso as coisas saíram do controle e tomaram o rumo errado. Querem a verdade? Aí está! Façam com ela o que bem entenderem. Podem me julgar e censurar, jogar pedras nas minhas costas. É isso aí, família Brandão! Parabéns para vocês!

Edir deixou os anfitriões surpresos. Margarete meditava sobre tudo que escutou, consternada, sem conseguir dizer algo. Sua mente trabalhava aflita.

– Afinal, ser sincero não é tão difícil, não é mesmo? – Perguntou o Dr. Brandão retoricamente. – Nem sempre a mentira é o caminho mais fácil, filho.

– Claro, o senhor não é um ferrado igual eu sou! É muito fácil pagar de bonzão assim!

– Como você é despeitado, Edir! – Disse Margarete, odiando-o a cada palavra que saía da boca dele, um pouco mais. – Controle esse linguajar chulesco na frente do meu pai!

Margarete detestou essa versão cheia de rancor vinda do garoto que julgava amar. Tinha se apaixonado por Edir pela bravura dele, por esse orgulho inquebrantável que o fazia ser diferente das pessoas que conhecia; por sua seriedade que nunca, nem por instante, pareceu ser tão invejosa e

deprimente quanto agora. Pelo visto Edir os detestava pelo simples fato de serem ricos, gratuitamente. Oh, essa raiva nos olhos dele, roubavam-lhe todo o brilho! Quantas vezes Margarete desejou viver com Edir, sem nunca tê-lo destrutado pela condição de ser pobre? E quantas vezes a condição dela, avantajada financeiramente, o fez desprezá-la? Ele gostou do dinheiro quando o teve em suas mãos, mas ao mesmo tempo desprezava quem tinha. Vendo o olhar de inveja naqueles olhos, escutando as palavras de cobiça naquela boca, observando as roupas novas que não combinavam com o jeito dele, e sentindo o perfume sobrecarregado que impregnava a sala inteira, sentiu certa aversão pelo garoto. Ele tinha acabado de empurrar seu pai, um homem de idade, que apesar de ter sido injusto por culpa da mentira que ela inventou, tentava se retratar. Edir não precisava ter feito todo esse papelão e chegado ao extremo de mostrar a fúria e afeição que sentia contra eles.

– E você, como é patética, protegendo seu paizinho! – Edir não pensou duas vezes antes de contestá-la com desprezo.

– Nossa! Resolveu mostrar a cara mesmo, né Edir? E dizer que eu estava apaixonada por você! Meu Deus! Como fui estúpida!

– “Fui?” – Ele protestou, rindo com vontade. – Garota, você ainda é! O que vai fazer agora? Arrotar, peidar, ou o que?

Margarete arregaçou as finas mangas da blusa que usava e fechou os punhos.

– Vou arrebentar sua cara de ganso!

Dona Alissa interferiu imediatamente, colocando-se na frente da filha.

– Margarete! Tenha modos! Você não precisa se rebaixar dessa forma! – Olhando para Edir, sentenciou: – Saia da nossa casa imediatamente! Não temos porque escutar seus desaforos e palavrões!

O Dr. Brandão, evitando chamar a segurança, asseverou autoritário:

– Edir, você pode ir agora, mas até o final da próxima semana, quero que me devolva cada centavo, pois eu mesmo entregarei esse dinheiro ao seu pai. O que Margarete lhe deu também. Quero cada tostão. Se você não consegue se desprender do dinheiro e entregá-lo a quem é devido, eu o farei.

Edir tremeu. Com os olhos parecendo querer saltar-lhe do rosto, protestou:

– Nem a pau! Quem disse que confio no senhor?

– Não me interessa se você confia em mim ou não. Dou minha palavra que cada centavo, inclusive o que Margarete lhe deu, será repassado ao seu pai, como é o certo. Se você não fizer, terei uma conversinha com o Silva, e dessa vez não será sobre trabalho.

– E não esqueça que ainda podemos denunciá-lo por agressão. – Completou Dona Alissa.

– E por avareza também, babacão! – Margarete ouviu-se dizer ainda com as mangas da blusa levantada, surpresa pela forma como seu amor havia evaporado instantaneamente.

## Nove

Margarete passou o fim de semana angustiada. Primeiro sentiu o ódio mais mortal que um ser humano pode sentir por outro; o ódio contra o garoto que ao mesmo tempo amava. Ama? Amava? Questionou-se um milhão de vezes. Ainda tinha na lembrança a imagem de Edir capinando o quintal embaixo do sol, recusando os quitutes de caviar que ela oferecia, com seu rosto orgulhoso e determinado. Que empatia sofria pelas pessoas de classe inferior! Desde pequena não podia ver pedintes, crianças descalças, velhos desamparados, que seu coração diminuía até desaparecer do peito. Dava dinheiro a todos que pediam, pagava o lanche das colegas famintas, a balada, a entrada, a cerveja. Porque é claro, tal qual seu coração exigia, suas amigas (com exceção das que fizera no colégio e no clube que frequentava assiduamente), também eram pobres.

Nunca entendeu porque gente que não tem casa é chamado de “morador de rua”. Quem mora tem um lugar fixo para se recolher todas as noites, diferente de quem não tem onde morar, mas que é citado como “morador”. A rua não é morada para ninguém, sempre pensou contrafeita. Ainda mantinha o sonho de construir um abrigo para essa gente da rua, que dizem serem “moradores”, mas que, no entanto, moram em lugar algum. Talvez seu amor por Edir seguia essa estranha corrente empática que sentia pelos mais carentes. Edir foi a única experiência “pobre” com a qual conviveu desde pequena, uma “experiência” praticamente de sua idade, que a fez se apaixonar perdidamente. Mas o que é apaixonar-se perdidamente? É fazer tolices, dar cabeçadas, entregar-se de corpo e alma, ainda que não queiram nosso corpo nem nossa alma? É ficar literalmente perdido? Abobalhado? Imbecil? A expressão deveria ser: “Burramente apaixonado”! Em nome dessa empatia que sentia pelos pobres, apaixonou-se por um e meteu-se na vida dele, desviando-o de seu caminho, fazendo-o perder-se tanto quanto ela. Algumas pessoas ajudam quando outras não querem ser ajudadas, quando não precisam e não perguntam por isso. Algumas “ajudas” são na verdade, empurrões ao precipício. Até quando deveria culpar-se pelo mal que fez a Edir, privando a ele e ao pai dele do trabalho que tinham em sua casa? Ora! Tentou corrigir tudo isso contando a verdade ao seu pai. Roubou da própria família e desviou um bom dinheiro no intuito de “ajudá-lo” a passar pela dificuldade que a família dele enfrentava. (Pelo menos seu pai não ficou furioso por ela ter assaltado o cofre da casa...). O pai de Edir não conseguia mais trabalho. Ok. Era culpada direta e indiretamente por isso, pois se não tivesse mentido, ele ainda estaria empregado. Por outro lado, e se a demissão houvesse sido espontânea, do tipo: ela e sua família mudariam para o Japão, vendendo a casa e desfazendo-se de todos os empregados. Então, o pai de Edir ficaria na rua por uma razão natural e precisaria correr atrás de um novo trabalho. E se ele não conseguisse? Poderiam culpar sua família por isso? Quem, em nome da adolescência e imaturidade, não dá cabeçadas? Ela deu uma, e grande, mas tentou consertar. Que culpa tinha ela (e como poderia saber) que ao entregar dinheiro na mão de Edir, tentando ajudar a família dele, despertaria no crápula a cobiça e ambição, ao ponto de fazê-lo esconder essa grana do próprio pai? Que se apossaria de tudo exclusivamente para ele?

Pensando em tudo isso, apiedou-se, pois agora Edir sofria e conhecia sentimentos novos, ruins, perversos, tudo por causa da “ajuda” que ela ofereceu. Dizem que dinheiro não é problema, mas solução. Nesse caso, o dinheiro solucionou o que? Nada. Trouxe apenas grandes problemas para todos. Teria que explicar-se com Edir, e pedir para não ter raiva dela. Fazê-lo devolver o dinheiro ao seu pai, para então, entregá-lo ao pai dele, como era o propósito desde o início. Mais de 48 horas passaram. Esperava que toda a raiva e humilhação da sexta-feira estivessem mais amenas agora, na cabeça de cada um daqueles que esteve na casa e presenciou a cena inteira. O olhar de bicho que Edir tinha nos olhos, a mentira, a verdade, o que ocultou e o que revelou, por peso da pressão que seu pai fez. Esperava ainda que seus pais não tivessem mágoa de Edir, e nem Edir, mágoa deles. Que Edir não sentisse, sobretudo, raiva dela, alguém que também o odiou nas últimas horas, mas que o perdoava e o entendia agora, voltando a sentir a

mesma paixão e piedade de todos os últimos anos (bem, talvez um pouco menos, depois de ver e lembrar-se a cada instante aqueles olhos de fúria que encarou na noite de sexta)...

**Contava os minutos e segundos**, tentando assim ganhar mais tempo. Quanto mais o tempo passasse, menor estaria a fúria e vergonha de Edir. Sua vida inteira mudou da noite para o dia. Acabou de urinar no palitinho. Estava grávida. Meu Deus, grávida! Uma vida começaria a crescer dentro dela. Margarete, a porra louca, seria mãe! Na sexta-feira era a malucona imatura, na terça descobria que gerava um ser dentro dela. Como contaria isso aos pais? Ao Edir? Aos pais dele? *Foda-se! Vou ser mãe, queira o mundo ou não, um Brandãozinho chegará!* Ao princípio (nos primeiros quatro ou cinco minutos) ficou nervosa e histérica. Depois, apenas nervosa. Colocou o palitinho na boca sem querer, meditativa. Cuspiu até a última gota de saliva na pia. Escovou os dentes. Fez bochecho com antisséptico bucal. Sentiu náuseas sem saber se foi pelo nojo de sentir a própria urina na boca ou por causa da gestação iminente.

A quem contaria primeiro? Aos seus pais ou ao Edir, aquele babacão de mão cheia? Como ele aceitará o fato de em breve ser pai? Como seus pais aceitarão serem avós de um filho do Edir, o jardineiro? Ou quer dizer, ex-jardineiro, filho do Silva? Psicológico ou não, Margarete já sentia os peitos maiores, embora sua gravidez fosse de algumas poucas semanas, descoberta sete minutos antes. Que porcaria! Seus pais sequer desconfiavam que já havia transado e já chegava grávida. *Margarete como sempre, colocando o carro diante dos bois!* Gritaria sua mãe, escandalizada pelo bastardo, querendo saber quando se deu o acasalamento. Não entraria em detalhes para não confessar que em seu primeiro coito, *pimba!* Engravidou! Sua mãe tinha toda razão em chamá-la de imatura. Ora, um ser fértil como ela, capaz de engravidar (bastando que tivesse relações sexuais para tanto) foi incapaz de se cuidar. Nem dava para dizer que foi “planejado”. Planejado o que? Como uma garota de dezessete anos pode planejar sua gravidez com o filho do jardineiro (que odeia todos em sua família, e sequer tem trabalho ou estudo?); um rapaz que embora conheça há anos, só começou a namorar fazia apenas alguns meses? Seria mãe, mas ainda era a garota inexperiente que fazia cursinho pré-vestibular, que nunca trabalhou na vida ou teve relação sexual antes. Que belo casal! A doida e o despeitado (com seus olhos de bicho).

Aceitaria seu filho (quando fosse mais velho e entendesse a situação) esse abismo de diferenças que separavam ela e Edir? Bem, se o próprio Edir não aceitava e se afligia por essa diferença gritante de classes, como poderia seu filho entender e aceitar isso?

Teria esse bebê a qualquer preço, mesmo que seus pais e o próprio Edir relinçassem contra, arreganhando os dentes e fazendo protestos em praça pública.

## Dez

– Eu não acredito! – Gritou Margarete desolada ao escutar o que Tatiana dizia.

– Sim, é verdade, acredite você ou não!

– Morando com a Penélope? Como aquele cretino tem a coragem?

– Bom, amiga, eu não vi com meus próprios olhos, mas naquele bairro, a vida de um é a vida de todos. Edir contou aos pais dele que está morando na casa de um amigo, mas o burro chegou lá no sábado, dirigindo o carro da Penélope, fazendo marra, cantando pneu e dando cavalinho de pau na rua. Ele estava bem bonitinho se você quer saber... Camiseta de marca e calça jeans, na maior pinta! Pagou de gatão lá.

– Então Edir é um mau caráter mesmo!

– Ah, acho que não é mau caráter, não. Só imaturo, aproveitando seu momento de “pegador”. Mas também pudera... Todas as minas com grana estão caídas por ele! – Tatiana o defendeu sem conhecer metade da missa, sabendo apenas da gravidez de Marga.

Margarete queria que Renata estivesse ali também para dividir seu segredo com as duas melhores amigas, mas Renata estava no interior e só voltaria em duas semanas. Contou as boas novas à Tatiana sem receber o entusiasmo que esperava.

– Você é louca! Como não se cuidou? Sua mãe vai te matar! – Foi a primeira coisa que disse. Na segunda, perguntou: – Posso ser madrinha?

Margarete ficou obcecada com a informação que recebeu. Será que Edir procurou Penélope na noite de sexta-feira por puro desespero, ou já estava com ela antes? Ou ele estava apenas com o carro dela, sem nada mais atrás disso? Talvez fossem apenas bons amigos... ou talvez Edir estava atrás do dinheiro dela também... Quem era ele, afinal? O filho honrado do jardineiro com seus olhos de orgulho ou o cara com olhos de fome, fúria e dor-de-cotovelo que viu na sexta-feira? Havia de fato criado um monstro em Edir ou esse monstro já vivia dentro dele, adormecido?

– Estou literalmente chocada!

– Ah, Margarete, não exagera! Você que vacilou ao engravidar dele. Não é para tanto, vai! Quem nos dias de hoje conhece, namora, casa e engravida do primeiro amor, e é feliz para sempre? Ninguém! Tanto mulher quanto homem tem que rodar muito antes de conhecer a cara metade. Você foi descuidada, marcou bobeira nessa. O Edir nunca foi flor que se cheirasse. Ele sabe que é bonitão e se aproveita disso. É homem, pow! E a Penélope é um caso antigo já...

– Mas Tati, o canalha estava comigo! Veio na minha casa para oficializarmos o namoro... – Calou-se quando chegou aqui, pois não queria contar o resto.

– E aí, como foi?

– Para falar a verdade, nada bem...

Infeliz por precisar guardar tudo isso apenas para si mesma, resolveu abrir o bico e contar tudo. Quando acabou, foi a vez de Tatiana ficar boquiaberta.

– Cara, não acredito! Agora todo o resto faz um pouco mais de sentido. Seus pais têm todo motivo para não querê-lo por perto. O que você vai fazer? Acho melhor abortar o bastardinho... Se quiser, entro em contato com as meninas lá do bairro. Todas que eu conheço já passaram por pelo menos um aborto.

– Aborto? Nem pensar! Posso ser mãe solteira, fazer uma produção independente, nunca revelar o nome de Edir para meu filho, mas aborto não faço!

– Você vai contar ao Edir que ele será papai?

– Não brinca com isso, não, porque estou com tanta raiva que poderia esganá-lo agora. A bomba sobrou inteira para mim. Eu terei que adiar os planos da faculdade, encarar a bronca dos meus pais, me

arregaçar inteira para fazer esse bebê sair... Enquanto o Edir ficará mais uns bons anos dando cavalinho de pau com o carro dos outros.

– Se eu fosse você, pensava bem. Realmente não há necessidade de adiar todo seu futuro e complicar sua vida para ter uma criança aos dezessete anos. Parece um orgulho besta esse, uma moral sem sentido prático. Você não precisa provar nada aqui. Deixa para ter um filho quando estiver formada, com um cara legal; quando for adulta e independente o suficiente para não precisar se justificar a ninguém. Agora você terá que se explicar com todo mundo, escutar desaforos, desapontar seus pais, colocar esse fardo nas costas deles; afinal, quem sustentará esse bebê?

– Fica quieta, Tati! Você não vai me fazer duvidar! Não vou ter esse bebê para provar nada. É que simplesmente, já gosto dele... Ele já faz parte de mim, sabe? Sei que vou ter que pagar um preço para tê-lo, mas estou preparada.

– Está mesmo?

– Estou. – Disse confiante. – E aí? Vamos lá na Penélope aloprar o Edir?

– Ufa! Que susto! Por um momento achei mesmo que você tinha crescido!

## Onze

Penélope abriu a porta com um daiquiri na mão. Pelo visto dava uma festa. Som alto e gritaria vinham dos fundos da casa.

– E depois dizem que a filhinha do papai sou eu! – Disse Margarete, encarando-a nos olhos. – Menina, é quarta-feira. Acorda! Como você pode beber a essa hora do dia? Todos os seus amigos são desocupados como você?

Penélope era gente boa demais para se ofender com a intrusa.

– Margarete Brandão! – Exclamou sorrindo e sem se afetar. – O que veio fazer aqui? Apenas invejar minha vida ou quer participar da festa?

– Bom... – Margarete reconheceu ter merecido essas palavras. O que ela tinha a ver se a menina dava festinhas às quartas-feiras e bebia daiquiri de camisola? Ou será que aquilo que vestia era uma saída de banho? – Não, não vim invejar você não. Vim felicitá-la! Soube que está com o Edir novamente. – Jogou verde, afirmando o que de fato ainda não sabia. Talvez Penélope dissesse que eles não passavam de bons amigos que se divertiam juntos e tal...

– Obrigada, mas... Achei que você ainda gostasse dele. É muita camaradagem sua vir até aqui me dizer isso. Oi Tati, tudo bem? – Cumprimentou-a com três beijinhos, demonstrando que gostava dela. – Não sabia que você era amiga da Margarete!

Nem foi necessário esse teatrinho de “Vim felicitá-la...”, pois pelo visto Penélope e Edir não escondiam a relação de ninguém. O canalha sequer pediu segredo ou discrição. Definitivamente, ela não significava muito na vida daquele monstrinho. E céus! Por que a tal Penélope parecia tão gente fina? Era uma conspiração dos deuses contra ela? Enquanto Margarete estava insegura, amargurada, sentindo-se traída e rejeitada, Penélope aparecia exuberante e feliz com seu daiquiri, vivendo a vida que todo adolescente porra louca gostaria de levar. Lutou para não sentir inveja da criatura. Penélope não tinha pais, vivia largada por aí, bebendo de domingo a domingo. Era tão sozinha que se contentava em ter o bobalhão do Edir ao seu lado. Ao pensar sobre isso, percebeu que era tão desesperada quanto ela, pois apesar de seus pais estarem vivos, também teria se contentado com o amor parvo de Edir.

– Que bons ventos a trazem aqui, Margarete Brandão? – Gritou Edir desde o corredor da casa, chegando com um copo de uísque na mão. Usava apenas sunga e estava com o cabelo molhado. Pelo barulho que escutavam desde a porta, parecia que a festinha acontecia na beira da piscina. Margarete estremeceu quando o viu frente a frente.

– É melhor irmos embora, Marga. – Aconselhou Tatiana, sentindo-se desconfortável. Edir parecia forçadamente gentil, e isso não lhe agradava nadinha.

– Embora? – Perguntou Edir antes que Margarete pudesse dizer qualquer coisa. – Nada disso! Vocês vão entrar e beber alguma coisa com a gente!

– É, meninas! Entrem aqui! – Ofereceu Penélope, parecendo não dividir nem a sombra dos ciúmes que Margarete sentia. Talvez ela não gostasse de Edir tanto quanto Margarete gostava, ou talvez apenas, ela não visse Margarete como uma ameaça. *Vai saber!* Pensava Margarete enquanto tentava suportar a cara de pau de Edir, que as convidava para entrar como se a casa fosse dele.

– Edir, queria trocar uma palavrinha com você. – Avisou, sem mover um passo.

– Não seja boba e entre. Vamos conversar aqui dentro! Ninguém morde aqui, não!

Margarete olhou para Tatiana vendo se ela concordava, e então, entraram.

Edir as levou até à piscina, onde Penélope apresentou seu grupo de amigos. Não era de fato uma festa, apenas um encontro de adolescentes pés de cana.

– Posso falar com você agora? – Margarete perguntou, mas o som da música estava tão alto que não ele não ouviu. Logo Edir voltou com dois copos de uísque, fazendo um brinde.



– À família de Margarete!

Tatiana e Margarete pegaram os copos, porém não beberam e nem brindaram a nada.

– Acho que ele já passou das contas com a bebida – Constatou Tatiana, cochichando nos ouvidos de Marga. – É melhor disfarçarmos e irmos embora daqui. Não dá para conversar com ele hoje.

– É mesmo; eu não disse que ele é um babacão? – Evidenciou, apontando-o com os olhos discretamente, enquanto Edir forçava os bíceps, falando alto no celular. – Olha como ele quer se aparecer! Vamos sair logo daqui antes que eu vomite na cara desse panaca!

Margarete deixou o copo de uísque em cima da mesa sem ter tocado nele. Estava na borda da piscina, preparada para sair. Deu apenas alguns passos quando Edir a interpelou:

– Hei Marga! Você não queria conversar comigo? – Inquiriu, segurando-a pela mão. Por um instante Margarete vacilou. *Queria mesmo conversar com ele?* Perguntou-se. Iria dizer ao Bozo que esperava um filho? Deveria lembrá-lo sobre o prazo que ele tinha para devolver o dinheiro? Edir parecia bem relaxado na piscina, falando no celular com os amigos ricos de Penélope, passando-se por anfitrião, sem qualquer culpa ou vergonha por estar com outra garota, fazendo um papelão de dar dó. Quando Tatiana contou sobre Penélope e Edir, Margarete sentiu um ciúme avassalador, porém quando chegou ali na tentativa de desmascará-lo e o encontrou tão confortável com a situação, percebeu que não fora ela a enganada, mas sim a dona da casa que tomava daiquiris; afinal, ao que tudo indicava a *garota oficial* de Edir era Penélope, e não ela. Margarete era a outra! A pentelha que precisava sair do caminho! Como se equivocou tanto com esse rapaz? E se Edir a olhasse com aqueles olhos de louco novamente? Continuaría gostando dele? Não. Já não gostava de Edir. Sentiu isso na noite de sexta e sentia agora ainda mais, ao vê-lo bancar o granfino na casa de outra garota: Bêbado, ainda mais imaturo do que ela mesma conseguia ser em toda sua capacidade, exibindo seu corpo bonito e a porcária de um celular, tomando uísque e brindando à família dela, cinicamente. Era tão cara de pau e seguro de si que sequer temia que pudesse ser desmascarado na frente de todos. Ao invés de evitar o confronto com ela, convidava-a para entrar na casa que não era dele e assistir ao espetáculo que fazia. O que Edir queria mostrar com essa ostentação? Será que era incapaz de perceber que aquela casa, Penélope e os amigos dela, uma piscina ou um celular de merda não a impressionavam em absoluto? O rapaz lindo por quem antes morria de amores começava a parecer um palhaço de circo. O bobo da corte. O Bozo de sunga. Seu filho não nasceria com uma bola vermelha no nariz, e para tanto, compreendeu que o melhor a fazer seria jamais contar sobre sua gravidez. Dar-lhe um adeus definitivo.

Convencida que Edir era um pária, disfarçou o assunto que a levou até ali, confirmando:

– Então, você e Penélope estão juntos?

Ele estava bem relaxado, em paz com sua consciência, parecendo que jamais teve um compromisso com ela ou que alguma vez lhe deveu explicações:

– E quando estivemos separados? – Perguntou e soltou uma gargalhada. – Você não levou a sério aquilo que tivemos, não é? – Mal podia conter a graça da piada e seguiu rindo. – Margarete, foi só uma foda! Eu queria comer sua boceta, nada mais. Não sei onde estava com a cabeça quando fui a sua casa me apresentar oficialmente aos seus pais. Aliás, “oficialmente” em que? Em ter tirado seu cabaço; é isso? Achei uma tremenda palhaçada tudo aquilo. Em que século estamos? Seus pais acham que você merece ser cortejada, mesmo? Quem eles pensam que você é, uma dama?

*Eu não sou uma dama, mas você com certeza é um vagabundo!* Pensou, sem expressar-se verbalmente. Seus olhos ficaram cheios de lágrimas. Como Edir tinha a coragem de falar assim com ela? Então, tudo que viveu ao lado dele, entregando sua virgindade e planejando o futuro, foi apenas um sonho? Uma ilusão de garota boba?

Edir sequer percebeu a dor que suas palavras causaram nela, e continuou indiferente:

– O que você esperava de mim? Já não teve tudo o que queria? Quer pagar um boquete, é isso? Vamos ali atrás que eu coloco meu pau na sua boca, mas tem que ser escondido da Penélope, pois ela não

vai gostar...

Forçando-se a acreditar que Edir estava bêbado e, portanto não tinha a intenção de falar dessa forma vulgar, tentou ignorar o que escutou. Se a intenção dele era humilhá-la por ter sido escorraçado de sua casa feito um bandidinho de quinta, não conseguiria.

Negando-se terminantemente a entrar na baixaria, sentenciou:

– Olha, você tem até sexta-feira para levar cada centavo que lhe demos até minha casa, pois do contrário meu pai chamará a polícia! – Disse isso e virou as costas, decidida a sair dali e nunca mais vê-lo. Se Edir acreditava mesmo que poderia bancar o gostosão apenas porque fizeram sexo, estava muito enganado. Ele até podia ser o bonitinho de sunga que tomava uísque e tal, mas no fundo, não passava de um recalçado e invejoso que tinha uma dívida com a família dela. E para tirar toda empáfia do ladrão, fez questão de deixar isso bem claro.

Margarete teve tempo de vê-lo ranger o maxilar e fazer aquele olhar furioso de louco. Ao virar as costas para ele, foi agarrada pelos ombros, e empurrada na piscina com violência. Sequer teve tempo para se defender. Edir pulou junto na água, mantendo-a submersa. Ela esperneou, tentou sair de baixo da água para respirar, mas ele empurrava a cabeça dela para baixo. Margaret pegou nos testículos dele, apertando-os com força, desesperada, e então ele a soltou um pouquinho, gritando palavras que ela não conseguiu entender. Finalmente, conseguiu colocar a cabeça para fora e respirar profundo, mas antes que pudesse se recompor, Edir a agarrou de novo; dessa vez, dando-lhe uma chave de braço por trás. Margaret se debatia embaixo da água, sem conseguir acertá-lo. Entrou água pelo nariz e pela boca. Por mais que lutasse, protegendo sua vida, não conseguia se libertar. Sentia gosto de cloro na garganta. Estava afogando de vez. Tatiana e os amigos de Penélope entraram na piscina, tentando apartá-los. Os garotos tiveram que puxar Edir pelos braços e pernas, pois ele estava fora de si, usando toda sua força para afogá-la a qualquer custo. Quando conseguiram separá-los, Tatiana e um amigo de Penélope tiraram Margaret da piscina, já inconsciente. Penélope gritava agachada na borda, perguntando que raios Edir tinha feito, sem conseguir entender a situação.

Penélope correu para ajudar Margaret, fazendo respiração boca a boca. Quando ela engasgou e começou a tossir, Tatiana a virou de lado, chorando de emoção e nervosismo, agradecendo aos céus (e a Penélope) por sua amiga estar viva. Edir precisou ser contido pelos rapazes, pois estava propenso a voltar e terminar o que começou.

– Essa garota não vale nada! – Gritava com seus olhos de bicho, saltando do rosto. – Vem me ameaçar de novo, Margaret! – Provocou, vendo-a já recuperada.

– Edir! Caralho! – Berrou Penélope, nervosa. – Você queria mesmo matá-la! Enlouqueceu de vez?

– Quem enlouqueceu foi essa desgraçada aí! Ainda acabo com a raça dela!

– Não deixem ele beber mais nada! E segurem-no até eu voltar! – Ordenou Penélope, deixando a casa com Margaret e Tatiana.

Penélope abriu a porta do carro para as duas entrarem. No caminho, quis saber o que aconteceu. O que tinha deixado Edir tão enlouquecido. Margaret quis alertá-la sobre ele, mas ainda estava em choque e não conseguiu articular uma única palavra.

Tatiana que abraçava sua amiga no banco de trás do automóvel, vendo-a fraca e impotente demais para falar, avisou:

– Penélope, só vou dizer uma coisa: Abre teu olho com o Edir. Ele não é o que parece! Esse cara está maluco por dinheiro, doidão! Por grana ele é capaz de afogar até a própria mãe na piscina!

## Doze

Margarete ficou na casa de Tatiana e ligou para sua mãe de lá. Disse que ficaria até mais tarde, pois jogariam vôlei e sairiam para lanchar. Dona Alissa não gostou de saber que sua filha estava novamente na zona sul, no bairro onde Edir morava, e por isso pediu para Margarete ligar novamente quando estivesse pronta, pois mandaria o motorista buscá-la. Margarete não quis chegar a casa com a roupa toda molhada, pálida feito papel. Começou a sentir fortes dores abdominais desde que entrou no carro, e por isso pediu a Penélope que as deixasse na zona sul. Tatiana era vizinha de Edir, mas Edir estava momentaneamente longe, bêbado e selvagem demais para aparecer no bairro nesse estado. Pediu a Penélope que não dissesse a ele que ficaram ali; em troca contaria tudo que havia acontecido. Esse foi o trato. Durante a semana ligaria para Penélope e daria os pormenores (menos sobre a gravidez, é claro), acerca do tórrido romance que tivera com aquele animal de sobrenome Silva.

**Tatiana tenta confortá-la**, quer conversar sobre o que aconteceu, mas Margarete está apática. Troca as roupas molhadas por peças secas do armário de Tatiana. De repente, começa a encolher-se em um canto, até começar a contorcer-se de dor. Sente cheiro de queimado e ergue um dos olhos em direção à janela para ver de onde o fogo vem. A chama não acaba; tampouco a dor que sente. Por dentro e por fora: Labaredas! Então descobre que quem queima é ela. Está em fogo. O fluido vermelho desce perna abaixo. Sangra bastante. Assusta-se nos primeiros segundos, mas logo sorri. O demônio sai de seu corpo lentamente e a liberta de todo o veneno. Não quer um filho de Edir, é claro que não! Agora entende. É uma garota de sorte, afinal não precisou de um açougueiro para fazer o serviço, a própria natureza se encarregou do recado. Sabe que voltará a decepcionar seus pais novamente, mas pelo menos dessa decepção (de serem avós de um bastardo) eles serão poupados. Da sexta-feira para cá, sua vida virou de ponta a cabeça. Na sexta era uma adolescente bobalhona que apertava as bochechas do pai e esperava a visita oficial de seu primeiro namorado, cheia de bobagens na cabeça e borboletas no estômago. Três dias depois descobre que está grávida, sente-se mãe, enxerga o futuro com seu filho; faz planos com ele desde a maternidade até a Universidade, enfrenta a todos e vence obstáculos em sua imaginação. Descobre que o garoto que conhece desde muitos anos (pai de seu filho) que julgava ser um anjo, é na verdade um crápula, interesseiro e odioso. A relação que viveu e sentiu em cada poro do seu corpo, tão real quanto sua imagem no espelho, não passou de uma ilusão, onde ela viveu um romance, e ele uma mentira. Ela sonhou apaixonada, enquanto ele teve pesadelos.

Até então era a menina Brandão do condomínio, mas alguns dias antes despediu um homem, atuando como *O Poderoso Chefão*. Foi traída, enganada, e quase assassinada pelas mãos do garoto que amou. Quase morreu. Sobreviveu. Engravidou. E agora, abortava. Seu passo para a vida adulta iniciava com o Globo de ouro.

Definitivamente estava na hora de aprender e crescer.

*De hoje em diante, qualquer escândalo está vetado em minha vida!*

Pensa e reflete tudo isso enquanto sangra.

*Amanhã será um novo dia...*

## Treze

Edir acordou no sofá de Penélope com uma dor de cabeça daquelas. Jamais teve uma ressaca assim. Jamais bebeu como no dia anterior. Jamais foi violento com alguém como foi com Margarete. Meu Deus! Por um triz não a matou! Onde estava com a cabeça? Que tipo de demônio vivia dentro dele para fazer isso? Pensava em Margarete, e tremia. Ele e Penélope brigaram feio por causa disso. Os amigos de Pepe contiveram-no como se fosse uma besta selvagem. Falavam sobre ele na terceira pessoa como se ele não estivesse ali. Negaram-lhe a garrafa de uísque como se tivesse problemas com a bebida. Logo ele! Que costumava não beber como os amigos faziam. Nunca deu um vexame como esse antes; jamais vomitou e colocou até a última gota de comida, bebida e bÍlis para fora do jeito que fez. Margarete era culpada disso! O que Penélope e os amigos dela pensavam ao seu respeito, agora? Viu-os cochichando em um canto enquanto passava mal. Que tipo de conselhos lhe davam? Diziam que era muita baixaria misturarem-se com alguém como ele? Um selvagem, sem berço, grana e educação? Um cara que não conhece os limites da bebida e que não consegue se divertir sem dar vexame? Todos quiseram saber os motivos que o levaram a fazer aquilo. Afogar uma garota! O cara tem que ter um motivo muito forte ou ser muito desequilibrado para tanto! Qual das duas opções lhe cabia? Como podia contar que Margarete havia armado para ele, feito seu pai perder o trabalho, e o humilhado daquele jeito na casa dos pais dela, na sexta-feira? Margarete combinara tudo com os velhotes de antemão. Entendia isso agora. Enviaram-lhe dinheiro apenas para testá-lo; não podia ser coincidência. Agora queriam o dinheiro de volta. Queriam tirar-lhe seu bem mais precioso e envolvê-lo nesse inferno de agonia.

Edir lembrou como foi difícil no dia anterior ir ao banco e assinar o maldito papel de saque, onde pedia a limpeza da conta. Era tanta grana que o banco precisava de 24 horas para entregar-lhe tudo. Sentia-se esgotado e deprimido por isso. Rico em um dia, miserável no outro. Teria que entregar seu tesouro ao Dr. Brandão, pisar naquela casa novamente e rebaixar-se àquela gente. Seu pai receberia o dinheiro que era dele, e o que faria? Pagaria malditas contas atrasadas. Compraria no supermercado o rancho do mês: Arroz, feijão, leite, salsichas...! Um dinheiro tão lindo e verde para comprar arroz e salsichas; que disparate! Seu pai compraria um carro para trabalhar, e o que sobrasse colocaria na poupança. Edir não voltaria a ver a cor desse dinheiro jamais. Teria que voltar para a obra e trabalhar como servente, sujando-se com cimento e cal, ficando com as mãos calejadas e o corpo doído de dor. Malditos Brandão! Se queriam tanto que seu pai recebesse dinheiro, por que não faziam um novo cheque e o deixavam em paz? Não. Claro que não! Antes precisavam encher o saco e importuná-lo por um valor que certamente não significa nada à família, enquanto para ele denotava TUDO! Seus planos, seu presente, seu futuro.

Após passar pela dor de retirar o dinheiro que aprendeu a amar, Margarete chegou ali petulante, lembrando-o do tesouro que em breve perderia para sempre. Foi demais para sua cabeça. Qualquer pessoa perderia as estribeiras. Margarete nem se abalou por ele estar com outra garota. Simplesmente perguntou: “Vocês estão juntos?” como se não desse a mínima para ele, preocupada somente com o dinheiro que precisava devolver ao velhote. Vaca! Desde o começo soube que não deveria ter se envolvido com ela. Deveria ter seguido seus instintos. Mas não! Agora estava quebrado, humilhado, sem trabalho, cheio de planos ambiciosos na cabeça. Morto de raiva!

Edir escutou a descarga vinda do banheiro de cima. Penélope estava acordada. Mais essa agora! Teria que explicar-se e pedir-lhe perdão. Jurar que nunca mais faria algo assim. Inventar uma mentira bem boa. Mas sua cabeça dava tantas voltas quanto seu estômago. Maldita Margarete! Maldita bebida! Estava a ponto de vomitar novamente. Tão estragado que talvez só uma boa cagada resolveria seu mal estar. Levantou-se do sofá, ainda de sunga, fedendo a bÍlis por dentro e por fora, e foi ao banheiro. Aliviou-se por cima e por baixo. Da boca só saiu um líquido bem clarinho, amarelo, em pouquíssima

quantidade. Já não tinha nada ali para vomitar, apenas a indisposição que não saia via oral.

Quando saiu do banheiro, Penélope já o esperava na cozinha.

– Você está melhor, Edir? – Perguntou, desgostosa com a imagem do garoto que viu. Edir estava com os olhos vermelhos e inchados. Os ombros arcados denunciavam a fraqueza daquele corpo que vestia apenas sunga. Acordar e vê-lo nesse estado, lembrando-se de tudo que ele fez no dia anterior, era no mínimo patético e deprimente.

– Estou mais ou menos; meu estômago e minha cabeça ainda doem. – Disse, esperando que ela lhe oferecesse uma aspirina.

– Quando você estiver melhor, pegue suas roupas e saia daqui.

– Você está me zoando, né? – Assombrou-se tanto que a dor de cabeça até desapareceu. – Vai me dizer que você ou um dos seus amiguinhos nunca passaram da conta com a bebida?

– Ah sim! Passamos muitas vezes, mas em nenhuma delas tentamos matar alguém. – Disse em um tom de voz tranquilo, parecendo muito lúcida e decidida.

– Pepe! Por favor! Eu te amo! Você não vai me decepcionar como todo mundo, né? Já tive amarguras demais nos últimos tempos. Não quero que você entre para minha lista...

– Que lista? De inimigos? – Completou a frase antes dele. – Edir; não quero entrar para lista nenhuma. Só quero apenas que você vá embora. Eu gosto muito de você, mas o que existia entre nós acabou.

Penélope saiu da cozinha e caminhou até a porta da sala quando escutou o ronco de um carro estacionar na frente da casa. Abriu a porta para seus amigos entrarem. Depois do que viu Edir fazer, temia que ao terminar o namoro ele tivesse alguma reação violenta e inesperada. Por isso ligou para seus amigos, e só desceu do quarto (fechado à chave), quando soube que estavam a caminho.

– O que é isso? Vai ter festinha de novo? Você nem vai me convidar?

– Mesmo que tivesse uma “festinha”, acho que você não teria condições de participar dela. Edir; acabou! – Os amigos já estavam ao lado dela quando disse isso.

– Você precisava de público para terminar comigo? Isso lá é forma de romper com alguém? Eu merecia isso? – Perguntou, humilhado demais para permanecer com a cabeça levantada. Sentia vergonha do que fez e do julgamento que faziam dele agora.

– Eu só chamei o pessoal porque depois do que você fez ontem, fiquei com medo. Desculpe se exagerei. Não queria que as coisas acabassem assim... Juro!

– Pepe, eu jamais encostaria um dedo em você. Nem mesmo em Margarete eu seria capaz... Não sei onde estava com a cabeça ontem. Você tem que acreditar em mim!

– Eu acredito, Edir. Acredito mesmo. Mas isso não mudará nada!

– Você não vai me dar uma segunda chance?

– Desculpa... mas não dá. Não quero. – Confessou, sem conseguir esquecer o episódio na piscina. O que Edir fez foi forte demais; imperdoável. Se ela e seus amigos não estivessem lá, certamente a garota estaria morta agora. Todos seriam implicados no crime ocorrido em sua própria casa. Não; não queria esse tipo de encrenca na vida. Já tinha seus próprios problemas, embora nem de longe se assemelhassem a isso.

Penélope não precisava esperar o que Margarete lhe diria a respeito de Edir para entender, desde já, que ele era perigoso, e para entender também que já não tinha qualquer interesse por ele.

**Derrotado, Edir se vestiu e fez** uma bolsa com as coisas que tinha na casa dela. Pelo visto, Penélope não queria mesmo saber dele. Daria um tempo e esperaria um pouco mais para tentar uma reconciliação. Se de fato Penélope estava determinada em deixá-lo, então procuraria Margarete e reataria com ela, nem que para isso precisasse implorar-lhe o perdão de joelhos. Seus planos para um futuro próspero, cheio de fortuna e possibilidades, não seriam alterados apenas por causa de uma

bebedeira. Devolver o dinheiro também não seria o fim do mundo, pois usaria esse momento para chegar à casa dos Brandão de orelha baixa, fingindo humildade e arrependimento, jurando amor eterno à filha do casal. Margarete o perdoaria. Era apenas uma questão de tempo para tirar dela não apenas dez mil dólares, mas dez milhões, e tudo mais que a família tivesse. A primeira coisa que faria seria engravidá-la. Com um filho na barriga, aquele casal de idiotas o obrigaria a casar-se com ela; e então, era só esperar eles morrerem (já que estavam velhos mesmo) para tornar-se um dos herdeiros da família. Enquanto isso viveria naquele condomínio do caralho, não como jardineiro, mas como patrão, dirigindo um carro do ano e comendo canapés de caviar na piscina.

Pensando dessa forma, percebia que Penélope era um peixe pequeno. Ela jamais poderia oferecer o tipo de vida que Margarete tinha em mãos. De repente percebeu que não deveria ter vacilado com sua galinha dos ovos de ouro, mas estava disposto a correr atrás do prejuízo e resgatar todos os sonhos que fizera, tornando cada um deles reais.

Para isso, precisava ter Margarete novamente aos seus pés...

# Capítulo Final

Saiu do banco com o malote cheio. Deveria ir direto a casa dos Brandão entregá-lo, mas não conseguiu. Por um instante pensou em deixar a cidade, mas se fizesse isso, seus pais ficariam sabendo o que tinha feito, e isso ele não queria. Depois de todo aperto que passaram (e ainda estavam passando), com contas atrasadas e seu pai doente sem poder comprar os remédios da prescrição, a geladeira funcionando apenas trinta por cento, não podia deixá-los saber que durante todo esse período teve muito dinheiro em seu poder, podendo resolver a crise da casa e a doença de seu pai em um piscar de olhos. O que pensariam dele se descobrissem sobre a quantia que escondeu no banco? Durante todo esse tempo de aperto seus pais receberam apenas cento e cinquenta reais, divididos em três parcelas. Isso foi o que deu a eles: Cento e cinquenta míseros reais! Que mal ajudaram na comida, quem dirá nas contas vencidas ou na doença de seu pai. Não, não podia permitir que descobrissem a verdade jamais. Ainda lhe restava algo de brio e virtude. Preferia entregar tudo nas mãos do Dr. Brandão, contanto que seu segredo fosse resguardado. Fazendo isso ainda tinha a chance de reatar com Margarete e colocar seu plano principal em funcionamento: Casar-se com a doida varrida! Engraçado é que quando teve todas as chances de ludibriar Margarete e passar a perna nela, não quis. Deixou a bola passar. O terror de estar com ela e a repugnância que sentia foram ainda maiores que seu interesse financeiro. Mas naquele momento não raciocinava como hoje. Ainda não conhecia o tamanho de sua ambição. Arrependia-se agora por ter pensado tão pequeno antes. Seu único consolo era saber que nem tudo estava perdido. Se lutasse com paciência e determinação, reconquistaria aqueles sentimentos que Margarete tinha por ele. Era tão tonta, que apesar de tê-la humilhado, ficado com outra garota ao mesmo tempo em que estava com ela, e tentado afogá-la na piscina, ela talvez ainda o amasse e quisesse tanto quanto antes.

Afinal, reconquistá-la não seria um grande desafio...

**Entrou em casa tão silenciosamente** que seus pais sequer o escutaram. Pensavam ainda que ele estava na casa de um amigo e por isso não o esperavam. Trancou-se no quarto, retirando os maços de dinheiro do malote. Enfileirou tudo na cama, lado a lado. Acariciou os montinhos e conversou com eles. Estava seduzido. Apaixonado. Morrendo de amores. Tremia de emoção. Como poderia se desfazer de sua fortuna sem sofrer e gemer? Que provação cruel essa que teria que passar! Em nome de Mamom: Que injustiça! Permitiu corromper-se pela cobiça e agora estava perdido. Só o dinheiro pode ser mais fatal que o amor, mas agora ele tinha apenas o amor, enquanto o dinheiro partia. Por mais que tivesse planos maiores para o futuro, era terrivelmente doloroso desprender-se dessa peça importante do presente.

Entre lágrimas e soluços, abraçou e protegeu seu dinheiro até cair em um sono exausto sobre ele.

**Por volta das três horas da manhã** a fiação elétrica da geladeira deu problemas. O aparelho em chamas começou a soltar fagulhas que se desprenderam pela cozinha até adentrar a sala.

Edir acordou escutando gritos, para só após sentir o cheiro de queimado e ver as chamas vermelhas que iluminavam e lambiam embaixo da porta. Levantou assustado, tossindo pela fumaça que avançava depressa pelas frestas, sem saber o que fazer. Seu dinheiro estava todo ali, espalhado na cama. Não soube se o recolhia primeiro ou se corria para salvar seus pais. Tirou a camiseta que vestia e cobriu o nariz com ela antes de abrir a porta. A casa já estava em chamas e o telhado da cozinha acabava de despencar. Correu para o quarto dos pais, mas eles não estavam mais ali. Gritavam pelo lado de fora. Podia ouvir as vozes deles. Ainda dava tempo de sair pelo canto antes de desmaiar ou de a casa inteira ruir. O fogo e a fumaça começavam a sufocá-lo, mas não podia deixar seu dinheiro. Voltou para o quarto correndo, e começou a empacotá-lo de volta no malote.

– Tem alguém na casa! – Gritou uma voz pelo lado de fora, ao ver seu vulto passar frente à janela.

– EDIR? – Escutou a voz de seu pai berrar. – Edir, é você? – Sem obter resposta, Silva decretou:



– Eu vou entrar lá!

– Deixa de ser bobo, homem! – Escutou a voz de sua mãe dizer: – Faz dias que o Edir não aparece. O que ele estaria fazendo ali?

– Não interessa! Eu vou lá agora mesmo!

Nervoso, tentando não deixar nada para trás, os maços caíam de sua mão. Já tinha empacotado metade quando ouviu a voz de seu pai um pouco mais próxima.

– Edir? Você está aí, filho? – Ouviu novamente seu pai gritar desde a cozinha, sem conseguir ultrapassá-la.

Edir colocou o nariz na porta e conseguiu vê-lo na escadinha da entrada. Ele abanava a fumaça com as mãos, enquanto ao mesmo tempo protegia o nariz com um pano e tentava vencer o fogaréu. As sirenes dos bombeiros avisavam que eles chegavam nesse momento.

– Pai? Já estou saindo! – Gritou e correu de volta para o quarto, guardando o último montante às pressas.

– O que você está fazendo, meu filho? Vamos logo, Edir! Saia daí imediatamente! – Silva gritou histérico desde a escadinha sem conseguir avançar. – EDIR!!!!

Edir estava preparado para sair, mas o fogo alcançou o quarto antes. A casa inteira queimava. As labaredas da parede alcançaram sua roupa quando tentava escapar pela sala. Era tarde demais. Sufocava. O fogo estava em seu corpo. Começava a queimar e sentir o cheiro da própria carne chamuscada. Tentou apagar a chama do braço e ao mesmo tempo proteger o malote.

Em uma instintiva reação, vendo e sentindo o fogo alastrar-se para o pescoço, debateu-se sem preocupar-se com nada mais além da própria vida. Mas era tarde. Seu corpo inteiro estava em chamas.

A última cena que viu foi o dinheiro queimar. A última palavra que escutou foi seu próprio nome, gritada na voz do pai, no lado de fora.

E então, apesar do fogo que clareava o bairro inteiro, tudo ficou escuro e o telhado da casa caiu.

## Conheça as outras obras de Geyme Lechner Mannes...

**V**eneno Delas é um romance intenso e cruel, de amor e ódio, desafetos familiares e paixões obsessivas. Ambientado no Brasil do início dos anos 50, Roberta Barreto é pedida em casamento por Luciano Hoffmann no mesmo dia em que seu pai a estupra.

A menina inocente da Bahia foge para o Rio de Janeiro, onde nasce uma escritora decidida e, ao mesmo tempo, estranha. Em meio a sonhos de amor naufragados, ambição e suicídios, as histórias de Roberta e Daniel se juntam, fazendo uma esposa traída jogar de forma sórdida e violenta para não perder o marido. Entre vítimas e vilões, onde ninguém é totalmente inocente ou culpado, mulheres completamente diferentes cruzam os mesmos caminhos provando que amor e ódio caminham juntos.

**S**egundas Intenções transporta o leitor a duas histórias paralelas no tempo: ao passado de Ana em 1989 e ao presente de Tomás, seu filho, em 2004.

Mãe e filho, vítimas das próprias emoções extrapoladas, que em momentos se confundem com amor, outros, com ciúmes, insegurança e obsessão, protagonizam a trama encontrada aqui.

O que há por trás da máscara que cada um de nós usa? Conflitos e dilemas... O ser humano é movido por “razões” que muitas vezes somente a loucura explica e reconhece.

Ambientado em Londrina, *Segundas Intenções* arranca as máscaras dos personagens e deixa a loucura que habita em cada um deles, despida de quaisquer pudores.

**D**iário de um Amoral Niki Kraut narra suas memórias fora de campo - antes e depois de jogar para o Bayern de Munique - seus desafetos e amores, relações e escândalos, sem medo de chocar o público.

Sua primeira mulher o abandona para ir atrás de um homem sem rosto, com quem sonha noites a fio. A segunda tenta exorcizá-lo. A terceira escreve um livro calunioso a seu respeito. A quarta tenta matá-lo.

Niki Kraut não é o mais bonito dos homens, mas possui um imã irresistível para as mulheres, tanto para que o amem quanto para que o odeiem.

**G**eyme Lechner Mannes é natural de Florianópolis, Brasil. Estudou Filosofia no exterior e Administração em Santa Catarina. Ganhou vários concursos literários nacionais e internacionais. Já morou na Argentina e Alemanha. Atualmente, vive no Brasil e na Alemanha e se dedica exclusivamente à literatura.

Veneno delas, publicado anteriormente com o título de “Anjos em pecado”, ganhou o apoio à tradução da BN (Biblioteca Nacional, em 2012) ao alemão.

Para conhecer mais sobre a autora, acesse:

[www.geyme.com](http://www.geyme.com)

© Geyme Lechner Mannes